# Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Março 1980
Sexta-feira
21

ANO 58.º
N.º 20 211
12$50

O racismo hoje

**Silas Cerqueira fala ao "DL" sobre o Zimbabwe**

Págs. 12, 13 e 14

**A Síria sai do obscurantismo**

Acompanhando o conselheiro da Revolução general Franco Charais, José Manuel Nunes visitou a Síria a convite do Partido Ba'ath para assistir às comemorações do 17.º aniversário da revolução socialista árabe. Numa conjuntura difícil, quer externa, quer interna, a Síria é um país determinado em sair do obscurantismo.

São as impressões dessa viagem que o «DL» publica numa série de três artigos do nosso colega de Redacção.

Na foto: o sultão Al Atrash, o «pachá» que comandou a resistência contra os franceses nos anos 30. Um velho lúcido para quem o socialismo árabe não é uma utopia.

Pág. 2

**Sete Ponto Sete**

Págs. 19 a 26

Delimitação dos sectores público e privado

# Comissão Constitucional revê decreto do Governo

**A Comissão Constitucional vai debruçar-se sobre o decreto governamental que revê a delimitação dos sectores públicos e privado, soube-se esta manhã.**

**Uma fonte da Comissão disse que, embora o Conselho da Revolução só reúna na terça-feira para decidir sobre o assunto, é «mais do que certo» que se accionem os mecanismos da fiscalização preventiva da constitucionalidade.**

**Trata-se de uma «medida cautelar» que se toma em relação a diplomas importantes «independentemente daquilo que dispõem», acrescentou a mesma fonte.**

**O diploma governamental, em segunda via, deu entrada quinta-feira nos serviços competentes do Conselho da Revolução.**

Surpresa na Catalunha

## Nacionalistas esmagam socialistas

**Surpresa na Catalunha: o partido nacionalista Convergência e União esmagou os socialistas. Na foto: Josep Taradellas, presidente catalão, acompanhado de sua esposa quando votava, ontem, em Barcelona (Telefoto EFE/Anop/DL)**

Crónica de F. Jauregui pág. 32

## Nauticampo abre esta tarde

O secretário de Estado do Turismo, Alberto Regueira, e o vice-presidente da AIP, Morbey Rodrigues, presidem esta tarde à inauguração da Nauticampo-80, Salão Internacional do Campismo, Caravanismo, Navegação de Recreio e Desporto que estará patente ao público (à espera de cem mil pessoas, segundo a organização) até ao dia 30

Pág. 9

## Luto em El Salvador

Todos os dias chegam até nós informações que falam de morte em El Salvador. Particularmente sangrento foi o dia 16, primeiro de uma greve geral, durante a qual a violência da Guarda e do Exército se abateu impiedosamente sobre os operários e camponeses. A direita (consubstanciada nas «14 famílias» – a oligarquia salvadorenha), o Exército e os E.U.A são acusados, pela esquerda em luta, de desenvolverem uma estratégia repressiva comum. Em menos de uma semana, cerca de 200 mortos. Na telefoto (UPI/ANOP/DL), familiares e amigos de alguns desses mortos, velam, na catedral de San Salvador.

Eanes em Aveiro:

## Democracia portuguesa também depende dos financiamentos ao poder local

Ramalho Eanes sustentou ontem, no final da sua visita à região de Aveiro, que uma «arquitectura democrática completa» para o nosso país terá de partir de um «edifício do Poder Local» baseado numa «efectiva descentralização e, em particular, na aplicação efectiva, da Lei das Finanças Locais».

Pág. 5

Síria — 17 anos de uma revolução (1)

# Um discurso difícil

No auditório da Universidade de Damasco estavam presentes todas as personalidades do mundo político. Membros do partido Ba'ath, ministros, embaixadores, militares, dirigentes sindicais, mas também operários e estudantes. O presidente Assad, ou Assad Al Rais como os sírios dizem, ia discursar. Estavamos a 8 de Março, o 17.º aniversário da revolução que levou o partido Ba'ath ao poder e que conduziu a República Arabe Síria para uma trajectória socialista.

Os Mercedes deixavam os convidados oficiais em frente do velho edifício ao cimo da avenidaque vem da Feira Internacional. As crianças das escolas abriam alas nas escadarias do auditório.

Forças de segurança revistavam os convidados à entrada. Ao som do hino do partido Ba'ath cantado pelas crianças de uniforme azul e de cravos vermelhos e brancos nas mãos, os convidados iam sendo desarmados. Os «cameramen» focavam as suas objectivas na entrada da sala. Sobre uma mesa colocada num guiche amontoavam-se as pistolas automáticas. O presidente Assad ia falar. Fazer o ponto da situação.

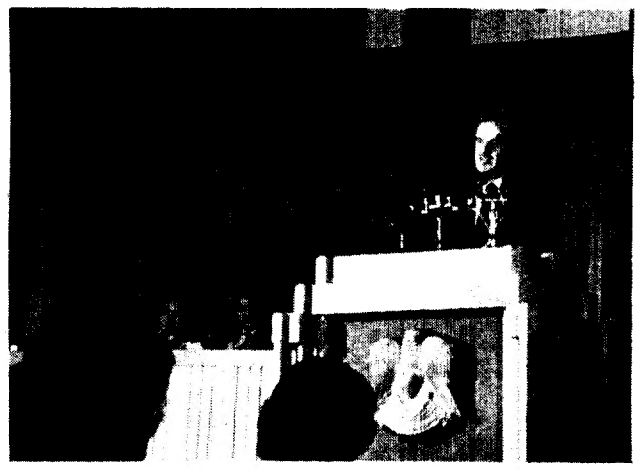
Foi assim que algumas horas após ter chegado a Damasco tomei contacto com um mundo diferente. 8 de Março, a data simbólica da via socialista árabe síria.

De uma enorme hospitalidade, os nossos anfitriões do Partido Ba'ath não se sentiram de imediato à vontade para porem diante dos olhos do jornalista a crise enfrentada pelo regime, más, nunca se negaram a explicar, quando solicitados, os seus pontos de vista sobre a actual situação.

Todavia, descansem os mais preocupados, não nos parece que o regime Ba'ath esteja ameaçado, simplesmente porque 17 anos não são dois dias, nem existe alternativa coerente ao actual regime.

A Síria tem tido uma vida difícil. Dominada pelos Otomanos até à queda do Império em 1920. Dominada depois pelos franceses, por mandato da Sociedade das Nações, até ao início dos anos 40, a Síria só conseguiu a verdadeira independência após o fim da Segunda Guerra Mundial. Não sem que tivesse resistido corajosamente contra os franceses, a partir de Sweda, pequena cidade do Sul.

E se lembramos este pormenor é porque ainda hoje lá vive o homem que fez a vida negra aos franceses. Com 97 anos ainda muito lúcidos e muito anti-sionistas o «Pasha» Al Atrash ainda tem forças para recordar a sua dura luta contra os franceses, não omitindo sequer o nome dos oficiais franceses que teve de enfrentar.



**Hafez Al Assad discursa no 8 de Março. Um discurso para 8 milhões de sírios, mas escutado em todo o mundo árabe. um estadista sereno num momento difícil de um país em construção.**

Mas, voltando ao fio da meada, a Síria conheceu períodos de grande instabilidade e de repressão no seu período pós-independência. Entre 1949 e 1966 assistiu a 18 golpes de Estado e viveu três anos de ditadura. Foi com a revolução do partido Ba'ath que o país readquiriu estabilidade política e desenvolvimento económico, pense-se o que se quiser da solidão de Assad, como dizia o «Le Monde» há dias.

A relativa estabilidade tem de ter em conta que a ala jovem e radical do partido Ba'ath que tomou o Poder, perspectivou desde o início a sua política interna contra o expansionismo dos sionistas do Estado de Israel, o que lhe valeu, como se sabe, para além das escaramuças fronteiriças com Israel, uma violenta participação nos conflitos de 1967 e 1973, a Guerra dos Seis Dias e do Yom Kipour.

## UMA CONJUNTURA ADVERSA

Bom, mas ali estávamos para ouvir Assad Al Rais. E foi o que aconteceu durante quase três horas. Discurso de que só posteriormente pudemos ler em tradução algumas passagens, mas que permitiu ouvir um homem sereno, carismático e seguro. Hafez Al Assad (o Leão Poderoso) fez o ponto da situação, recordou as realizações da revolução, advertiu os adversários do regime de que a paciência e a tolerância tinham limites e que poderiam ser mobilizados quinhentos mil sírios para combater os Irmãos Muçulmanos que aterrorizam a população em Alep e Hamas.

Deixamos esta questão em aberto, a dos Irmãos Muçulmanos, para o próximo artigo, para recordar alguns aspectos da Síria em construção. A República Árabe Síria é um país jovem. Mais de 2 milhões de alunos frequentam os diferentes graus do ensino totalmente gratuito. Num país onde a mortalidade infantil ainda é de 65 por mil, impressiona o esforço feito pelo Estado na batalha da Educação. Em 4 universidades estudam 125 mil adolescentes e jovens, número que faz inveja e que demonstra a aposta em sair do obscurantismo de séculos. O surto de construção de habitação, de estradas, de redes de distribuição eléctrica e de saneamento não deixam dúvida do sinal progressista do regime. E, no entanto, o partido Ba'ath não se reclama do marxismo. Os críticos radicais do regime o afirmam: o partido de Assad não tem base ideológica robusta. É verdade, mas se o económico é hoje contestado como o factor fundamental, como o motor da História, também o ideológico não se tem demonstrado como a pedra-de-toque na evolução social dos países atrasados, relativamente à industrialização.

O Partido Ba'ath foi fundado na Síria em 1941 com a divisa da unidade do mundo árabe, da liberdade e do socialismo, daí que o partido Ba áth (renascença) não se confine às fronteiras sírias e que o «socialismo» não possa ser entendido da mesma forma que no Ocidente. O socialismo árabe e designadamente aquele que os baasistas perseguem é um socialismo humanitário que rejeita «o socialismo democrático reformador» e «a aplicação estalinista do socialismo com o seu cortejo de terror e de falsificação dos próprios princípios socialistas». No fundo, adoptando muitos dos princípios do marxismo, que remete para o Corão, os baasistas preferem referenciar-se segundo um nacionalismo pan-árabe onde ressalta «o sentimento que liga o indivíduo à família, já que a Pátria é a grande casa e a Nação a grande família». Na definição das bases teóricas do actual partido Ba'ath, não deixa de pesar o facto de este ter chegado ao Poder contra os comunistas e nasseristas, se bem que a estretra amizade que une a Síria e a União Soviética, o verdadeiro amigo, seja cada vez mais uma realidade. Realidade que foi reforçada pelo apoio soviético em 1967, altura em que a Síria recebeu cerca de 3 mil milhões de dólares em armamento.

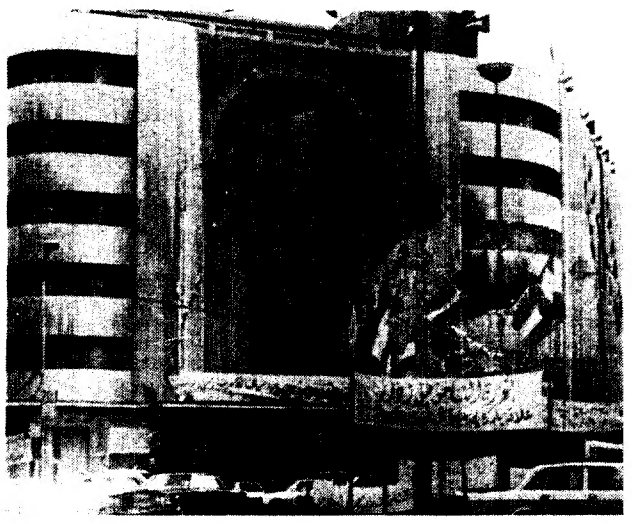
E então a unidade árabe? Qual é a solidariedade que existe, para além dos 1250 milhões de dólares que a Síria recebe da Liga Árabe? É sabido que o Iraque está hoje muito distante de um entendimento com Damasco. É sabido que Amã está neutralizada. Que a Arábia Saudita escolheu outros amigos. Que a Líbia promete muito e cumpre pouco. Que o Iémen Democrático é pobre. Que o Líbano não está em situação de ajudar ninguém. Na verdade, não há unidade árabe. O Egipto de Sadat é um inimigo e a Frente da Firmeza está a ser posta à prova sob a pressão diplomática norte-americana.

É um mundo diferente o Médio Oriente. Em constante evolução. Em constante instabilidade, sob o risco de deflagração de um conflito a qualquer momento. Foi sabendo tudo isto que Assad falou aos oito milhões de sírios de um vasto país semi-desértico.

A conjuntura síria só pode ser compreendida após uma abordagem esquemática do complicado xadrês do Médio Oriente. É o que tentaremos fazer no próximo artigo.

**José Manuel Nunes**

**A Síria do interior. Uma sociedade rural atrasada que luta contra a aridez dosolo e contra a dureza do clima. Terra santa onde mosteiros cristãos se confundem com as torres dos minaretes islâmicos.**



**Entre bandeiras sírias e da Palestina, Assad Al Rais é a imagem de um regime votado ao desenvolvimento e à defesa da existência de um estado palestiniano.**

Desmascarando Savimbi e a UNITA

# III — Um falso pagador de promessas

Quem quiser ter a veleidade de investir na UNITA terá de contar que Savimbi é um mau pagador de promessas... Sabem-no milhares de retornados, principalmente aqueles que, no Centro e Sul de Angola, no ano de 1975 e começos de 1976, tiveram oportunidade de avaliar o que era, de facto, a UNITA e Savimbi: hordas de «pés descalços» arrebanhados entre o povo mais atrasado de Angola — os umbundos —, sem a mínima consciência política e agindo por pulsões primitivas de um racismo e de um tribalismo mal disfarçados pelos seus chefes, incluindo Jonas Savimbi.

A «aura» da UNITA começou, efectivamente, entre os brancos (e **brancos** quer significar apenas as estruturas do poder real que é o domínio económico de um país), quando Savimbi proclamou, das bandas do Bailundo, que «angolanos são todos aqueles que amam Angola»... Era uma promessa fagueira, esta, de prometer a continuidade da acção dos brancos, só por um testemunho de «amor à terra», e que aparecia por oposição às primeiras declarações dos dirigentes do MPLA, ainda em Brazzaville, sobre as condições de permanência da população branca em Angola, depois da independência. Então, quer Agostinho Neto, quer Lúcio Lara, não recorreram a quaisquer eufemismos para prever que, após a independência, os privilégios desapareceriam e os brancos que quisessem continuar teriam de ficar sujeitos às leis do país. E quanto àqueles que tinham exagerado o poder sobre o povo negro, o melhor seria começarem a fazer as malas...

O aviso era frontal e não deixava dúvidas sobre o futuro, a quem o quisesse antever na perspectiva do MPLA na direcção do Estado angolano. Isso explica que, pouco depois do «25 de Abril», muita gente iniciasse as operações de mudança para outros países e de retorno a Portugal. Fora, sem dúvida, um aviso solene, que afastava da órbita do MPLA (o Movimento de libertação «histórico») muitos brancos que estariam dispostos a dar-lhe a sua adesão, já que era o único Movimento que congregava quase todos os quadros e intelectuais existentes em Angola, o único Movimento, enfim, que contava no seu seio com «doutores» e gente esclarecida de todas as etnias.

Nos recônditos da mata, Savimbi aproveitou o momento psicológico e, pronunciando aquela frase que ficou célebre, surgiu como o protector dos brancos e o único chefe negro capaz de garantir a permanência dos brancos na futura Angola. A partir daí, não lhe faltaram os apoios dos empresários e da maioria dos brancos ávidos de uma esperança. A UNITA entrou nas cidades com hotéis e propaganda paga. À falta, ainda, do apoio material das massas populares, comerciantes, fazendeiros e industriais soltaram os cordões à bolsa e puseram o dinheiro a correr à ordem de Savimbi — o «grande obstáculo» ao predomínio, militar e político, do MPLA, de quem se começava a murmurar que era o cavalo de Tróia de Moscovo...

Faça-se a justiça de reconhecer que a UNITA, nesta altura, raramente se pronunciava contra o MPLA, desempenhando então Jonas Savimbi o papel de mediador entre os três Movimentos. A UNITA não dispunha de força militar nem política, precisava de crescer e implantar-se no terreno, e enquanto a FNLA reduzia o MPLA a «lacaio de Moscovo», identificando a organização popular do Movimento com os «sovietes», Savimbi trabalhava o seu perfil de «muata da paz» — uma espécie de Salomão angolano, conciliador e moralista —, ao mesmo tempo que recrutava adeptos e milicianos

Continua na pág. 4


**SINDICATO DOS TRABALHADORES DE SERVIÇOS DE PORTARIA, VIGILÂNCIA, LIMPEZA E ACTIVIDADES SIMILARES**

(ANTIGO SINDICATO DOS CONTÍNUOS E PORTEIROS)

**CONVOCATÓRIA**
**ASSEMBLEIA GERAL**

**RELATÓRIO DA ACÇÃO SINDICAL E CONTAS 1979**

COMPANHEIROS

Ao abrigo do art.º 29.º dos Estatutos, por este meio venho convocar a Assembleia Geral Ordinária do nosso Sindicato para o próximo

**DIA 29 DE MARÇO ÀS 15.30 H.**

a realizar nos seguintes locais:

**LISBOA — Sindicato dos Trabalhadores de Imprensa**
Largo da Trindade, 16-1.º Lisboa (à Misericórdia)

**SETÚBAL — Sede da Delegação**
Largo da Misericórdia, 46 - 1.º Setúbal

**PORTO — Sede da Delegação**
Praça Carlos Alberto, 123-3 Sala 35 Porto

**COIMBRA — Sede da Delegação**
Av. Fernão de Magalhães, 24 - 2.º C Coimbra

Com a seguinte **ORDEM DE TRABALHOS**

**ÚNICO** — Analisar debater e votar o «Relatório da Actividade Sindical e Contas de 1979» apresentado pela Direcção Nacional e o parecer do Conselho Fiscal.

**NOTA** — Para entrada na Sala é necessário a apresentação do cartão do sindicalizado.

**CAMARADA**

Nesta Assembleia Geral vai ser discutida a acção Sindical desenvolvida pela anterior Direcção Nacional e a sua gestão financeira. Por isso, e como sempre, é importante e necessária a tua presença, não faltes! O Sindicato é de todos e por isso temos que ser todos a decidir.

Lisboa e Sede Central do Sindicato, 4 de Março de 1980

**AFONSO SALVADOR ANDRÉ**
(Presidente da Mesa da Assembleia Geral)

# ponto e ponto

Mário Murteira, que foi responsável de algumas pastas económicas nos Governos que se seguiram ao 25 de Abril, encontra-se desde há dias em Cabo Verde para coordenar a aplicação de um projecto de cooperação técnica da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento. O programa, no valor total de 25 mil contos, destina-se a preparar a planificação do movimento comercial da República de Cabo Verde, prevendo-se que nele venham a colaborar mais cinco peritos da ONU e 45 consultores.

O presidente cubano Fidel Castro garantiu ao seu homólogo angolano José Eduardo dos Santos, que se encontra de visita a Havana, que a «mais estreita colaboração» entre os dois Estados iria prosseguir. Segundo afirmou Castro, as relações entre os dois países são agora «melhores do que nunca», e o presidente Eduardo dos Santos é «um digno sucessor» de Agostinho Neto.

Os ex-ministros fascistas da Justiça Antunes Varela e Almeida e Costa foram reintegrados nas suas funções na Faculdade de Direito de Coimbra. Na sequência de acórdãos do Supremo Tribunal Administrativo que anulava as medidas de aposentação compulsiva que tinham sido aplicadas àqueles servidores do fascismo, foram hoje publicados dois despachos no «Diário da República» que os reintegram como professores catedráticos da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

O presidente da Assembleia Regional dos Açores, Álvaro Monjardino está desde ontem de visita aos Estados Unidos, Canadá e Bermuda. Algumas visitas a universidades e, principalmente, contactos com as comunidades açorianas radicadas naqueles países americanos preenchem a agenda de Monjardino.

Graça Mexia e Rosália Ferreira animarão esta noite, pelas 21 e 30, no Sindicato de Trabalhadores na Imprensa (Largo da Trindade, 12 - 1.º) uma sessão sobre «A Mulher na RDA». Será exibido ainda um filme alusivo ao tema.

# Gentes e Paisagem

## Dias de Melo

Hoje, a paisagem é apenas o espaço estreito limitado pelas quatro paredes do quartinho em que trabalho. E nocturna: paisagem nocturna.

Debruço-me sobre a secretária. À minha volta, estantes. Na que me fica em frente, a meio, por cima da secretária, papéis, os meus papéis; dicionários, o «Prontuário Ortográfico», alguns outros volumes de consulta que tanto mais se me vão tornando necessários quanto mais a memória me vai fugindo. O resto, nas prateleiras – Herculano, Garret, Camilo, Júlio Dinis, Junqueiro, Antero, Eça, Oliveira Martins, Aquilino, Ferreira de Castro, Assis Esperança, Florbela, Redol, Soeiro Pereira Gomes, Fernando Namora, Jorge Amado, José Lins do Rego, Erico Veríssimo, Tolstoi, Camus... Outros... Tantos outros...

Sinto-me bem aqui? Sentir-me-ei bem, seja onde for, em algum lugar? Pelo menos, fora da cama, aqui passo o tempo – horas, dias, longas noites...

Um micromundo... O meu, nesta Terra.

Sair? Para quê?... Não vale a pena. Basta fazê-lo quando não tenho outro remédio, pelas imposições da vida.

Abro o rádio, para as notícias. O meu único convívio com o **outro** mundo – o que me fica para além da janela, dos horizontes, dos mares.

Ampla, a janela que dá para o caminho de terra batida, um grande muro amarelo defronte. (Sempre um muro amarelo...)

Por cima e para além do muro, ramagens de arvoredos. Às vezes, com flores. Hoje, a despontar de um galho, encolhidinha no meio das folhas verdes, – uma, vermelha. Tão linda!

Às vezes, por cima dos arvoredos, lá no alto, muito no alto, o céu levemente azul, quase sem nuvens... E entre o céu e os campos – aves, voando. Pombas... uma garça... E mesmo sobre os arvoredos, pertinho, – canários, tentilhões, toutinegras, santatoninos, melros.... Doutras, o manto cinzento, espesso, das brumas a revestir tudo de luto... E, se a chuva cai, o caminho não é de terra: é de lama.

Por sinal, o dia de hoje foi de chuva – e o caminho de lama. De chuva e de brumas... Um pesadelo de tristezas que nos esmaga e destrói cá por dentro.

Enquanto vou matraqueando na máquina estas mal alinhavadas regras – o rádio com o seu noticiário. Ali ao lado, vai enchendo a paisagem solitária entre estas quatro paredes. Perante os livros arrumados (mal), nas estantes, perante a tralha de loicinhas de barro de Vila Franca do Campo derramadas, bastante ao acaso, por cima da última prateleira de uma delas, perante os bustos de João de Deus, Junqueiro, Eça, em cima de outra. Perante alguns quadros dependurados, alguns retratos de pessoas que vivem no meu afecto, na minha estima muito particular.

Gentes e paisagem...

O rádio e as notícias que vêm do mundo, que falam do mundo. Redigidas por homens, os redactores, lidas por homens, os locutores.

O País... O Irão... O Afeganistão... A América Latina... El Salvador... A Espanha... a Itália... o terrorismo... As sentenças dos grandes... Prepotências de uns... prepotências de outros... Prepotências que não são tal... E os pequeninos... Ai dos pequeninos! Ai deles, principalmente se se querem meter nos negócios dos grandes, pior se o fazem sem que para tanto sejam requeridos! Ai deles...

A luz clara do velho candeeiro cai-me, forte, sobre a brancura do papel, que vou cobrindo com estas letrinhas escuras. Nos recantos da pasta, velha e mais que velha. No tampo de verniz gasto da secretária, velha também, nos montes desordenados de papel que a atafulham e me cercam à esquerda e à direita.

Até que...

Um facto importantíssimo, que não pode deixar de merecer a atenção do mundo inteiro (até de um pobre diabo metido, arrumado, neste canto de uma Ilha) e de ser seleccionado para notícia na Rádio.

Olho o olhar meditativo de João de Deus, o nariz adunco de Junqueiro, o sorriso de Eça... Eles também ouvem. Como também no ouvem as estantes, os livros, as loicinhas de Vila Franca, os papéis, o candeeiro, a secretária, os quadros, os retratos, estas quatro paredes... Até o cachimbo que aperto entre os dentes...

Fico a saber que há coisas mais importantes para os homens da Rádio (alguns) que, por exemplo, aquela criança de olhos lindos que vi, à tardinha, envolta em bruma, e a chuva caía, e o frio era muito, passar descalça, os pezinhos nus, arroxeados, a meterem-se na lama fria do caminho; que os milhares, milhões de pesssoas que, no mundo inteiro, querem trabalho – e não o têm, e não encontram onde ganhar nem um escudo; que os milhares, milhões de pessoas que querem um tecto – e vivem em bairros de lata terrivelmente miseráveis (as cidades estão crivadas deles), em tendas batidas pelas ventanias (lembro o Cais do Sodré, há dois anos atrás), ou, sem dinheiro sequer para uma barraca nos bairros de lata ou uma tenda, dormem no vão de uma escada, nas estações do «metro» (onde exista «metro»), e muitas nem isso: arrumam-se, a protegerem-se da noite, contra o muro de uma casa, encolhem-se contra um canto ao fundo de uma viela qualquer; que os milhares, milhões de subalimentados (sobretudo as crianças e os velhos); que os milhares, milhões que morrem de fome e de frio (ainda as crianças, ainda os velhos), todos os dias, em todos os países, sem esquecer o nosso...

Mas há coisas, agora o fico a saber (e a saber o fica quanto me rodeia – o sorriso de Eça... – ) que superam tudo isso – e muito mais.

A Rádio acaba de noticiar – com a história pormenorizada de como o veio a saber – que **Sua Santidade, o Papa, calça quarenta e quatro.**

## UMA VIAGEM PRESIDENCIAL E O DESESPERO DA DIREITA

Esta «direita» que temos e a sua imaginosa Imprensa não calaram o escândalo público: começou a campanha eleitoral. Se o Presidente da República visitava o distrito de Aveiro testando a sua popularidade em terras onde a AD é maioritária; se o general CEMGFA, com pretextos militares, visitava o Porto; se o casal Ramalho Eanes aceitava um convite do arcebispo D. Eurico Nogueira e alongava a jornada até Braga, não restava a mínima dúvida, era a campanha de recandidatura que dos conciliábulos de Belém saía para a rua, para as praças, para as empresas, para os próprios quartéis, testava a opinião pública em contacto directo e recebia a benção de um grande da Igreja. Um escândalo. Um perigo. Uma ameaça.

Com efeito, a intemporal luminosidade política de um semanário lisboeta dava a dimensão da ameaça, afirmando: «A verdade é esta: com o actual Presidente da República e com o actual Conselho da Revolução não haverá lei de Referendo e, portanto, não haverá alteração do actual poder político-militar e o País continuará a viver numa democracia vigiada». («Tempo», 20/3/80).

A tese é simples. A «direita» e o centrismo que usou e usa diversos pseudónimos – «sociais-democratas», «reformadores», «populares democráticos», «monárquicos populares», «socialistas arrependidos» e «arrependidos de Abril» – não suportam a situação presente, irritam-se com as resistências naturais, populares, político-militares e legais que se oferecem à diligência de regresso à boa «ordem» de antigamente, à evolução tranquila na «continuidade» garantida por um obediente guarda pretoriana. E desconsolados anotam com patente exagero: «O verdadeiro poder é detido por um militar-residente em Belém. É lá que vai todas as sextas-feiras prestar contas, é para lá que são enviadas as leis à espera de promulgação, é lá que se organiza uma campanha eleitoral de grande envergadura». («Tempo», 20/3/80).

Tenha, ou não, sido organizada uma campanha de recandidatura do general Ramalho Eanes à Presidência da República em Belém ou a partir de Belém, o que é certo é que essa recandidatura está a ser promovida pela «direita», pelos jornalistas que a servem, pelos políticos que a conduzem. Em vão o Dr. Mário Soares, secretário-geral do Partido Socialista lança o nome do Eng.º Nobre da Costa na sequência de uma pública apologia do carácter civil do alto cargo numa bem enraizada democracia. Em vão a ala «sá-carneirista» da AD adianta a hipótese de o próprio Primeiro-Ministro tentar o sufrágio eleitoral para a Presidência. As reticências de muitos militantes do Partido Socialista à personalidade de Nobre da Costa, a expressiva preferência do CDS por uma candidatura militar, dão-nos claro testemunho das controvérsias que impedem um imediato consenso. Entretanto, as hesitações do Partido Socialista e as objecções do CDS, conjugadas com os ataques a Ramalho Eanes, e ao Conselho da Revolução, vão dando força à hipótese de uma candidatura que à falta de definição expressa, positiva, vai ganhando contorno na letra dos ataques, das diatribes, das injúrias de que é alvo.

Em tempos que já lá vão, nestas notas cursivas, defendemos que era a «hora» de civilizar a mais alta magistratura da República. Desde 1926 que na Presidência da República Portuguesa se sucedem militares e a verdade manda que abertamente se proclame que os militares que chefiaram o Estado nos calamitosos tempos da censura e do terror policial, da opressão e do obscurantismo, não se singularizaram por virtudes, inteligência e coragem moral. Deles não poderá Portugal orgulhar-se; nem neles as Forças Armadas se poderão rever. Foi Gomes da Costa uma espada, não foi um político, nem uma inteligência. E a direcção política de um País, a representação de uma nação, exigem, mais do que um espadachim valente, requerem um homem de senso e de inteligência, de cultura, de visão política, de coragem moral, de integridade moral, de vida limpa.

Não surgiu ainda o civil, o cidadão impoluto fiel a Abril, dedicado à Democracia. Andam por aí candidaturas que nem merecem referência: vaidades menores, ingenuidades, caudilhismos românticos ou pragmáticos, oportunismos. Alguns casos merecem a piedade do silêncio. Outros casos não valem uma gargalhada.

Mas a «direita», como tem a consciência da sua fragilidade, como sente que a maioria em São Bento pode ser deslizante como o «escudo», enerva-se, perde maneiras, gasta palavras. Com estas jornadas do Presidente Ramalho Eanes perdeu a cabeça, reagiu em termos de proprietário feudal. «Aveiro é área AD». Como se, em Portugal, o Presidente da República tivesse que circunscrever os seus itinerários e reduzir-se ao discreto silêncio, e cerrar-se no seu palácio residencial, enquanto a AD for Governo, não tiver candidato, nem se entender com o Partido Socialista quanto ao tal «acordo de regime» sem o qual para o restauracionismo que a coligação AD visa é limitada a esperança de sucesso.

A «direita» no desespero de não chegar a acordo com o Partido Socialista vai fabricando, com os seus ataques, a candidatura de António Ramalho Eanes. A leitura da Imprensa que a serve não permite outra conclusão. Efectivamente, a campanha eleitoral começou. Começou com o ataque à recandidatura do general Ramalho Eanes que se limitou a visitar Aveiro, inaugurar um museu no Porto, trocar dois dedos de conversa com o arcebispo de Braga.

O que dizia Herculano do egoísmo humano não o poderíamos nós dizer da «direita» que temos: o que será ela mais? Feroz? Estúpida? Ridícula?

## Comunicação Social

# Conselho de Imprensa considera nomeação de Cartaxo "ferida de ilegalidade"

O Conselho de Imprensa considerou que a nomeação e manutenção de Cartaxo e Trindade no cargo de director-adjunto de Informação da ANOP «estão feridas de ilegalidade».

O parecer do Conselho de Imprensa, reunido para o efeito na segunda-feira passada, foi agora divulgado pelo Conselho de Redacção daquela agência, que havia interposto recurso da decisão do Conselho de Gerência de designar para as referidas funções o jornalista Cartaxo e Trindade, apesar do seu voto desfavorável.

Após acentuar que a análise da legislação aplicável permite concluir que o parecer do Conselho de Redacção da ANOP «tem carácter vinculativo», o Conselho de Imprensa entende que «o processo de nomeação de director-adjunto deverá ser reaberto até à obtenção do voto favorável do Conselho de Redacção, no cumprimento da lei.»

Considera assim o CI que o parecer em contrário do consultor jurídico da ANOP é um «expediente para contornar a competência legal do Conselho de Redacção».

O Conselho de Redacção da ANOP aguarda a reunião que solicitou ao Conselho de Gerência para debater o assunto.

## "Reflexão Cristã"

«Como viu a atitude da Igreja face aos recentes acontecimentos da vida política portuguesa» – esta a pergunta a que em «Reflexão Cristã», cujo número 21 saíu agora, respondem Luís de França, Manuela Silva, Francisco Sarsfield Cabral, José Pinto Correia. Rui Osório («Jornal de Notícias»), José Pedro Castanheira («O Jornal»), Pacheco de Andrade («Diário Popular»), António Cadavaz («Diário de Notícias»), Jorge Wemans («Diário de Notícias») e Luís Vieira («Portugal HOJE»).

«Reflexão Cristã», que inicia o quinto ano de publicação, é editado pelo Centro de Reflexão Cristã – e a questão posta insere-se, lê-se no editorial, na «necessidade de oferecer aos leitores um conjunto de pontos de vista», sobre «a equação Igreja-Política».

A presente edição insere ainda uma crónica circunstanciada sobre os acontecimentos mais marcantes da vida internacional da Igreja Católica no decurso de 1979.

# "Século" e "JC" – pagamento de salários

Poderá vir a processar-se a curto prazo o pagamento dos salários em atraso às centenas de trabalhadores de «O Século», alvo de um despedimento colectivo com efeito a partir do dia 25 de Janeiro passado.

De acordo com o Ministério das Finanças, o secretário de Estado do Tesouro já autorizou a verba para pagamentos de salários e outras remunerações complementares a que os trabalhadores tenham direito.

Entretanto, no que se refere ao «Jornal do Comércio», apesar da promessa do secretário de Estado da Comunicação Social de que o assunto seria finalmente resolvido até com mais facilidade de que em relação a «O Século» – dado que a massa salarial é menor – segundo conseguimos apurar junto do Ministério das Finanças, ainda não chegou àquela entidade qualquer pedido formulado no sentido de serem liquidados aos trabalhadores inactivos daquele matutino os créditos a que têm direito.

# Greve da RDP — 75% de adesão no último dia

O terceiro e último dia da greve da RDP, que decorreu entre as 17 horas de ontem e as 5 horas de hoje, contou com uma adesão de 65 a 75 por cento dos trabalhadores, de acordo com informações sindicais.

Não obstante a paralisação, alguns dos canais da RDP continuaram a emitir, devido aos «golpes técnicos» da Comissão Administrativa daquela empresa pública. Com efeito, além da transferência de circuitos, trabalhadores que se encontravam de folga foram chamados pela CA – e essa presença colaboracionista fez-se sentir nomeadamente nos cais 1 e 2.

Como tem sido noticiado, esta acção de «lock-out» foi efectuada a partir dos estúdios do Porto e Coimbra.

### APOIO DA CGTP

O Secretariado da CGTP, em posição ontem tomada pública, solidarizou-se com a greve dos trabalhadores da Radiodifusão Portuguesa, salientando «a justa luta que os Sindicatos e estruturas de classe desenvolvem na RDP, com vista à defesa das condições de vida dos trabalhadores».

Afirma a CGTP que as lutas que os trabalhadores da Comunicação Social «têm vindo a desenvolver inserem-se nas lutas mais gerais, definida pelo III Congresso da CGTP e constituem um importante contributo para derrotar a política reaccionária e revanchista deste Governo».

## "Match Magazine" no dia 28

«Match Magazine» é um novo semanário que virá a público no próximo dia 28, incluindo os nomes de Rui Lemos (director), Rogério Petinga (Chefe de Redacção), André Gamboa (editor), Eduardo Gageiro (director da secção fotográfica), António Ramos Gomes, Maria Antónia Palla, Vítor Leitão, Eduarda Pimenta e João Alves da Costa.

«Match Magazine» possui o exclusivo, para Portugal, da revista francesa «Paris Match».

# Desmascarando Savimbi e a UNITA

Continuação da pág. 2

entre as camadas mais ignaras do povo...

Mas a UNITA era, de facto, inexistente, como organização política, e como expressão popular. Meia dúzia de cabeças cupulavam o Movimento e, acima dessa meia dúzia, praticamente só Savimbi tinha o direito à palavra. Aliás, em termos africanos, era um bom orador, capaz de alimentar um discurso dialogado durante duas ou três horas, e com a vantagem, sobre os seus outros dois concorrentes, de o fazer em língua nacional... Mas tinha duas espécies de discurso: em umbundo, para negros, e em português, para brancos, por vezes não coincidentes e, quando se descuidava, opostos...

Não surpreendia que, entre um discurso de Savimbi e outro de Nzau Puna ou de Vakulukuta, os seus potenciais apoiantes brancos ficassem hesitantes. Savimbi era macio e emocional, mas os seus lugares-tenentes não conseguiam iludir a vocação tribalista, racista e autoritária. Enquanto Savimbi se mostrava apaziguador, metendo os brancos no coração, o seu estado-maior, nos comícios para negros, encarregava-se de instilar o veneno divisionista, rotulando o MPLA de «Movimento de brancos e mulatos»...

Perante um povo que, no subconsciente, tinha a promessa dos «espólios» da retirada dos brancos, e perante uma FNLA que, desde o 15 de Março de 1961, se apresentava como uma organização sanguinária e «estrangeirada» (Holden Roberto falava português como um estrangeiro), o discurso da UNITA, mesmo que o não desejasse, era um discurso pelo menos tribalista e, por consequência, de efeitos inquietantes...

**J. ALVES CRUZ**


# AOS TRABALHADORES DOS TRANSPORTES A TODA A POPULAÇÃO

os Sindicatos signatários apelam a todos os trabalhadores, que dia a dia se sentem confrontados com o assustador e incomportável aumento do custo de vida, para que participem na concentração que vai ter lugar na Praça da Figueira, no próximo sábado.

***CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA***

Vamos todos protestar contra a ruinosa política do Governo Sá Carneiro/Freitas do Amaral, ao serviço dos grandes capitalistas, que está a lançar na maior miséria os trabalhadores e outras camadas mais desfavorecidas da população.

***POR SALÁRIOS JUSTOS***
***POR PENSÕES DE REFORMA CONDIGNAS***

... se era esta mudança — AD, o povo de há muito que está contra ela. O povo de Lisboa vai sair à rua para lutar.

***PELA DEFESA DA CONSTITUIÇÃO***
***PELA DEFESA DAS CONQUISTAS DE ABRIL***

**SÁBADO ÀS 16 HORAS**
**TODOS À PRAÇA DA FIGUEIRA**

*Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa; Sindicato dos Ferroviários do Centro; Sindicato dos Maquinistas Práticos, Ajudantes e Artífices da Marinha Mercante do Distrito de Lisboa; Sindicato dos Trabalhadores dos Transportes Colectivos do Distrito de Lisboa; Sindicato dos Trabalhadores dos Transportes Fluviais; Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pescas; Sindicato dos Transportes Rodoviários, Garagens e Ofícios Correlativos do Centro e Sul*



SINDICATO DO COMÉRCIO E SERVIÇOS DE LISBOA

# Defender e prosseguir Abril!

A política imposta pelo actual governo "AD", chefiado por Sá Carneiro e apoiado nas organizações que representam os interesses do grande capital tem determinado a alta contínua e cada vez mais acelerada do custo de vida.

São as mulheres, particularmente aquelas cujo tempo se divide entre o trabalho nas empresas e as preocupações domésticas, quem mais sente as dificuldades que resultam do agravamento dos preços e da quebra constante e acelerada dos salários reais.

Só, em relação aos aumentos oficiais decretados pelo governo Sá Carneiro nos últimos dois meses, vimos aumentarem os preços de géneros de primeira necessidade tais como o pão, o açúcar, a margarina, o queijo, as massas, o arroz e o óleo. Com tudo isto, alastra o "mercado negro" e enriquecem açambarcadores e especuladores.

São esses quem apoia o Governo "AD" e não os trabalhadores aos quais são recusados justos aumentos de salários em nome de um combate à inflação que só faz acumular riqueza nas algibeiras de poucos. Aonde iremos parar?

Assim, o Departamento de Mulheres do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa e a Comissão de Reformados do Comércio recordam a todas as trabalhadoras e reformados do Comércio o dever e a necessidade de exercerem, desde á, os direitos que a Constituição da República lhes reconhece de lutarem:

**Contra o aumento do custo de vida!**
**Pelo direito à habitação!**
**Por salários justos!**
**Por pensões de Reforma condignas!**
**Contra o desemprego!**
**Pela defesa da Constituição!**
**Pela defesa das conquistas de Abril!**

# Todos à Pr. da Figueira, dia 22 Março, às 16 horas!

**Os Trabalhadores e o Povo lutam contra o aumento do custo de vida!...**

*O Departamento de Mulheres*
*A Comissão de Reformados*

## Soares acusa o Governo de manipular Comunicação

Mário Soares acusou o Governo de Sá Carneiro de tentar «a instrumentalização completa dos meios de Comunicação Social».

O secretário-geral do PS falava durante um colóquio na Casa da Imprensa em Lisboa, promovido pelo núcleo socialista da Televisão. O Governo da Aliança «já tem órgãos privados afectos» que publicam títulos de «propaganda eleitoral», disse Soares. Ainda sobre o sector: a coligação governamental «dominou os meios estatizados para os pôr ao serviço dum projecto político».

Contudo, o secretário-geral do PS, mostra-se optimista e convencido de que «não vai ter grande êxito» a política da AD em relação à Comunicação Social. E uma das razões desse fracasso estará em que «o povo está habituado a ler nas entrelinhas» e «distingue o que é propaganda».

Antes, Soares falara sobre a história do Socialismo em Portugal e respondera a questões, em torno da matéria, que lhe tinham sido postas.

### Cunhal visita a Inglaterra

A convite do Executivo do Partido Comunista Britânico (PCB), o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, visitará a Inglaterra nos finais de Abril.

O líder comunista português falará durante um comício que está a ser organizado pela comissão distrital de Londres do Partido Comunista Britânico.

Um porta-voz do PCB classificou esta visita de perfeitamente normal, na sequência de outras como a de Santiago Carrillo, George Marchais e Berlinguer.

Durante a sua estadia manterá conversações com dirigentes comunistas britânicos sobre política internacional e estratégias políticas dos dois países.

Entretanto, o secretário-geral do PCP partiu ontem de visita a Aden, a convite do Partido Socialista do Yémen do Sul.

Cunhal acabara de efectuar uma visita à Síria.

### PS exige explicações a Manuel Casqueiro

Recentes declarações do deputado Casqueiro em plena Assembleia da República revelando que «personalidades altamente colocadas do PS, estariam em causa numa investigação» policial são consideradas pelo partido visado como «muito graves».

Em comunicado, entende o PS que se Casqueiro «falou com conhecimento de causa», estar-se-ia perante «uma grosseira violação do segredo de justiça que põe em causa a seriedade de um inquérito, a que a CAP (Confederação de Agricultores) tem acesso, o que, desde logo, invalida as respectivas conclusões». Caso contrário, conclui o comunicado, Casqueiro «mentiu».

Assim sendo, o PS «exige uma investigação rigorosa acerca da origem das afirmações produzidas, sem o que inquéritos deste tipo se tornarão numa farsa e numa clara violação das normas legais e constitucionais».

O PS dá também o seu apoio às recentes intervenções da António Campos.

### PR prepara visita a Cabo Verde

O presidente Aristides Pereira, de Cabo Verde, atribui «uma importância excepcional» à visita oficial que Ramalho Eanes efectuará em meados de Abril ao seu país. É o primeiro Presidente português a visitar Cabo Verde independente.

A visita, ainda segundo declarações de Aristides Pereira, vai «abrir perspectivas a uma melhoria sensível de relações, já de si excelentes», entre os dois países.

Simultaneamente, o ministro dos Negócios Estrangeiros de Cabo Verde, Abílio Duarte, admitiu que poderão ser celebrados novos acordos de cooperação.

Quanto à preparação da visita, revelou existir já um esboço de programa, actualmente em apreciação pelas autoridades portuguesas.

Estão previstas deslocações de Eanes às principais ilhas de Cabo Verde.

### A Constituição em debate na Universidade de Évora

«Não deve ser a Constituição que deve ser posta de acordo com a política do Governo, mas sim a política do Governo posta de acordo com a Constituição», disse Vital Moreira na abertura de um ciclo de conferências sobre a Constituição da República Portuguesa, promovida pela Associação de Estudantes da Universidade de Évora.

O primeiro destes ciclos prolongar-se-à até Maio e vários especialistas constitucionais vão estar presentes na cidade alentejana.

A intervenção de Vital Moreira incidiu sobre a «Constituição e ordem económica». Respigando algumas das declarações do deputado comunista: a actual Constituição «é muito mais um compromisso do que aquilo que os partidos da direita querem fazer crer». Quanto ao PPD/PSD e à sua hipocrisia política, lembrou: «Um partido que teve intervenção relevante na aprovação da Constituição e que se chegou a reclamar de partido mais constituinte do que qualquer outro, hoje diz não ter nada a ver com ela».

De Aveiro, rumo ao Porto e a Braga

# Eanes: poder local é suporte da democracia

**Aveiro, 21 (do nosso enviado especial Luís Humberto)** – Realçar a necessidade de desenvolver a regionalização com uma descentralização efectiva e dar ânimo aos industriais de Aveiro (pequenos e médios empresários com características específicas) com vista à entrada de Portugal na CEE, foram os aspectos mais relevantes das visitas que o Presidente da República fez, ontem e anteontem, a esta região.

Houve contacto directo com os problemas distritais, desfizeram-se dúvidas e distorções, e Eanes reforçou a sua imagem de «apaziguador». O apelo ao consenso, à soluções de concertação, esteve sempre presente nas intervenções do PR, quer mesmo junto dos empresários que se mostravam saudosos de um regresso ao 24 de Abril.

Sem, no entanto, deixar de dar garantias aos empresários dque se reuniram num colóquio efectuado na Fábrica de embalagens metálicas Colep, em Vale de Cambra, Ramalho Eanes não deixou de defender o sector público e o relacionamento com o Terceiro Mundo, designadamente com as ex-colónias.

«É indispensável ficarem nacionalizados os sectores básicos da economia para que não aconteça que o poder económico se apodere de novo» – disse Ramalho Eanes na reunião, sublinhando que a Banca (sector comercial) nacionalizada como está, pode contribuir para um melhor desenvolvimento.

Relativamente ao Terceiro Mundo, Eanes voltou a desfazer equívocos dos empresários: Portugal é um país europeu, nunca se entendeu que fosse do Terceiro Mundo; mas é um trunfo importante que vários estadistas me têm referido, o relacionamento secular com os países do Terceiro Mundo, através das ex-colónias.

A AD apreensiva com o êxito da visita

### Sintonia Eanes/Alvaro Barreto

Considerando que a Constituição foi feita em determinado momento da vida nacional, Ramalho Eanes admitiu a sua revisão afirmando que «A próxima lei fundamental do país deve ser um documento que possa congregar todas as partes e que possa fazer com que o sistema português encontre um equilíbrio entre os sectores existentes».

E quis deixar claro que «aceitaria tudo aquilo que a nova Constituição determinar se isso resultar da posição livremente expressa pelo povo».

Ao longo do colóquio, empresários houve que se referiram aos «governos gonçalvistas e quejandos», desejosos de voltar à antiga a tal ponto que foi o próprio Ministro da Indústria e Tecnologia, eng. Alvaro Barreto que teve de deitar água na fervura considerando que se exagera nas críticas que se fazem às leis do trabalho e que não se poderá admitir que aquilo que parecia estar na mente de alguns: o regresso à situação do 24 de Abril.

Foi, aliás, clara e significativa a sintonia quase total entre o PR e aquele ministro em termos de posições expressas o que faz supor que a falta de solidariedade institucional propalada por Sá Carneiro, não parece ser extensiva a todos os membros do Executivo.

A esse propósito diria à noite, o PR no «breefing» com os jornalistas que é evidente que aquela solidariedade «vai existir para que ganhe a dimensão conveniente à resolução dos problemas que se vivem na sociedade portuguesa».

Sobre as críticas do Presidente da Comissão Política do PSD a esta visita, Eanes repeliu categoricamente 1a tentativa de confundir as funções presidenciais com a função de um eventual candidato». «Não quero que esta confusão se estabeleça e não aceito que ela se venha a verificar», frisou, considerando: «é minha obrigação contactar com as poplulações e é também minha obrigação fazer com que o Governo ganhe consciência dos problemas que lhe cabe resolver».

Significativamente, Alvaro Barreto caracterizou junto dos empresários esta visita como sendo de «trabalho», classificando-a de «experiência refrescante» para quem gosta de contacto e está metido nos gabinetes.

### O elogio dos trabalhadores

No final da reunião com os empresários, um destes, precisamente o dono da Colep, que não esconde a sua simpatia à AD, diria que é necessário atender às reivindicações justas dos trabalhadores e à criação de uma sociedade mais justa. Apesar de não ter caído bem em alguns, este apelo foi entendido como um apoio à perspectiva do Presidente da República que, a dado momento do colóquio sublinharia: «os trabalhadores portugueses têm-se portado com dignidade. A produtividade tem sido das maiores da Europa nos últimos anos. O comportamento dos trabalhadores tem sido colaborante com a recuperação económica».

Contrariamente àquilo que se poderia imaginar, Ramalho Eanes foi sempre bem recebido em todas as empresas. Realçando a importância desta visita (outras estarão em estudo), o PR afirmou aos jornalistas que a sociedade portuguesa «não assenta ainda numa arquitectura democrática completa, baseada no edifício do poder local através da efectiva descentralização e, em particular, da Lei das Finanças Locais».

### «O meu distrito...»

O general Ramalho Eanes tinha acabado de apear-se, do seu automóvel à chegada à Colep, vindo da Uniagri. Para espanto de todos, surge um deputado. É Ângelo Correia. Bastante surpreendido o PR cumprimenta-o: «Não esperava ter o prazer de o ver cá».

«Estou no meu distrito» – foi a resposta.

Ramalho Eanes chamou a atenção para este ar possessivo e desabafa: «Neste momento é o nosso distrito». Bom, a bronca ficou por aqui.

Ângelo Correia justifica aos jornalistas que estava ali porque havia sido convidado pelo dono da empresa e na qualidade de deputado e amigo. Se mais por amizade, se menos por deputado não se percebeu.

Percebeu-se isso sim, a declaração bem límpida: assim com o general Ramalho Eanes não se pode comprometer com nenhum partido político «alusão a dezenas de tentativas PSD para um acordo político», também a AD não se pode comprometer com o general Ramalho Eanes». Quanto ao candidato da AD às presidenciais, o deputado indicou que continua por escolher, mas que deveria ser um «patriota idóneo».

Esta tarde o PR vai inaugurar no Porto o Museu Militar, seguindo depois para Braga onde passará o fim da semana a convite de D. Eurico Nogueira.

Conselho de Ministros decide

# Mais onze escolas em Lisboa antes do próximo ano lectivo...

O Conselho de Ministros aprovou ontem as providências necessárias ao imediato lançamento de um programa de construção de onze edifícios escolares na região de Lisboa.

Segundo o comunicado emitido no final da reunião, os edifícios escolares deverão estar concluídos antes do início do próximo ano lectivo.

O plenário de ministros iniciou ainda a apreciação de um projecto de diploma para rever e uniformizar a regulamentação das carreiras de Informática na Administração Pública.

Foi também aprovado um diploma determinando que a atribuição e o processamento do abono de família deixe de ficar dependente da prova do cumprimento das disposições sobre a escolaridade obrigatória.

Um subsídio não reembolsável de 40 mil contos foi atribuído pelo Governo ao metropolitano de Lisboa, para ser integralmente aplicado na liquidação de juros e reembolso de empréstimos obrigacionistas emitidos por aquela empresa pública.

O Conselho de Ministros fixou novo prazo para pagamento do imposto e indústria relativo ao ano de 1979, estabeleceu nova condições para concessão c empréstimos pelo Fundo de Tu rismo e tornou dependente d Governo a aquisição, por part das empresas públicas e dema pessoas colectivas de direit público, de imóveis de valor su perior a 80 mil contos.

Foi ainda alterado o regime ju rídico dos Serviços dos Regist e Notariado.


# CONCENTRAÇÃO

## CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

METALÚRGICOS DE LISBOA

**TODOS À PRAÇA DA FIGUEIRA — SÁBADO — 22 DE MARÇO — 16 HORAS**

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA METALURGICA E METALOMECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA

# de ontem para hoje

## Cabo submarino liga Portugal e França

**Uma conversa telefónica entre os ministros das telecomunicações da França e dos Transportes de Portugal, foi ontem revelado assinalará, na próxima terça-feira, a inauguração do cabo submarino entre os dois Países. A estação de cabos submarinos da Companhia Radio Marconi, situada em Sesimbra, ficará assim ligada à estação de Penmarch, na Bretanha. Este sistema, designado por tágide, resulta da colaboração da Marconi e dos CCT/TLP com organismos congéneres franceses e custou dois mil e quinhentos contos, representando o maior canal de escoamento de tráfego de telecomunicações entre Portugal e o resto da Europa, e permitindo 2580 chamadas telefónicas simultâneas, através de um cabo coaxial com cerca de 1500 quilometros de comprimento e equipado com 165 amplificadores.**

### A banda tocou em Caneças

A Sociedade Musical e Desportiva de Caneças, uma agremiação de características populares que tem desenvovido intensa e prolifera actividade nos campos cultural e desportivo, iniciou ontem à noite as comemorações do seu centenário, com uma sessão solene que terminou com um concerto abrilhantado pela sua Banda. As comemorações, que se prolongarão até ao final deste mês, incluem as seguintes iniciativas: esta noite, às 21 e 30, um colóquio sobre desporto; no domingo, um torneio de atletismo e distribuição de prémios dos torneios de xadrez; no dia 29, um sarau de ginástica com a participação das classes da colectividade; e finalmente, no dia 30, uma romagem às campas dos associados falecidos.

### Os cem anos dos Bombeiros de Barcarena

Os Bombeiros Voluntários de Barcarena encontram-se igualmente a festejar o seu primeiro centenário, a cujo programa se têm associado várias associações de bombeiros e de recreio. Ontem realizou-se um sarau de ginástica e esta noite haverá uma sessão de variedades e teatro pelo Grupo da Sociedade Recreativa de Samora Correia; repetindo-se amanhã à noite outro espectáculo com as mesmas caracteristicas a que darão a sua laboração os bombeiros Voluntários de Loures. Na manhã de domingo realizar-se-á um desafio de futebol, seguido de um festival de exercícios e de salvamentos simulados a cargo dos bombeiros em festa.

### Jardineiros de «Abecassis»

A Câmara Municipal de Lisxoa afirma-se disposta a mentalizar os jovens para cuidarem dos jardins públicos das suas zonas habitacionais. Com esse objectivo, e segundo foi ontem revelado, o Município irá levar a cabo um curso para jovens jardineiros. Após o curso, os aprovados, ficarão responsáveis pela conservação das zonas verdes dos seus bairros, usufruindo a partir daí de um pagamento simbólico.

### Fogo na casa de Henrique de Campos

A residência do realizador cinematográfico Henrique de Campos, localizada na Rua Ferreira Lapa, 4-2.º, ficou ontem quase totalmente destruída por um incêndio provocado pela explosão de uma bilha de gás. No sinistro foi «devorada» grande parte do património criativo daquele cineasta, incluindo documentação e material sobre os filmes que Henrique de Campos, um profissional com mais de quarenta anos de profissão, estava a realizar nos EUA sobre os núcleos de portugueses ali radicados.

### Contentores no Barreiro

A Câmara do Barreiro tem em curso uma campanha para a contentorização do lixo em todo o concelho, que, de acordo com uma informação ontem divulgada, deverá estar concluída até ao final do ano em curso. Até agora cerca de setenta mil habitantes do concelho estão já a usufruir desta iniciativa da Câmara. A operação, que numa primeira fase abrangeu as freguesias do Lavradio e de Santo André, irá agora estender-se a chamada zona velha da freguesia do Barreiro.

### Porto: Trânsito na Via Rápida

Com o objectivo de procurar melhorar o trânsito na rotunda da Via Rápida com a Estrada da Circunvalação, no Porto, a PSP iniciou ontem a seguinte experiência: o trânsito proveniente de Norte e de Oeste, isto é de Matosinhos, irá, a espaços, ser contido a cerca de vinte metros daquela rotunda, por dois agentes colocados na Via Rápida da Estrada da Circunvalação, de forma a permitir um mais rápido escoamento do trânsito do Sul e Leste, ou seja da auto-estrada e da circunvalação (Monte dos Burgos).

### Fermentelos: poluição na Pateira

A poluição que está a pôr em perigo a vida da Pateira de Fermentelos, segundo revelou ontem um vereador da Câmara de Águeda, é causada principalmente pelos esgotos de fábricas da zona da Bairrada (de Oliveira do Bairro em particular), que não dispõem de equipamentos de sanemento básico em condições pelo que lançam produtos nocivos directamente nas águas de dois principais afluentes da Lagoa, o Rio Certina e a Ribeira do Pano. Por outro lado, acrescentou a mesma fonte, o desinteresse pela apanha do moliço, um adubo natural que cresce na Pateira de Fermentelos, provoca o assoreamento da Lagoa e põe em perigo a grande veriedade de peixes que ali vive. Registe-se que a Pateira de Fermentelos constitui uma das maiores lagoas da Península Ibérica e o peixe constitui uma importante fonte de rendimento e de alimentação das populações ribeirinhas.

Assembeia da República

# Uma crónica difícil de um debate sem história...

Um, dois, três... conta-se os deputados presentes no hemiciclo. O plenário de ontem decorria morno, assim como numa ressaca, o desejo de começar o fim-de-semana. E a pouco e pouco, vamos somando os deputados que abandonam a sala... quatro, cinco, seis.

Na tribuna, João Amaral do PCP, fala do Congresso da CGTP-IN, do silêncio e do direito de antena recusado na RTP.

«O Governo não substima a Comunicação Social – assalta-a, procura domesticá-la e controlá-la, procura transformá-la num eco insensível da sua própria propaganda e da mistificação permanente que faz da vida nacional». Refere-se à liquidação da Reforma Agrária e «às promessas e não só, também as ameaças, exemplarmente retratadas na postura hierárquica de um candidato a ditador que se concede a si mesmo uma entrevista e, que figurando-se na sua relação com o País, se autopromove ao poleiro, com os entrevistadores (ou como ele próprio dizia, a «opinião pública») apeadas no degrau abaixo».

Vai haver protestos! Na «Time» que se folheia, enquanto muitos deputados põem em ordem a papelada, ou lêem a revista de Imprensa, Carter avisa que para os americanos passou o tempo das «vacas gordas». Protestos vieram mesmo de Rui Pena (CDS) e Castro Caldas (PSD). E a «Time» não diz, mas os americanos também não devem ter gostado de «apertar o cinto».

Rui Pena (CDS) e Pedro Roseta (PSD) protestam. O deputado do PSD, como sempre, faz um discurso elegante, sereno, brilhante (nesta crónica as palavras são medidas porque ficam registadas, ao contrário, das eventualmente chocantes proferidas na AR). Mantendo o «elegante», o «sereno» e o «brilhante». Não acreditam? Pedro Roseta quer que o PCP se «reduza à **sua** insignificância». E fala nos resultados eleitorais do PCP. Quem não deve ter achado muita graça é Narana Coissoró, disfarçou mal, foi o CDS. Quereria Pedro Roseta também avisar o CDS de que se deve reduzir à sua insignificância e, portanto, deixar-se de hegemonias?

Quantos protestos tem feito, como este, o sr. deputado Pedro Roseta desde a Constituinte? Não vale a pena sequer começar a contar. O intervalo está perto. MDP/CDE e UDP apoiam o voto de congratulação; o PS também. CDS é claro na sua rejeição do voto, enquanto Castro Caldas (PSD) frisa que «não estamos nem nunca estivémos contra as nacionalizações, mas entendemos que o modo como neste sector elas foram feitas não tem coerência e, por isso, já defendemos aqui que há que estabelecer neste sector uma sã concorrência» (alusão à nova delimitação do sector público/sector privado).

Carlos Carvalhas (PC) reforça a posição do PCP, na declaração de voto, depois da rejeição pela maioria da AD (os Reformadores não estavam) de congratulação pela nacionalização da Banca. Considera que não foi inútil a apresentação do voto, mesmo rejeitado pela AD. «Aqueles que se escondem durante muito tempo aparecem, agora, cada vez nais, à luz do dia, mostrando aquilo que sempre foram. A voz do 24 de Abril é mais nítida, mas será enterrada. Dizem rejeitar o imobilismo porque para eles o movimento é o regresso ao passado. É o canto dos arrogantes, dos trauliteiros, mas será também o canto do cisne». «Trauliteiros»? Castro Caldas (PSD) não gostou da expressão. Trauliteiros? protesta. Não gosta, naturalmente, que chamem trauliteiros aos elementos da sua bancada. Um, dois, três... (mais abandonos da sessão, é o qu significa esta contagem, com se deve calcular).

No período da Ordem do Dia foram votadas várias ratifica ções. A mais importante, seri aquela que introduz alteraçõe no diploma relativo ao Con gresso das Comunidades. Vota ram a favor o PSD, CDS e PPM contra o PS, PC e MDP. Os Re formadores abstiveram-se, por que, explicou Godinho de Matos o articulado da lei «não contribu para a união dos portugueses» Só que não haverá Congress das Comunidades este ano, ma os emigrantes poderão conta com «10 deputados» no hemici clo depois das próximas elei ções, se a proposta de revisã da Lei Eleitoral da AD for apro vada no Parlamento. Manifesto «carinho» da AD pelos emigran tes. Afeição «absoluta».

E ás 20 horas acabava a ses são plenária da Assembleia. A bancada socialista estava com meia dúzia de deputados. Todo de malas «aviadas» para as jor nadas parlamentares do PS n Guarda. Assim, sem a «noite d debate», ou os «diálogos even tualmente chocantes», como s pode escrever uma crónica Olhem o que fizeram a esta...

F.M


**SOCIEDADE COOPERATIVA PIEDENSE**

COVA DA PIEDADE

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do parágrafo 2.º do art.º 16.º do capítulo IV dos nossos Estatutos, convoco os senhores associados a reunir em Assembleia Geral Extraordinária no dia 31 do corrente mês, pelas 20.30 horas, na nona sede social, Rua da Liberdade, 94, na Cova da Piedade, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Análise dos pedidos de demissão de membros da Direcção.
2 — Eleição de cargos vagos nos Corpos Gerentes.

Se à hora marcada não comparecer número legal de Associados, reunirá a mesma assembleia em segunda convocação, uma hora depois, com qualquer número.

Cova da Piedade, 17 de Março de 1980
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
**a) José Alves de Almeida**

**Inválidos do Comércio**

**CONVOCATÓRIA**

De harmonia com o disposto nos n.ºs 1.º e 2.º do Art.º 20.º, dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO a reunir, em sessões extraordinária (a requerimento da Direcção) e ordinária, no dia 29 do mês corrente, respectivamente, às 14.30 e 15.00 horas, na sede da instituição, Rua Alexandre Ferreira, 48-A, em Lisboa, com as seguintes:

ORDENS DE TRABALHOS
Assembleia Geral Extraordinária

– Deliberar sobre duas propostas da Direcção e respectivos pareceres do Conselho Fiscal, visando:
1.º — A fixação do quantitativo mínimo da quota mensal dos sócios em Esc. 40$00
2.º — A aplicação provisória, em depósito a prazo, da importância que vier a ser recebida pela cedência, por parte de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO, do direito e acção nos autos de processo de inventário obrigatório, aberto por óbito de D. Eulália Descamps de Oliveira Peres.

Assembleia Geral Ordinária

— Apreciar e votar o Relatório e Contas da Direcção, referente ao ano de 1979, bem como o respectivo parecer do Conselho Fiscal.

Não havendo às horas indicadas número legal de presenças (metade pelo menos, dos associados da instituição), as Assembleias realizar-se-ão, **em segunda convocação,** uma hora depois, ou seja, a extraordinária às 15.30 e a ordinária às 16.00 horas, no mesmo local e com iguais ordens de trabalhos, ao abrigo do § único do Art.º 18.º dos Estatutos.

Lisboa, 20 de Março de 1980

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

**Justino Pinheiro Machado**

**CASACOS DE ANTÍLOPE E CABEDAL**

**LIMPAM-SE**

**ÚNICA NO GÉNERO QUE LIMPA TODO O GÉNERO DE CONFECÇÕES DE ANTÍLOPE E TINGE TODA A CONFECÇÃO EM CABEDAL**

Exclusivos **Vamar**
CASA ESPECIALIZADA

LISBOA:
R. JOÃO DAS REGRAS, 3-3.º ESQ. (À PRAÇA DA FIGUEIRA, ANTIGA R. DO AMPARO)
EM COIMBRA: R. DA SOFIA, 111-1.º

**MARQUISES**
E CAIXILHARIA EM ALUMÍNIO ANODIZADO

**ORÇAMENTOS GRATIS**

**CAIXILUX**
COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE ALUMÍNIOS, LDA.

**DIVISÓRIAS**
**RESGUARDOS**
**PARA**
**BANHEIRAS**

ESCRITÓRIO E SALÃO DE EXPOSIÇÃO
(Aberto das 9 às 21 h.)
**Rua Francisco de Holanda, 28-A**
**Telef. 77 74 88 – 1100 Lisboa**
FÁBRICA – Telefs. 92 07 00 - 92 12 03

## Mais duas estações de serviço da Carris

Dois empreendimentos da Carris, integrados no projecto de expansão e renovação da frota de autocarros, situados na Musgueira e em Mira Flores foram ontem visitados pelo secretário de Estado de Transportes, Anacoreta Correia.

À Futura Estação de Serviço da Musgueira e o complexo de Mira Flores vai juntar-se ainda outra estação a construir num terreno de Chelas, que está a ser negociado com o Município. Estes empreendimentos vão permitir que a frota de autocarros receba, até 1983, mais 350 unidades aumentado o seu efectivo para 1100.

A Estação de Serviço da Musgueira, com uma área total de 49700 metros quadrados dos quais 7150 cobertos é constituída por duas naves, escritórios, zona social, posto de abastecimento e de lavagem e tem capacidade para 200 autocarros. O custo da obra atinge 300 milhões de escudos.

O complexo de Miraflores onde vão ficar instaladas as oficinas gerais da carris deve estar concluído em Junho de 1981, orçando as obras em mais de um milhão de escudos. A área deste complexo é de 117 500 metros quadrados, dos quais 36 500 cobertos. Possui uma estação de Serviço, um parque e um núcleo central, constituído pelos escritórios sales de reuniões e um posto médico.

### Em Pinhal Novo

# Negociante abateu a tiro assaltante que o ia roubar

Um dos assaltantes da casa de Constantino Fernandes Santos no lugar de Palhota em Pinhal Novo perdeu a vida quando o dono da casa reagiu, utilizando para se defender uma caçadeira que tinha à mão. O assalto ocorreu numa altura em que a população do lugar assistia à telenovela «Dancin Days» e proporcionou intensa troca de tiros, que causaram a morte de Paulo José Ramos Marques, um jovem de 24 anos, residente em Lisboa, que acompanhado de dois indivíduos se deslocou àquele lugar para tentar furtar ao negociante de gado, que lhe tirou a vida, mais de cem contos em dinheiro, recebidos recentemente de uma transacção.

Os três indivíduos tentaram introduzir-se na casa de Constantino Fernandes Santos, quando este descansava no quarto e a filha de nove anos assistia ao «Dancin Days» na sala.

Um cliente de um café perto do local, disse ao «DL» que o dono da casa, embora adoentado, reagiu automaticamente, pegando numa caçadeira que tinha à mão e disparando sobre os assaltantes ainda dentro do apartamento. Esta reacção inesperada obrigou os intrusos que se encontravam no interior a utilizarem a filha do Constantino como refém, na mira de poderem escapar às consequências do seu acto ou, ainda, de conseguirem descobrir onde se encontrava o dinheiro.

Outro dos intervenientes directos da operação conta como os acontecimentos se passaram no exterior da casa já com os assaltantes a tentarem fugir: «Eu voltava do peso dos porcos e quando cheguei deparei com a menina a gritar e um indivíduo a apontar-me uma arma enquanto outro, desarmado, desatava a fugir». O Epinémio Faquinha esperou que chegasse um vizinho que tinha uma arma e ambos deitaram a mão ao fugitivo.

Os outros assaltantes tinham conseguido deitar a mão à pequena Célia e à mulher do negociante de gado que, entretanto, chegara ao volante de um automóvel e que não teve tempo de se aperceber da situação.

Na posse da mãe e da filha, utilizaram-nas como escudo, para se aproximarem da sua viatura, um Renault vermelho, e abandonarem o local em segurança. Tal não veio a acontecer porque o negociante de gado utilizou de novo a caçadeira e atingiu mortalmente o Paulo José Ramos Marques (que provavelmente ia ao volante), obrigando o companheiro a fugir o mais rapidamente possível do local, só vindo a ser detido muito mais tarde pela GNR.

Outra viatura, propriedade do Constantino Santos tem marcas de balas que devem ter sido provocadas pela confusão do tiroteio.

Os assaltantes utilizaram duas pistolas: Uma Beretta de 9 mm e uma FM da calibre 6,35. As versões contraditórias do acontecimeno apontam para a possibilidade de os componentes do grupo que procedeu ao assalto serem mais do que os três referidos.

## Manuela Aguiar vai às Américas

A secretária de Estado da Emigração e das Comunidades Portuguesas, Manuela Aguiar, vai deslocar-se o mês que vem aos Estados Unidos. É possível que Manuela Aguiar se desloque também ao Canadá.

A deslocação da secretária de Estado da Emigração e das Comunidades aos Estados Unidos está prevista para as duas semanas compreendidas entre 11 e 26 de Abril. A passagem pelo Canadá, a concretizar-se, será nos dias seguintes, antes do regresso a Portugal.

O objectivo desta deslocação é o estabelecimento de contactos com as comunidades de portugueses radicados na América

### Correr da pena

## E é por isso

Há uma certa hora, numa noite qualquer do ano, em que sobre a cidade estão ao mesmo tempo e face a face a lua cheia imensa, prenhe, amarela, cansada da vigília, e o sol nascente, vermelho, tão grande como ela. O encontro quase não tem testemunhas, por causa da hora a que se dá. Talvez por eles, a cidade desperta mais azul, mais rosa, o porto mais branco, o silêncio mais fundo, o lamento dos navios ainda mais pungente. Se você estiver a atravessar a ponte sobre o rio, faça com que o seu carro ande mais devagar. Aquilo é tão grave como uma missa de natal na aldeia onde nunca foi, ou como o encontro de dois grupos cerealeiros de duas herdades colectivas distantes. E o estremecimento, já não sei quem disse isto, é tão forte como o da cópula, se o deixar viver. Sossegue e esteja à altura do que se passa. Só lhe diz respeito a si e a eles, e ao despertar da cidade. Pergunte à Metereologia em que noite é, e não falhe o encontro.

Também há um momento, em quase todas as noites do ano, em que o mar se parte em dois: do lado da traineira de que nasceu o sol, está vermelho, nácar, coral, estanho, prata, lápisazuli, e grandes cardumes de sardinha sobem à tona acariando a sua viagem como se fossem, de cada vinda, um grande e lento corpo que lhe diz «somos de todos e de ninguém; aqui estaremos sempre». Do outro lado está negro e manso como um enorme boi adormecido, e talvez você sinta vontade de lhe meter uma mão dentro para lhe apascentar o sonho sem memória.

Noutro lugar há outra hora a que os rebanhos de ovelhas e de cabras regressam numa sinfonia infinita, vindos de terras que nunca tiveram amos, de todos os pontos cardeais. À chegada, os guisos são ensurdecedores, nunca você pela sua música reconhecerá os rebanhos, mas qualquer pastor, interrompendo o seu canto aos animais, lhe dirá «estes são os meus, aqueles são os de fulano, já oiço vir os de cicrano».

Por tudo isto, um dia você sentirá que não deve voltar a fazer muito do que hoje faz todos os dias. Demorará tempo a perceber porquê, mas a coisa virá. Não queira escapar-lhe. Sejamos amigos.

**João Mendes**

## Na "estranja" com desespero

A história dramática do jovem português José Ramos, de 21 anos, radicado em Paris desde 1968, que se tentou suicidar após ver recusada a sua permanência em França, está a apaixonar a opinião pública francesa, devendo o seu caso ser discutido no Parlamento daquele país, a pedido do Municiípio de Villeneuve D'Asco. Residente com a família em Lille, no Norte de França, José Ramos foi preso e condenado em seis meses de cárcere, após uma discussão travada com o seu patrão, um indivíduo conhecido pelas suas posições racistas. libertado em Setembro de 1978, o jovem volta para Lille e volta a empregar-se. Um ano depois, a Polícia foi a sua casa e obrigou-o a devolver os documentos, passando-lhe em troca um simples cartão de «residente temporário», igual aos que são passados aos turistas. Mais tarde José Ramos desloca-se a Portugal para ver uma avó (o único parente que não conhecia) e no regresso as autoridades francesas não o deixam entrar. Desesperado, José Ramos, que, segundo afirmou, já se sentia perfeitamente integrado em França, decidiu pôr termo à vida com um tiro de espingarda. O disparo, por um acaso, não foi mortal, mas feriu-o gravemente, encontrando-se neste momento internado num hospital de Lille. Um exemplo mais, portanto, desse paraíso de Direitos Humanos que é a «estranja» da emigração.

### A leitura «da sina»

A Polícia Judiciária, através da 1.ª Brigada da sua 7.ª Secção, alerta o público da capital para a actividade ultimamente desenvolvida por algumas mulheres, sobretudo de «raça cigana», as quais, através da «leitira da sina», já conseguiram furlar várias pessoas em centenas de contos. A técnica é simples, mas pelos vistos, eficaz: as ledoras de sinas detectam nas suas vítimas, ou nos seus parentes, graves enfermidades ou provas de traição conjugal por parte dos respectivos pares. E como receita logo lhes prescrevem o abandono de todas as «tentações da vida material», ou seja a entrega à sua guarda de todos os objectos de valor que tenham em casa, sobretudo se forem de ouro. E, embora pareça difícil, de acrecitar, o certo é que já wão numerosas as vítimas deste tipo de «conto do vigário». Apelas mais um pormenor: dizem as burlonas que os objectos voltarão às mãos dos seus proprietários, logo que o «mal esteja sarado». O que será bem de ver nunca aconteceu até agora em nenhum dos casos.

### Guarda-nocturno condenado

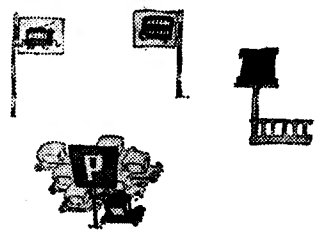
Foi ontem condenado em dez anos de prisão maior e no pagamento de 250 contos à família da vítima, o guarda-nocturno Fernando Pereira, de 24 anos, acusado de homicídio voluntário na pessoa do empregado de armazém, Ernesto Correia dos Santos, de 27 anos, casado. O réu, julgado no 2.º Juízo Criminal do Porto, atingiu mortalmente com seis tiros de pistola no dia 29 de Junho de 1978, na Rua de S. Bento da Vitória, naquela cidade, Ernesto Santos depois de uma discussão havida entre ambos, dias antes num bar.

### Estrangulou Agília

Já se encontra detido nos calabouços da Polícia Judiciária, o presumível autor da morte de Agília Brigida Rodrigues, de 37 anos, encontrada estrangulada, no passado dia 26 de Fevereiro, numa barraca do Alto da Damaia. Trata-se do companheiro da vítima, de apelido Gomes, que tem 31 anos, e que, segundo a PJ, provocou a morte de Agília por asfixia, através de estrangulamento.

**POUPE COMBUSTÍVEL**

Sempre que possível utilize os transportes públicos.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

**A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA LEMBRA QUE**

A partir de 1 de Janeiro de 1980 o seu veículo só pode circular se tiver um seguro de responsabilidade civil.

As Companhias de Seguros não poderão negar-se à sua efectivação, salvo em casos muito especiais, previstos na lei.

**PARQUE DE CAMPISMO**

Aceitam-se sócios para parque de campismo perto de Lisboa com todos os projectos aprovados. Abrir em Junho. Tel. 57 19 60 e 56 13 16

**ATENÇÃO ALCÂNTARA**

STOP

OS IRMÃOS VESTIA

TRAZEM-LHE O ALENTEJO A LISBOA

ESPECIALIDADES ALENTEJANAS
PAELHA A VALENCIANA
MARISCOS, LEITÃO E FRANGOS

SALA PARA BANQUETES E CASAMENTOS

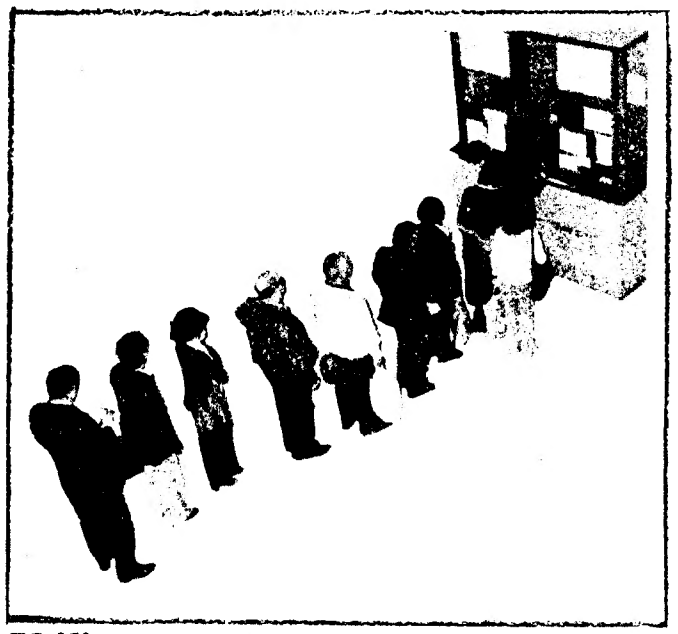
REFEIÇÃO ANTI-INFLAÇÃO:

1 PÃO
1 SOPA
1/4 VINHO
1 P. PEIXE OU CARNE
CAFÉ E BAGACEIRA

130$00

LARGO DO RIO SECO, 2-A – LISBOA
Tel. 64 27 48

*Não perca tempo!*



*Utilize as máquinas automáticas de venda de bilhetes*

Caminhos de Ferro Portugueses

21.ª SEMANA

quarteto

um filme de WIM WENDERS

ACLAMADO COMO OBRA-PRIMA PELA CRÍTICA INTERNACIONAL

"Uma habilidade e uma força narrativa que recordam Fritz Lang."

*(Cuadernos para el dialogo)*

FILME DE QUALIDADE

contra a morte, a aventura

O AMIGO AMERICANO

baseado na novela "Ripley's Game" de PATRICIA HIGHSMITH

DENNIS HOPPER · BRUNO GANZ · LISA KREUZER · GERARD BLAIN
NICHOLAS RAY · SAMUEL FULLER · JEAN EUSTACHE · LOU CASTEL

EASTMANCOLOR NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS selecção sacil


# Padre Martins empossado na freguesia de Machico

Os representantes da UDP na Assembleia de Freguesia do Machico tomaram posse anteontem, depois de uma guerra de comunicados se ter prolongado por quase três meses, a propósito da possibilidade de o Padre Martins ser empossado como membro daquele órgão autárquico.

A Assembleia de Freguesia do Machico foi o único órgão do Poder Local na Região Autónoma da Madeira onde o PSD não foi maioritário. A UDP ficou com dez lugares na A.F., enquanto o PSD teve apenas oito e o CDS um. A Junta de Freguesia era até agora, e assim em princípio deve continuar, composta unicamente por elementos (cinco) da UDP.

O presidente da Assembleia Municipal do Machico, que era responsável pela posse da Assembleia de Freguesia, avisara o Padre Martins que não seria empossado, por não poder acumular aquelas funções com as de vereador da Câmara Municipal do Machico, para que fora também eleito em 2 de Dezembro. Por isso, os restantes membros da UDP na Assembleia de Freguesia do Machico recusaram-se a tomar posse, como forma de protesto contra o boicote feito ao seu cabeça de lista.

A intervenção do Governo regional, para o qual a UDP recorreu, uma vez que na Madeira não existem governadores civis, permitiu finalmente a resolução do problema.

No entanto, pouco se adiantará com a nova Junta de Freguesia.

O sistemático boicote do PSD às actividades de outros grupos políticos na Madeira irá decerto dificultar a actividade dos órgãos do Poder local do Machico. Já o mesmo sucedeu com a anterior Junta, que raramente teve o apoio do governo regional para as actividades que desenvolveu. Aquela Junta, promoveu, nomeadamente, a realização de comemorações da descoberta da Madeira, nos dias 2 de Julho, sempre sem a ajuda das autoridades regionais. Apenas as Forças Armadas colaboraram na celebração da efeméride. E o cúmulo do ridículo atingiu-se quando o Governo regional decidiu tornar feriado regional do dia 1 de Julho, como data da descoberta, (o que aliás não corresponde à realidade), com o objectivo de esvaziar as comemorações da Junta do Machico.

Aliás, o mesmo processo de boicote foi desenvolvido em Porto Santo, único município madeirense que nas primeiras eleições para o Poder Local ficou nas mãos do Partido Socialista. O PSD apressou-se a nomear para a ilha um delegado do Governo, que impediu o funcionamento dos órgãos autárquicos. Em Dezembro passado, o PSD conseguiu finalmente ganhar as eleições ali, e o delegado do Governo tornou-se presidente da Câmara Municipal, em acumulação de funções.

# Apoio militar da NATO a Portugal

PORTO, 21 – «Só no Outono, em reunião a realizar em Lisboa, ficarão decididas as modalidades e as prioridades do auxílio da OTAN a Portugal», afirmou, ontem, nesta cidade, Paul Thyness, presidente do grupo de trabalho sobre Portugal, num intervalo da reunião daquele organismo da Assembleia do Atlântico Norte que está a decorrer nas instalações da fundação eng. António de Almeida. Paul Thyness adiantou estar previsto que Portugal possa vir a fornecer munições e equipamento diverso para os restantes países da Aliança Atlântica.

Do grupo de trabalho fazem parte, em representação do nosso país, os parlamentares Angelo Correia (PSD) e José Luís Nunes (PS) e, ainda, vários técnicos e economistas. Integram o grupo por parte da OTAN os parlamentares Gerhard Flaming (RFA), Robert Laucournet (França) e Julian Ridsdale (Grã-Bretanha) bem como três funcionários da CEE. e o director do Comité Económico da Assembleia do Atlântico Norte.

A partir de hoje tem também lugar naquela Fundação, a reunião de primavera da Comissão Permanente, da Assembleia do Atlântico Norte que analisará temas da sua específica competência.

Na reunião de hoje deverá intervir o contra-almirante Cardoso Tavares. Amanhã, em representação do governo português, o ministro adjunto, Francisco Balsemão deverá porceder à leitura de um trabalho de análise político-militar.

A reunião durará até domingo, estando previstas visitas de cumprimentos às autoridades de vários distritos do norte.

## Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Évota

## ASSEMBLEIA GERAL DESCENTRALIZADA

# CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 39.º dos Estatutos e por força do Art.º 32.º convoco a Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura do Distrito de Évora, para o próximo dia 30 de Março de 1980, com início às 10 horas, e com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Apreciação e votação do Relatório e Contas da Direcção e do parecer do Conselho Fiscal relativo a 1979.
2 — Apreciação e votação do Orçamento para 1980.
3 — Situação Político-Social.
4 — Diversos.

A Assembleia funcionará conforme o quadro seguinte:

### Funcionamento da assembleia geral de 30/3/80

| Sócios do Concelho de | Local da Assembleia (Reunião) | Início Hora |
|---|---|---|
| Alandroal<br>Borba<br>Estremoz<br>Redondo<br>Vila Viçosa<br>Arraiolos<br>Évora<br>Mourão<br>Portel<br>Reguengos de Monsaraz<br>Viana do Alentejo<br>Montemor-o-Novo<br>Mora<br>Vendas Novas | Teatro Municipal de Borba<br>Sociedade Operária Joaquim António de Aguiar<br>Casa do Povo de Montemor-o-Novo | 10 H<br>10 H<br>10 H |

Évora, 17 de Março de 1980
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
**Serafim Manuel Seatra da Silva**

## SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

**SEDE: Praça de Bocage, 111-1.º — SETÚBAL — TELEF. 22605-24682**

# CONVOCATÓRIA

**Ao abrigo do Art.º 34.º dos Estatutos do Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Setúbal, e de acordo com a alínea a) do Art.º 27.º,**

## CONVOCO A ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

para reunir no dia 29 de Março de 1980 às 21.00 horas, no Salão de Festas do Inatel, na Praça da República em Setúbal, para dar cumprimento ao estabelecido na alínea c) do Art.º 26.º dos mesmos Estatutos.

A Assembleia Geral Ordinária reunirá com a seguinte:

### ORDEM DE TRABALHOS

Ponto 1.º e Único — Discussão e aprovação do Relatório e Contas da Direcção , e parecer da Assembleia de Delegados Sindicais, referente ao ano de 1979.

Setúbal, 29/2/80 **O Presidente da Mesa da Assembleia Geral**

**Simão Correia Calhau**

Ao abrigo da alínea b) do Art.º 28.º dos estatutos do Sindicato dos Transportees Rodoviários do Distrito de Setúbal,

## CONVOCO A ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Para reunir no dia 29 de Março de 1980, às 22,30 horas, no Salão de Festas do Inatel, na Praça da República em Setúbal.

A Assembleia Geral Extraordinária reunirá com a seguinte:

### ORDEM DE TRABALHOS

1.º — Análise da Situação Político-Sindical.
2.º — Análise e discussão da Proposta a apresentar pela Direcção,l relativamente ao que prevê o n.º 2 do Art.º 23 dos Estatutos do Sindicato.
3.º — Informações

Setúbal, 29/2/80 **O Presidente da Mesa da Assembleia Geral**

**Simão Correia Calhau**

Campismo, caravanismo, navegação de recreio e desporto na FIL

# Nauticampo-80 chega com a Primavera (e a chuva)

Aí está a Nauticampo-80 com equipamentos de campismo, caravanismo, navegação de recreio e desporto em geral, chegada com a Primavera e, singularmente, com a chuva. Nauticampo-80 esta tarde inaugurada pelo secretário de Estado do Turismo, Alberto Regueira, acto no qual se fez acompanhar pelo vice-presidente da AIP, Morbey Rodrigues, Nardo Rob e Rui Leite, da direcção da Associação Industrial Portuguesa também, e Fernando Muller, director do departamento de Feiras e Exposições. Nauticampo é o certame monográfico mais antigo da AIP e um dos salões preferencialmente visitado pelo público, a preparar-se já para férias.

Daí que uma das grandes novidades, para além de outras inovações introduzidas no certame que há treze anos se realiza, seja o «Supermercado de Turismo», que decorrerá na FIL integrado no salão e cujo objectivo é o de facilitar aos turistas portugueses a escolha dos seus destinos de férias e das modalidades de viagem este ano. A iniciativa visa também proporcionar ao grande público o acesso a produtos das agências – o que uma grande parte do público desconhece e que o crescente aumento do custo de vida tende a manter na ignorância.

Mostruário que é para industriais e comerciantes, para além de estar a vistas do grande público e seu principal julgador (porque seu consumidor), esta Nauticampo-80 é obra, durante dez dias a partir de hoje, de 113 expositores, nacionais e 69 estrangeiros a que a AIP e a FIL dão expressão. É obra que está patente em vários pavilhões numa área aproximada de 15 mil metros quadrados, aguardando a visita de cerca de cem mil pessoas, que verão a produção nacinal altamente qualificada técnica e tecnologicamente (como ainda há dias o reconheceu o desportista e industrial do ramo Alves Barbosa) e a significativa presença expositiva da Inglaterra, com 29 representantes na FIL, isto é, com quase 42 por cento de participação no tocante à presença estrangeira.

Independentemente dos preços afixados nos artigos expostos, em valores de 80, outra das inovações da Nauticampo este ano é a exibição de ranchos folclóricos, manifestação que marcará também o certame. É a primeira vez que tal se verifica desde 1967 (ano em que a Nauticampo arrancou) e ao facto dão a sua colaboração, entre outros, os agrupamentos de Moncarapacho (Algarve), Almeirim, «Ceifeiras e Campinos», «As Lavadeiras» do Sabugo, Tamar (Nazaré), «Roma» (de Lisboa-Hotel) «Os Camponeses» de Arroteia.

Mas a grande novidade deste salão, conforme referimos na edição de ontem do «DL», é, sem dúvida, a apresentação do protótipo «Prozé», o primeiro veículo automóvel inteiramente produzido em Portugal. Trata-se de um carro de pequenas dimensões, extremamente ligeiro, que será vendido a baixo preço e com consumo equivalente. Com 50 centímetros cúbicos de cilindrada o «Prozé» (melhor dizendo: **Para o Zé... povinho)** tem como característica dominante o facto de uma das três rodas, a da frente, ser direccional e as de trás motrizes.

## PARQUES DE CAMPISMO

O conjunto actual dos parques de campismo portugueses podem alojar, no máfimo, cerca de 118 mil campistas, sendo a lotação média por parque de perto de 1600. Ddizemos actual admitindo, contudo, que possam ter ocorrido aligeiradas alterações da situação entre 1978 e este ano, pois estamos a socorrer-nos de números daquele ano, segundo o INE. Então, rezam as estatísticas daquele Instituto, existiam em Portugal 73 parques de campismo, ocupando uma área de 355,8 hectares (área média de cada parque: 4,9 hectares).

Concentram-se na costa, como atestam os números que a esse aspecto respeitam: cerca de 82 por cento, que abrangem 90% do total da área ocupada e reunindo 94 por cento da capacidade total do alojamento. Comparativamente ao ano anterior (1977), há dois anos houve um acréscimo de 24 na capacidade total do conjunto de parques, acrescimo esse devido em grande parte ao aumento de número de parques, mas também (e em particular) a melhoramentos efectuados nos já existentes. Já agora, uma informação ao correr da pena: os parques pior apetrechados são os do interior do País.

Há dois anos entraram nos parques de campismo portugueses cerca de 862 mil campistas, isto e, mais 14% do que no ano anterior. Desses, 42,5 alojaram-se nos parques da Costa de Lisboa e Setúbal, sendo 65% desse total campistas portugueses, que frequentam mais os parques junto à costa que os do interior. Efectivamente, segundo dados fornecidos pela AIP, a distribuição de campistas estrangeiros é mais evidente nos parques do interior. Esses estrangeiros, quase esmagadoramente da Europa (94 por cento), apresentam uma estadia menos prolongada de dormidas que a dos portugueses – o que é óbvio.

## BARCOS DE RECREIO

Barcos de recreio: eis um dos sectores da construção que está em crise, alegam os industriais do ramo. Franca crise, acrescentam, devido às alterações sociais e económicas verificadas nos últimos anos. O fabrico para o mercado interno, que não raras vezes (se não na totalidade) é a base para um lançamento no mercado extermo, deixou de ter capacidade de absorção originando, na prática, a paralisação de várias enpresas: **Navaltec, Atlas jtrading, Zé Manuel, Polinave, Orion e Entreposta Ind.**

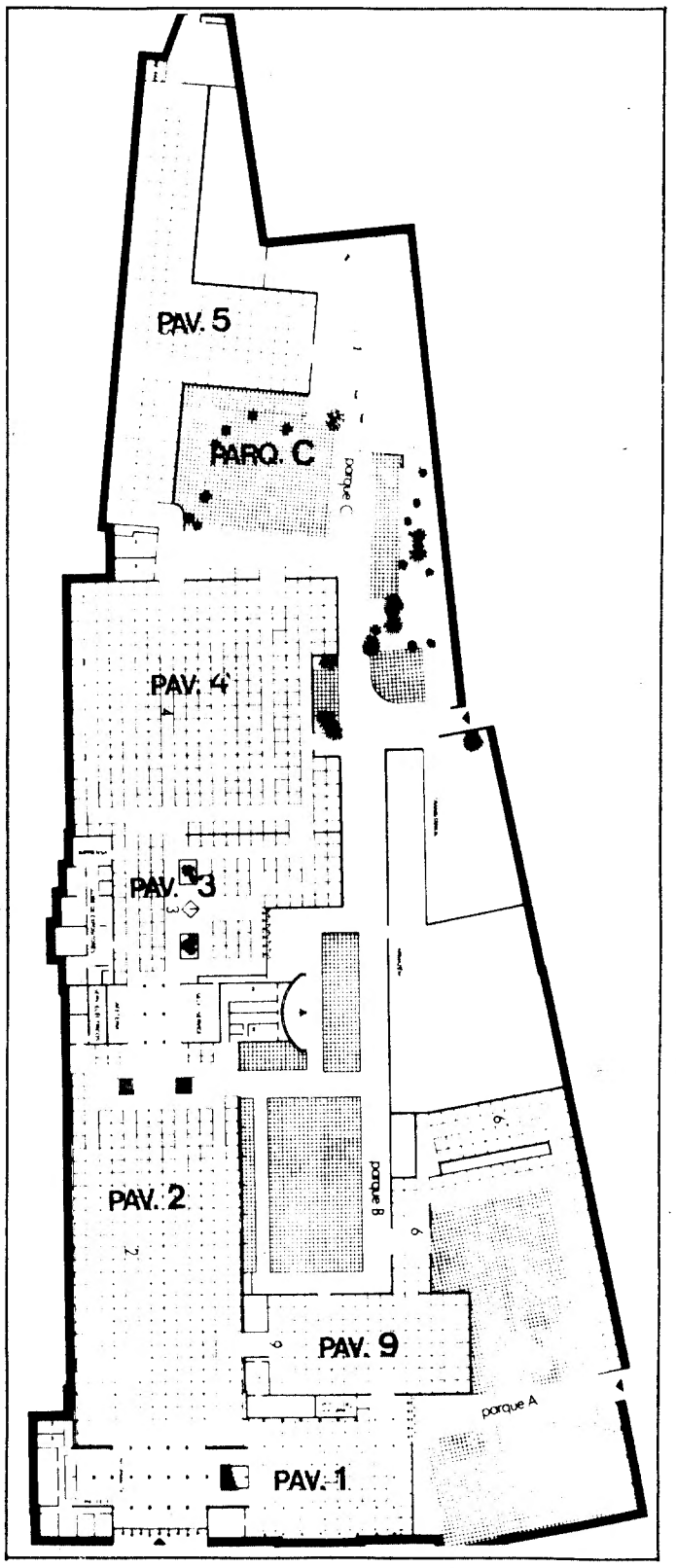
A **Ducauto** foi uma das empresas que resistiu a essa alegada crise, mercê de muito esforço e graças ao investimento de capital privado. A **Ducauto – Barbosa e Slacca, Lda.,** de Aveiro, fabricou o ano findo cerca de meio milhar de unidades em fibra de vidro para os msercados interno e externo, exportanto no último caso para a RFA, Holanda, Bélgica, França e Suiça. Prepara-se para «atacar» a Inglaterra e a Suécia.

A **João S. Brites** é a oura empresa do ramo com significativa capacidade produtiva, já que as restantes são, na sua maioria, de características que se podem considerar artesanais. Aquela, que verá um dos seus elementos fundadores e mais influentes agora homenageado por esta Nauticampo-80, abrange, apenas, o mercado interno, e no ano passado executou uma carteira de 60 unidades pequenas em fibras de vidro, 40 do tipo de competição e 20 de recreio – todas à vela.

Entre essas restantes, contudo, a uma faça-se justiça e uma chamada de atenção para a enpresa **VIDRO,** de Azeitão.

---

**A Nauticampo-80 no papel (ou a geografia da Nauticampo-80) é isto como vêem. Mas, legendando, digamos assim, a maqueta apresentada ao lado, temos o «hall de entrada», antes do primeiro pavilhão, área essa (a do «hall») que reúne o «Balcão Central de Informações» e os respectivos serviços de apoio proporcionando tanto a expositores como ao público todos os tipos de esclarecimentos. Pavilhões: «o Pavilhão 1» está situado imediatamente à direita da entrada principal e é destinado (no 9) ao «Supermercado de Turismo» (iniciativa da Associação Portuguesa das Agências de Viagens com a colaboração da Direcção-Geral de Turismo) e à animação folclórica: o «Pavilhão 2» é onde estão os artigos e equipamentos para as actividades náuticas, campismo, caravanismo e desporto em geral; «Pavilhão 3»: aí poderão ver ainda artigos para campismo e caravanismo e, sobretudo, o espaço reservado à Comunicação Social, que neste certame dispõe de um sector; e o «Pavilhão 4», que apresenta artigos e equipamentos para campismo, caravanismo e desporto em geral. «Na Galeria 2» tomam lugar as Federações e Clubes de campismo e desportos náuticos.**




PUB.

## Sindicato Operário das Indústrias Químicas do Norte

# MANIFESTAÇÃO 22 — MARÇO — 1980

### AOS TRABALHADORES QUÍMICOS

— *Agravam-se as condições de vida.*
— *Os preços sobem constantemente.*
— *Os salários reais baixam assustadoramente.*
— *O poder de compra diminui dia a dia.*
— *Governo congela contratos.*
— *Ameaça com congelamento de salários.*
— *Protege e ajuda o patronato no boicote aos contratos.*
— *Patronato boicota revisão do CCTV Indústria Química. Oferece salários de miséria. Pretende retirar regalias.*
— *Revisão ACTV da Petrogal ameaçada pelo C.G. de braço dado com os amarelos.*
— *Só com a luta poderá ser travada esta política.*
— *É o 25 de Abril, a Constituição e as conquistas dos trabalhadores que estão ameaçados.*
— *A manifestação de 22/3/1980 tem que ser uma resposta vigorosa ao patronato e ao Governo "AD".*
— *Os trabalhadores químicos devem fazer desta manifestação uma grande jornada de luta.*

## *CONTRA A CARESTIA!*
## *PELA DEFESA DE ABRIL!*

**CONCENTRAÇÃO NO CAMPO 24 DE AGOSTO ÀS 14.30 HORAS**

***PEL'A DIRECÇÃO***

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE LISBOA

# ASSEMBLEIA GERAL

# CONVOCATÓRIA

## DIA 31/3/80 — 20,30 HORAS
## VOZ DO OPERÁRIO

De harmonia com a alínea b) do Art.º 35.º dos Estatutos, e para cumprimento da alínea a) do Art.º 36.º e ainda para efeitos da alínea g) deste mesmo Artigo, convoco todos os sócios do Sindicato, no pleno gozo dos seus direitos sindicais, para uma Assembleia Geral a realizar no próximo dia 31 de Março, de 1980 pelas 20.30 horas, na Sociedade Voz do Operário, n.º 9, com a seguinte

### ORDEM DE TRABALHOS:

1. Discutir a deliberar sobre o Relatório e Contas apresentado pela Direcção, e sobre o parecer do Conselho Fiscal, referente ao Exercício de 1979.
2. Contratação Colectiva
2.1. Metalúrgia Metalomecânica
2.2. Ramo Automóvel
3. Diversos e Informações

Lisboa, 17 de Março de 1980

**O Presidente da Mesa da Assembleia-Geral**

**José Maria Roque Vaz**

# Ford mantém "opção Portugal"

As áreas mais difíceis nas negociações entre Portugal e a Ford são o regime de incentivos, financiamento do investimento, e a grantia de infraestruturas – segundo fonte ligada ao projecto, em declarações à ANOP.

Desde terça-feira que se encontra em Lisboa uma delegação daquela multinacional, para uma série de reuniões de trabalho com a parte portuguesa, no início de uma fase que se pode classificar de intensificação das conversações com vista à instalação de uma grande unidade de fabrico de automóveis daquela marca em Portugal.

As reuniões têm-se realizado diariamente. A delegação deve deixar hoje o nosso país. A representação portuguesa nas negociações é chefiada por Vístula de Abreu e integra numerosos técnicos do Banco de Portugal e dos Ministérios da Indústria e das Finanças.

Entre as condições que a Ford coloca aos países onde se instalam – em Portugal, portanto, supõe-se – a Ford exige o financiamento de um terço do investimento total através de um subsídio não reembolsável. No caso de Portugal este subsídio equivaleria a quatrocentos milhões de dólares, cerca de vinte milhões de contos em moeda portuguesa. A parte portuguesa desde o início das negociações que recusa este ponto das condições, invocando compreensivelmente as dificuldades económicas e financeiras com que actualmente se debate o País. Em contrapartida, ou em compensação, admitiu-se a possibilidade de colocar à disposição do empreendimento o montante em questão, utilizando créditos negociados em instâncias internacionais.

## DA PARTE PORTUGUESA

A proposta portuguesa foi formulada na Primavera do ano passado e, nos seus termos, o crédito teria de ser reembolsado com meios libertados do próprio projecto.

Mais, a multinacional norte-americana teria direito à isenção da contribuição industrial, de acordo, aliás, com as disposições portuguesas actualmente em vigor e aplicáveis a empreendimentos deste tipo.

Segundo cálculos, o serviço da dívida inerente ao esquema de crédito poderia ser coberto através do pagamento da contribuição industrial, isto se a Ford prescindisse da isenção.

As exigências da legislação fiscal em vigor nos Estados Unidos tornam esta hipótese especialmente atraente para a multinacional norte-americana. Aliás, a Ford não parece muito interessada na isenção.

Pontos essenciais das negociações, que agora entram numa fase que pode ser decisiva: o mecanismo de subversão do investimento e a sua articulação com o regime de insenções e incentivos a atribuir ao projecto.

## INFRA-ESTRUTURAS

Noutra área levantam-se porblemas que não serão muito fáceis de resolver para a parte portuguesa: a Ford precisa da garantia de infra-estruturas urbanas, e em tempo útil, naturalmente.

Aqui ocorrem os obstáculos que têm surgido em Sines e Santo André. Concretamente, segundo o Gabinete da Área de Sines, GAS, a Ford precisaria de ter à sua disposição 7100 casas entre 1980 e 1983. A resposta a esta exigência da parte portuguesa implica opções de fundo essenciais à expansão futura de todo o complexo e forçará decerto a montagem de uma estrutura organizativa mais eficaz no próprio Gabinete.

Segundo declarações recentes de Carlos Beaumont, prsidente do GAS, as necessidades da Ford poderiam ser satisfeitas desde que a nível oficial fossem imediatamente mobilizados todos os meios indispensáveis.

## TAVEZ EM JUNHO

As negociações com a Ford tiveram início há pouco mais de um ano, em Fevereiro de 1979, quando o então secretário de Estado da Indústria transformadora do IV Governo apresentou em Londres a candidatura portuguesa.

ANÚNCUO

**2.ª Publicação**

C.ª Precatória n.º 625/80 — 3.º Juizo 1.ª secção — Arrematação Exequente — Fernando Manuel da Silva Costa, residente no Alto da Pêga — Rua D 274 em Vila do Conde.

Executada — Manuel de Abreu Júnior, Ld.ª, com sede no Largo D. Nuno Alvares Pereira n.º 1-1.º em Frielas-Loures.

FAZ SABER que no dia 14 do próximo mês de Abril pelas 14 horas, no Tribunal Judicial de Loures, nos autos de carta precatória vinda do 6.º Juizo e 1.ª secção do Tribunal do Trabalho do Porto e extraída dos autos de Execução de Sentença que o Exequente move contra a executada, acima identificados, será posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lanço oferecido acima do valor indicado, dos bens abaixo descritos e penhorados aquela executada, para garantia e pagamento da quantia exequenda de 114.520$00 e custas acrescidas com a execução.

BENS A VENDER

1.º — Uma mesa de escritório em madeira de cor, em estado de nova avaliada em 15.000$00.

2.º — Uma cadeira em ferro, forrada em napa de cor preta, avaliada em 1.500$00.

3.º — Uma máquina de escrever, tipo portátil, da marca Brother Deluxe 1350, com o n.º 0-2181987, avaliada em 7.000$00.

4.º — Uma máquina de somar, de tamanho médio, da marca MILDA, 1212 PD 50/60 HZ, com o n.º 03761751, em bom estado de conservação, avaliada em 26.000$00.

5.º — Um candeeiro de pé e cesto de papéis com abajour e uma mesinha de centro baixinha com tampo revestido em plástico imitação de pedra, tendo este conjunto sido avaliado em 10.000$00.

6.º — Um relógio de sala, da marca MAULHI, com pêndulo em estado de novo, avaliado em 10.000$00.

7.º — Uma mobília de sala de jantar com mesa e seis cadeiras e dois móveis, tamanho e modelo idêntico, QUINAN em madeira de cor e em estado de nova e bem conservada, avaliada em 40.000$00.

8.º — Uma cristaleira estilo vitrina com metro e meio, aproximadamente de alto, com vidros revestidos de madeira fingindo desenhos no mesmo, em madeira de côr em bom estado de conservação avaliada em 8.000$00.

9.º — Um aparelho de televisão, da marca PHILIPS, tamanho médio, em bom estado de conservação, com o n.º 73400, avaliado em 6.000$00.

10.º — Uma carpete de côr tom verde, tamanho aproximadamente 3 m por 1,50 m, em bom estado de apresentação, avaliada em 3.000$00.

11.º — Uma carpete tamanho 3 m por 2,5 m, aproximadamente, de tom cor vermelha, que se encontra em bom estado de conservação, avaliada em 4.000$00.

12.º — Dois reposteiros de estilo galeriais de cones, servindo o par no mesmo vão com 3 m de comprimento aproximadamente, a parte de madeira, em madeira de cor, e o tecido em amarelo, tendo sido atribuído a este conjunto o valor de 8.000$00.

É fiel depositária dos bens acima descritos a senhora — Celeste Rosário Ferreira de Abreu, residente no Largo D. Nuno Álvares Pereira n.º 1 — 1.º em Frielas — Loures.

**Loures, 10 de Março de 1980**

**O Juiz de Direito**
**Rosendo Dias José**
**O Escrivão Adjunto**
**José , Paulino**


**ALIMENTAÇÃO RACIONAL**

**A SOVEX ao passar o seu 18.º aniversário oferece nas compras no seu estabelecimento o desconto de 10% (dez por cento) durante o mês de Março de 1980.**

**Temos grande variedade de produtos para:**
DIABÉTICOS — OBESOS — NATURISTAS — INFÂNCIA

ALIMENTAÇÃO MACROBIÓTICA, ETC.

FAÇAM-NOS UMA VISITA OU CONSULTEM-NOS

**SOVEX**

Rua Passos Manuel, 80-A/B — LISBOA

TELEF. 56 09 48 - 53 77 87



Caminhos de Ferro Portugueses

**Informação**

**RAMAL DE TOMAR**

**Previnem-se os srs. passageiros de que por motivo das obras de conservação da catenária, nos períodos de 24 a 28 de Março, 31 do mesmo mês a 3 de Abril e ainda no dia 7 de Abril, é suprimida em todo o trajecto a seguinte circulação:**

**Comboio n.º 636 — Com partida de Tomar às 14.10h e chegada a Lisboa (St.ª Apolónia) às 16.15h.**

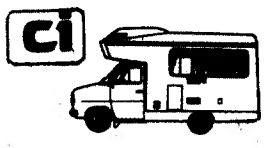
**Esperamos a boa colaboração dos srs. passageiros, tendo em vista as vantagens que advém daqueles trabalhos.**



**NAUTICAMPO**

**DE 21 a 30 MARÇO 1980**
**VENHA VER AS**

**Autocaravanas**




AS TENDAS

André JAMET E VITÓRIA DE MATOSINHOS

**E TODO O MATERIAL DE CAMPISMO NO STAND DA**

**MOTOPEÇAS**



**EMELLI**

**RUA DE SANTA JUSTA, 97 e 99 – LISBOA**
**TELEFONE 32 72 10**

**TODOS OS ARTIGOS ELÉCTRICOS**

**GRANDE VARIEDADE DE CANDEEIROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS**

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
**DOS CANDEEIROS DE TRABALHO**

**"KAISER"** (alemães)

**E DE ESTIRADOR**

**"LEDU"** (SUECOS)

Em Espanha

# Greve no Metro "dá" 2000 processos disciplinares

A direcção do metropolitano de Madrid instaurou processos disciplinares a 2000 trabalhadores que ontem fizeram greve, contrariando a lei que obrigava ao funcionamento desse transporte público.

O processo afecta 900 trabalhadores do turno da manhã e 1100 do da tarde, de um total de 5200 trabalhadores.

Apoiada por um decreto oficial, a empresa do «Metro» enviou telegramas pessoais aos empregados escolhidos para manter o funcionamento nas horas de ponta. O diploma estipulava que tinha de ficar garantido o funcionamento do «Metro» das seis às dez horas da manhã, e das cinco às nove da noite, horas de máxima afluência de público.

Mas os trabalhadores cumpriram a greve convocada para apoiar as suas reivindicações. A empresa oferece 10,8 por cento de aumento salarial, frente aos 16 por cento pedidos pelos trabalhadores.

A greve, a segunda no espaço de uma semana, afectou cerca de um ilhão de passageiros. Os prejuízos para a empresa ascendem a dez milhões de escudos.

Milhares de pessoas faltaram ou chegaram tarde aos empregos, devido aos engarrafamentos nas principais artérias de Madrid.

**Greves nos transportes**

Os trabalhadores dos serviços públicos de transportes da Holanda realizaram ontem uma paralisaçao de 24 horas em protesto contra a intenção do Governo de manter o congelamento de aumentos salariais.

Nas principais cidades holandesas, nomeadamente Amesterdão, Roterdão, Haia e Utreque, os autocarros e eléctricos ficaram parados e apenas alguns comboios efectuaram ligações, mas com grandes atrasos. O porto de Amesterdão ficou igualmente paralisado.

Um dirigente sindical declarou que mais de cem mil trabalhadores tinham aderido à greve, que provocou grandes engarrafamentos e o encerramento de estabelecimentos de ensino.

Um porta-voz da maior federação sindical holandesa, que representa 1,1 milhões de trabalhadores, declarou que a greve poderia ser alargada se o Governo (conservador) mantivesse a disposição de não aumentar os ordenados.

Os aumentos salariais na Holanda estão congelados há cerca de três meses, e o Governo anunciou medidas destinadas a manter o congelamento para além do mês de Julho, altura em que habitualmente se processam os aumentos.

Também ontem, os 5600 trabalhadores da companhia japonesa de transportes «Keisei Electric Railway» efectuaram uma greve de meio-dia, que provocou a supressão de 435 comboios e 5841 autocarros.

Proposta do Governo é "incorrecta"

# PRC da Função Pública debatida em centenas de reuniões

Dirigentes sindicais promoveram ontem cerca de trezentas reuniões com trabalhadores da Função Pública, para análise da contraproposta do Governo à proposta reivindicativa comum (PRC) do sector.

As reuniões integravam-se na «jornada de luta a nível nacional» decretada pelos sindicatos subscritores da PRC, com vista a obrigar o Governo a iniciar, «de forma efectiva», as negociações do caderno reivindicativo, nomeadamente no que respeita a questões salariais.

O Sindicato da Função Pública considerou a contraproposta, apresentada na quarta-feira pelo secretário de Estado da Reforma Administrativa, como «extremamente incorrecta», sobretudo por aumentar o leque salarial. Ela «privilegia os trabalhadores dos quadros superiores, em desfavor dos escalões inferiores, e os aumentos nela preconizados não repõem o poder de compra dos trabalhadores».

Os sindicatos não abdicam de nenhum dos pontos da PRC, e estão dispostos a prosseguir «o diálogo e as negociações».

Estes sindicatos representam cerca de 300 mil trabalhadores da Função Pública e reivindicam, entre outros pontos, aumentos salariais de 21,4 por cento, com efeitos retroactivos a 1 de Janeiro, e actualização das diuturnidades.

**Metalúrgicos: quatro horas no dia 27**

Os trabalhadores das indústrias metalúrgicas e metalomecânicas vão paralisar durante quatro horas, no dia 27.

Simultaneamente, realizar-se-ão concentrações e manifestações junto às delegações do Ministério do Trabalho na maioria dos distritos, nomeadamente Porto, Leiria, Faro e Santarém.

Em Lisboa, os metalúrgicos concentram-se às 17.30 na Praça do Chile, seguindo em manifestação até ao edifício do Ministério, na Praça de Londres.

Os metalúrgicos lutam pela negociação de um novo contrato colectivo de trabalho para o sector, reivindicando aumentos salariais que vão de 31 a 33 por cento. Os representantes patronais negam-se a conceder aumentos superiores a 18 por cento e requereram a conciliação junto do Ministério do Trabalho.

Os sindicatos interpretam esta atitude como uma forma de o patronato se «escudar no seu Ministério».

Existem cerca de 214 mil trabalhadores da metalurgia e metalomecânica em Portugal, estando as mais importantes empresas do sector concentradas nas cinturas industriais de Lisboa e Setúbal.

A paralisação do dia 27 não afectará as empresas do ramo automóvel, objecto de um CCT autónomo.

**Portuários: greve suspensa na CTM e CNN**

A Federação Sindical dos Trabalhadores Portuários suspendeu a greve, com início previsto para o dia 24, em duas empresas públicas de transporte marítimo.

A greve respeitava aos conferentes, estivadores e trabalhadores do tráfego portuário dos quadros permanentes da Companhia Nacional de Navegação (CNN) e da Companhia de Transportes Marítimos (CTM).

A suspensão da greve deve-se ao facto de os conselhos de gerência das duas empresas «terem aceitado sentar-se à mesa das negociações». A paralisação (por tempo indeterminado) tinha como objectivo obrigar as empresas ao «integral cumprimento», no sector portuário da contratação colectiva em vigor desde 1 de Janeiro.

Dados do INE

# Lisboa em 78: mais de cem sindicatos

No ano de 1978 havia em Portugal 376 sindicatos, segundo o boletim do Instituto Nacional de Estatística (INE), agora divulgado.

Os três distritos com maior número de associações sindicais eram Lisboa (104), Porto (60) e Aveiro (22). Bragança, com quatro, Beja, Guarda, e Portalegre, com cinco cada, eram os distritos com menor número de sindicatos. Nas regiões autónomas de Açores e Madeira havia 40 associações de classe.

Do boletim do INE ressalta que, do total de sindicatos existentes, apenas 69 tinham âmbito nacional, e dois âmbito continental. 107 abrangiam a área distrital e tinham âmbito pluridistrital. Havia ainda um sindicato plurimunicipal e sete municipais.

Os sindicatos de âmbito nacional situavam-se apenas em sete distritos (Aveiro, Castelo Branco, Leiria, Porto, Santarém e Setúbal) e os de âmbito continental apenas em Lisboa e Porto. Bragança, Castelo Branco, Faro, Portalegre e Viana do Castelo nem sindicatos com âmbito pluridistrital possuíam.

O sindicato de âmbito plurimunicipal existia no Porto, e, com âmbito municipal, havia-os em Aveiro, Coimbra, Lisboa, Porto, Viana do Castelo e Viseu.

O estudo do INE não revela a taxa de adesão, nem o total de sindicalizados no país.

PUB.

# ÀS MULHERES

**TRABALHADORAS — MÃES — DONAS DE CASA**

Quem mais directamente são confrontadas nas praças, nos talhos e nos Supermercados com a alta do custo de vida, achando-se muitas vezes impotentes para governar a sua casa e dar de comer aos seus filhos

# AOS JOVENS

**RAPAZES E RAPARIGAS**

Principais vítimas do desemprego e de discriminação de vária ordem, a quem os reduzidos salários e a alta do custo de vida impedem um desenvolvimento harmonioso e uma plena independência social que facilite a sua integração na sociedade.

**VAMOS FAZER DO DIA 22, UM DIA DE LUTA CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA**

**TODOS À**

# CONCENTRÇÃO

**22 DE MARÇO — 16 HORAS**

## Praça da Figueira

— CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA!
— POR SALÁRIOS JUSTOS!
— PELA DEFESA DA CONSTITUIÇÃO DE ABRIL!
— PELA DEFESA DO REGIME DEMOCRÁTICO!

DEPARTAMENTO MULHERES USL — DEPARTAMENTO JOVENS USL

# 22 DE MARÇO DIA DE LUTA

## CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

# CONCENTRAÇÃO

**PRAÇA DA FIGUEIRA ÀS 16.00 HORAS**

As organizações promotoras do Dia de Luta Contra os Aumentos do Custo de Vida apelam a todas as camadas da população lesadas pela acção do Governo «AD», a todos os democratas, empregados, operários, técnicos, intelectuais. A todas as mulheres trabalhadoras, mães e donas de casa, aos jovens e reformados para se unirem na defesa dos seus legítimos direitos e interesses comuns, na defesa do regime democrático e da Constituição de Abril.

- CONTRA O CUSTO DE VIDA
- PELO DIREITO À HABITAÇÃO
- POR PENSÕES DE REFORMA CONDIGNAS
- PELA DEFESA DA CONSTITUIÇÃO
- PELA DEFESA DAS CONQUISTAS DE ABRIL

DEPART.° MULHERES USL, MDM, CUM's AIL, COMISSÃO DISTRITAL DO MURPI, DEPT.° JOVENS USL, COMISSÃO COORDENADORA DAS COMISSÕES DE MORADORES

## Silas Cerqueira a propósito da

# Unidade da Frente Popular do Zimbabwe é essencial à consolidação da vitória

Em Junho de 1977, Roberto Mugabe e Joshua Nkhomo estiveram em Lisboa, e, no Auditório da Fundação Gulbenkian, previram que daí a dois anos estariam em Salisbúria. Até os mais estrénuos aliados da luta de libertação dos povos do Zimbabwe acharam então que essa profecia era demasiado arriscada. E, no entanto, Mugabe e Nkhomo tinham razão. Quem nos recordou este facto, foi Silas Cerqueira, secretário executivo do Comité Internacional Contra o Apartheid, o Racismo e o Colonialismo na África Austral (JCSA, Londres), e um dos organizadores da Conferência Mundial contra o Apartheid, que reuniu em Lisboa os quatro dirigentes nacionalistas da África Austral (Mugabe e Nkhomo, da Frente Patriótica, Oliver Tambo, do Conselho Nacional Africano, e Sam Nujoma, da Organização para a Libertação dos Povos do Sudoeste Africano). Numa entrevista consagrada à nova situação criada naquela zona do mundo com a recente vitória da Frente Patriótica no Zimbabwe, Silas Cerqueira analisa as tarefas que os dirigentes de Salisbúria enfrentam a partir de agora e fala das repercussões que este acontecimento irá ter sobre toda a África Austral. Deste modo, o «DL» assinala o dia 21 de Março, data que a Assembleia Geral da ONU determinou que fosse considerado o Dia Internacional contra a Discriminação Racial. Quando em 21 de Março de 1960 as forças repressivas da África do Sul metralharam os africanos que protestavam pacificamente em Sharpeville contra a obrigatoriedade do «passe» ou «caderneta», Pretória e Salisbúria sentiam-se ainda firmes nos seus «tronos brancos». O 25 de Abril estava longe e mais longe ainda a vitória esmagadora dos povos do Zimbabwe.

«A vitória do povo do Zimbabwe e da Frente Patriótica, em especial da ZANU, presidida por Robert Mugabe, significa realmente o acesso do Zimbabwe à independência. Isto permite avaliar retrospectivamente como eram fundamentadas as denúncias dos patriotas do Zimbabwe e de todos os que eram solidários com eles, incluindo o Movimento Português contra o Apartheid, contra o pretenso Estado independente governado por Muzorewa (devidamente classificado de «Estado fantoche») e contra as «eleições» que na altura deram uma «vitória» a Muzorewa. Os próprios colonialistas britânicos, quando viram que essa manobra tinha falhado rotundamente, devido à consciência política e à maturidade do povo do Zimbabwe, renegaram em grande parte o que tinham feito, e – coisa caricata! – a Rodésia voltou formalmente ao domínio colonial britânico. Deste modo, quando a Grã-Bretanha reassumiu as suas responsabilidades de potência colonial isso veio confirmar que as anteriores «eleições» tinham sido fraudulentas e foi um reconhecimento de que Muzorewa chefiava uma regime «fantoche».

«Em desespero de causa, os colonialistas britânicos tentaram uma última manobra – as negociações de Lancaster House. Foram levados a isso porque se viram encostados à parede. A luta armada dos combatentes da Frente Patriótica (com duas forças: a ZANLA – da ZANU – e a ZIPRA – da ZAPU) tornou a vida impossível para os colonos do Zimbabwe, gerando uma hemorragia inexorável e constante da população branca. A própria economia do Zimbabwe se ressentiu grandemente: por um lado, os investimentos na agricultura e nas minas deixaram de ser rentáveis; por outro, as despesas militares conheciam um aumento cada vez maior. Mas há que salientar que não existia apenas a luta armada: nos principais centros urbanos e rurais desenrolava-se uma luta política e social de massas. Apesar das prisões, do terror, dos enforcamentos, da dureza da repressão racista, os camponeses e os trabalhadores não recuavam, lutando com grande heroicidade e consciência. A maturidade do povo do Zimbabwe manifestou-se também pelo facto de este não se ter deixado enganar pela cor da pele dos governantes: o facto de Muzorewa ser negro não enganou as massas.

«Nos últimos anos sucederam-se os «planos» para a Rodésia, («acordo interno», «negociações com todas as partes interessadas», etc., etc.), todos eles de autoria anglo-americana, tal como o «plano Muzorewa». Todos esses projectos visavam fazer sentar os fantoches na mesa das negociações e colocar nas mãos da Grã-Bretanha e dos EUA os destinos do Zimbabwe.

«Quando os britânicos pela primeira vez desde a Declaração Unilateral de Independência (proclamada em 1965), aceitaram finalmente as suas responsabilidades como potência colonial – exigência que os nacionalistas desde sempre fizeram – isso, foi ainda uma manobra em desespero de causa, a qual visou impedir que a situação se tornasse mais perigosa ainda para os seus interesses.

«É que a luta armada, apesar dos sacrifícios, apesar dos refugiados que gerava, das perdas de vida, dos sofrimentos infligidos também a Moçambique e à Zâmbia, continuou a desenvolver-se em profundidade e em extensão. De tal modo que a breve prazo, Muzorewa, e os anglo-americanos, com as potências ocidentais, corriam o risco de se encontrarem e breve prazo perante uma situação em que o arranque final para a independência e para a conquista do poder seria efectuado pela via das armas, como, de certo modo, aconteceu em Angola e Moçambique. A Frente Patriótica conquistaria o poder e a independência pelas armas. Foi isso que a Grã-Bretanha e as outras potências ocidentais quiseram evitar através de Lancaster House.

**Silas Cerqueira, combatente do movimento da paz, desde 1950, por isso preso pela PIDE várias vezes, julgado e exilado político , membro da Presidência do Conselho Mundial da Paz, secretário executivo do ICSA, membro da Presidência do Conselho Português para a Paz e Cooperação.**

**– Afinal Lancaster House acabou por ser uma manobra falhada...**

«Exactamente. Eles esperavam que no decurso dessas negociações, morosas, difíceis, muito prolongadas, iriam conseguir que a Frente Patriótica acabasse por abandonar a mesa das negociações.

Mas tal não se verificou. Tentaram também levar a uma divisão no seio da FP. Não o conseguiram. Por fim, esperaram que a FP fosse levada a fazer concessões de tal natureza que esvaziassem os acordos do seu conteúdo e que permitissem realizar eleições em cincunstâncias tais que Muzorewa e os colonos britânicos lograssem falsear os resultados, através de pressões de toda a ordem sobre o eleitorado para que este votasse no neocolonialismo. Apesar de terem ido para estas negociações em «estado de necessidade», os colonialistas estiveram sempre manobrando para que o seu resultado final lhes fosse favorável. Mas cometeram um gigantesco erro de cálculo: as suas próprias concepções antidemocráticas levaram-nos a subestimar o povo do Zimbabwe e a consciência anti-racista, anticolonialista e anti-imperialista que ele denotou. Um certo racismo camuflado, um certo desprezo levou os colonialistas a nutrirem esperanças de poderem manobrar e enganar o povo do Zimbabwe.

Continua na pág 13

estúdio 444

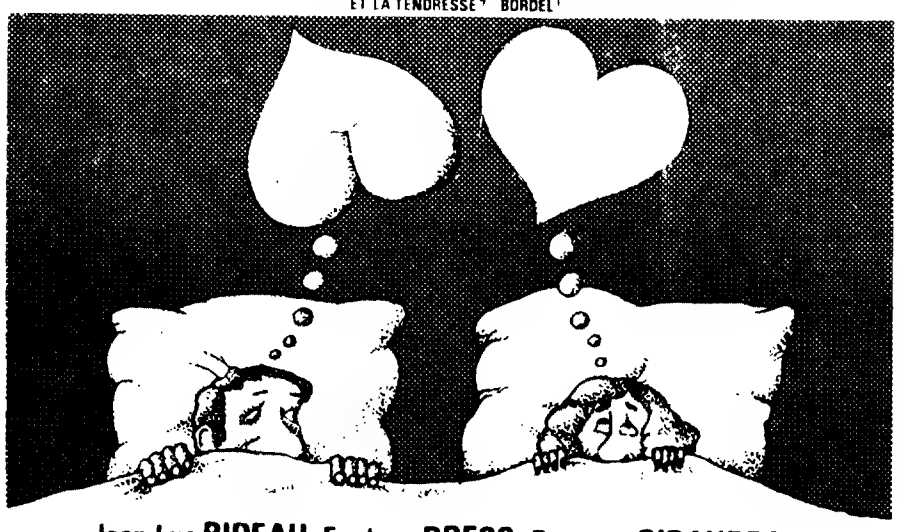
9.ª SEMANA

85 000 complexados
73 000 ternos
52 000 românticas
43 000 obcecados
32 000 feministas
22 000 machistas
5 larilas

elegeram a comédia do ano!

E A TERNURA?... UMA OVA!

ET LA TENDRESSE ? BORDEL !



Jean-Luc BIDEAU · Evelyne DRESS · Bernard GIRAUDEAU
Anne-Marie Philipe · Regis Porte
realização e argumento PATRICK SCHULMANN · color

DOPERFILME

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

estúdio nucnuanucnu

ESTREIA HOJE ÀS 21.30H.

o filme indispensável para entender TINTIN
para os pais dos leitores de TINTIN
para quem nunca leu TINTIN
para quem tem saudades de TINTIN

EU, TINTIN

MOI, TINTIN

contado por HERGÉ, o criador de TINTIN

COLOR

FILMES OCIDENTE

ANTES DE FAZER UMA VIAGEM
Certifique-se do estado dos travões,
direcção, suspensão, luzes e pneus.
Disso depende a sua vida e a dos outros.

circular é viver

# eliminação da discriminação racial

Continuação da pág 12

**– E a Frente Patriótica: que motivos a levaram a Lancaster House, se o tempo jogava a favor dela?**

«É evidente que a Frente Patriótica não ia rejeitar negociações e propostas, que, embora cheias de alçapões, significavam já e só por si uma grande vitória para a luta política velha de dezenas de anos e para a luta militar de sete anos. Dê-se agora que os dirigentes da FP tiveram toda a razão em ir a Lancaster House. Por um lado, combateram eficazmente as manobras colonialistas, por outro, os factos vieram demonstrar que era válida e justificada a confiança nas suas forças, no seu povo, e no apoio das forças progressistas mundiais e na correlação de forças que é favorável aos povos em luta pela sua independência.

**– Qual o papel do regime de Pretória em toda esta questão da Rodésia?**

«A guerra no Zimbabwe durou tanto tempo precisamente devido ao papel exercido pelo regime do «apartheid» na África Austral. Papel não apenas militar mas também económico. Todas as manobras tecidas à volta da Rodésia pouco tinham a ver com os interesses dos colonos rodesianos. Visavam sobretudo manter aquele regime como tampão em relação à África do Sul. Isso explica a presença de tropas sul-africanas no território do Zimbabwe e as ameaças de Pretória, que ainda continuam, aliás, de pé. Isso representa um factor de perigo e inquietação para a independência do Zimbabwe.

«Hoje Pretória já não pode tudo na África Austral. Mas ainda pode muito, embora vá podendo cada vez menos. Há os chamados Estados da Linha da Frente, e, em primeiro lugar, a República Popular de Moçambique e a República Popular da Angola, com uma orientação firmemente anti-imperialista, progressista, e fortemente solidária com a FP, a SWAPO e o CNA. A constituição deste grupo de cinco Estados (RPM, RPA, Zâmbia Botswana e Tanzânia) teve uma importância considerável porque, apesar dos seus diferentes regimes económico-sociais permitiram uma grande unidade de acção anti-imperialista e anti-África do Sul.

«Se a independência foi conquistada através de eleições, tendo em conta o que já foi dito anteriormente, vê-se que o resulado das eleições traduziu uma correlação de forças préexistente no terreno derivada fundamentalmente da luta armada. Outro factor a ter em conta é o da existência de vastas zonas de território do Zimbabwe que, na prática, já tinham sido libertadas do colonialismo. Quando o governador britânico, «lord» Soames, Muzorewa e os detentores do poder de estado fascista da Rodésia se queixavam de que havia zonas em que as eleições não seriam livres, estavam sem querer a confessar que existiam no país largas áreas sobre as quais as forças repressivas e colonialistas não exerciam já controlo.

«Estas eleições não podem de modo nenhum comparar-se com as que se realizam nos países de democracia ocidental. Aqui não se tratou de eleições para a escolha dum governo, mas sim, o que é caso extremamente raro, para uma mudança de sistema. O voto foi concludente: o povo consciente do Zimbabwe disse **não** a um sistema racista e colonialista e votou por uma verdadeira independência.

**– Quais as diferenças entre o processo de libertação do Zimbabwe, e os de Angola e Moçambique?**

«Se na Rodésia os colonialistas acederam a realizar estas eleições e se a manobra acabou por se virar contra eles, isso deveu-se ao facto de Angola e Moçambique serem ja independentes. Foi essa circunstância que possibilitou o processo pouso habitual verificado no Zimbabwe. Quando Angola e Moçambique conquistaram a independência não existia um quadro regional e uma correlação de forças tão favorável. Além disso, em ambos os casos a luta político-militar estava mais avançada, e por último, o acesso dos povos angolano e moçambicano à independência deu-se em interpenetração com o próprio levantamento do povo português contra o fascismo e o consequente desmantelamento do aparelho de Estado fascista e colonialista a partir de Portugal. O regime democrático saído do 25 de Abril não tinha objectivamente nenhum interesse em tentar manobras idênticas às que Londres tentou na Rodésia. Mas se porventura se tivessem realizado eleições em condições idênticas às do Zimbabwe de agora – o que não era o caso – é óbvio que o resultado teria sido semelhante ao que se registou no Zimbabwe. Falta, contudo, no Zimbabwe algo que foi ja realizado desde o início e através da luta político-militar e não de eleições em Angola e Moçambique. Falta a destruição do aparelho do Estado colonial. A Frente Patriótica obteve uma esmagadora vitória eleitoral, mas ainda não tem o poder, ainda não existe um aparelho de Estado democrático ao serviço do povo, ainda não existe um Estado nacional, ainda não há FFAA nacionais e patrióticas. Essa é a tarefa gigantesca que Roberto Mugabe tem à sua frente. Isso explica a prudência não isenta de firmeza das declarações de Mugabe.

**– Estarão inteiramente afastados os perigos de uma rebelião armada, ou de incursões da África do Sul e golpe de Estado por ela patrocinado ou de conflitos internos no seio do povo do Zimbabwe?**

«Não estando completamente excluidos, esses perigos parecem hoje menos reais do que aqui há semanas. A vitória eleitoral da Frente Patriótica (e em primeiro lugar de Mugabe e da ZANU) foi, na realidade, esmagadora. Se a vitória em si não foi supreendente, foi-o a sua extensão. E isso pelo menos para já limita muito as possibilidades de manobra, intriga e ameaça do imperialismo anglo-americano e da República da África do Sul.

«Em relação aos colonos, há que dizer que no Zimbabwe, como noutras alturas (exs.: Argélia e ex-Congo Belga), quando os círculos imperialistas se convencem de que estão numa situação em que se vêem obrigados a negociar, rapidamente abandonam os colonos. Servem-se deles como massa de manobra e pretexto para perpetuarem o colonialismo ou uma guerra colonial, mas quando os êxitos da luta anticolonial os obrigam a mudar de táctica e a ir para a negociação não hesitam em abandonar os interesses (mesmo os interesses legítimos) dos colonos, tratando-os como quantidade desprezível. Por isso, neste momento, pouco apoio haveria para uma rebelião armada dos colonos no Zimbabwe.

**– Como explica a vitória tão esmagadora de Mugabe e as tentativas divisionistas no seio do povo do Zimbabwe?**

«É preciso ver que os povos africanos têm culturas seculares anteriores à presença do colonialismo, que muitas vezes as destruiu. Foi o que aconteceu com os povos do Zimbabwe.

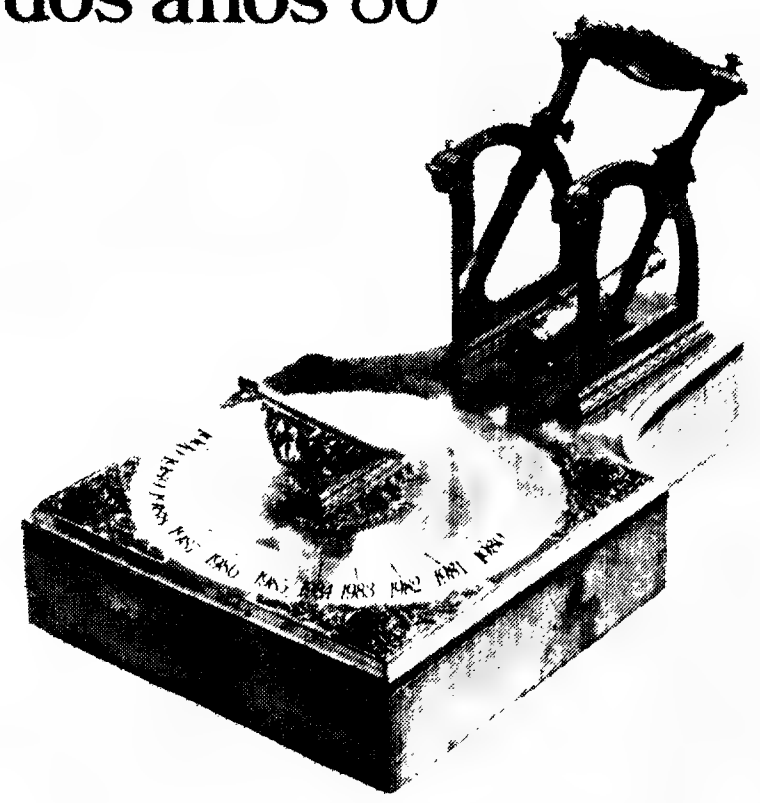
«Ha fundamentalmente dois povos no Zimbabwe: os **Shonas** e os **Matebele**. Os primeiros constituem cerca de 80% da população e há muitos séculos viviam no Zimbabwe, naquilo que na época das descobertas portuesas foi o Reino do Nonomatopa. Trata-se de uma federação de povos africanos entre o Zambeze e o Limpopo, os quais constituiam um Estado nessa época muito rico na agricultura, criação de gado e exploração de minas de ouro. Era um Estado rico e bem defendido: os portugueses não conseguiram penetrar no seu território, tendo sido derrotados nas campanhas que ali fizeram. No primeiro quartel do século XIX, houve um povo que se separou da Federação dos Povos Zulus na África do Sul e se dirigiu para Nordeste sob a pressão dos Boers. Por volta de 1838, esse povo atravessou o Limpopo tendo submetido os povos **Shonas** do Zimbabwe. Este povo vindo da África do Sul eram os **Matebele**, que fala o **Ndebele**.

Constituiu um Estado próspero, o qual coexistiu pacificamente com os **Shonas**, ainda que os **Ndebeles** formassem uma elite e tivessem as melhores terras. Quem depois procurou criar conflitos entre estes dois povos – «dividir para reinar» – foi o colonialismo britânico, que utilizou sistematicamente esse processo em todas as regiões do mundo por onde passou. Ainda hoje essas manobras colonialistas continuam a fim de criar atri-

Continua na pág 14

**Lisboa foi a primeira capital europeia (tanto ocidental como de Leste) onde se reuniram os quatro dirigentes dos movimentos de libertação da África Austral: Oliver Tambo (CNA - África do Sul), Sam Nujoma (SWAPO - Namíbia), Joshua Nikhomo e Robert Mugabe ( FP - Zimbabwe). Na foto: a mesa da presidência da Conferência Mundial contra o Apartheid que decorreu em Lisboa, em Junho de 1977: Oliver Tambo, Sam Nujoma, Silas Cerqueira, Joshua Nikhomo e Robert Mugabe.**


Aceitamos o desafio dos anos 80



Os anos 80 anunciam-se como anos de crise
Os anos 80 exigem imaginação e eficácia
Nos anos 80 vamos viver com a inflacção.
As vozes mais autorizadas do mundo confirmam essa dura realidade.
Em todo o mundo?
Não!
Os proprietários dos **Apartamentos Turísticos Espaço T.**
por serem proprietários desses apartamentos,
defenderam a tempo o seu dinheiro dos efeitos corrosivos da inflação.
Se ainda não defendeu o seu dinheiro da inflação
adquirindo os **Apartamentos Turísticos Espaço T** não perca oportunidades.
Contacte hoje o esmo ESPAÇO T e [illegible] os anos 80

ESPAÇO T é um departamento Torralta

**Os senhores accionistas e investidores da Torralta beneficiam de condições especiais.**

CORTE E ENVIE HOJE MESMO A **ESPAÇO T**

Departamento ESPAÇO T
Torralta Club Internacional de Férias SARL
Av. Duque de Loulé 24 1098 LISBOA CODEX
Telefones 55 44 79 - 55 56 81 55 60 31 Telex 16465

Estou interessado em defender o meu dinheiro da inflação
Sem compromisso, quero receber informações, sobre os
**Apartamentos de Férias ESPAÇO T.**

NOME
MORADA
LOCALIDADE PAÍS
TELEFONE

ESPAÇO T

PUBLITOTAL

PUB.

# DECLARAÇÃO DE GREVE

CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO VERTICAL PARA OS TRABALHADORES DAS EMPRESAS DO SECTOR DA METALURGIA E METALOMECÂNICA

**Ao Ministério do Trabalho**
**A todas as empresas do sector da Metalurgia e Metalomecânica**

Nos termos e para os efeitos do Art.º 5, n.º 1, da Lei 65/77 de 26 de Agosto as Associações Sindicais signatárias vém declarar greve em todas as empresas do sector durante os seguintes períodos de tempo de trabalho do dia **27 de Março de 1980**:

| | |
|---|---|
| **Turno da manhã** | Greve no 2.º período de trabalho |
| **Turno tarde/noite** | Greve durante todo o 1.º período de trabalho |
| **Horário normal** | Greve a partir dos primeiros trinta minutos do 2.º período de trabalho |

**VALE A PRESENTE DECLARAÇÃO COMO PRÉ-AVISO**

Lisboa, 20 de Março de 1980

**PELAS NEGOCIACÕES DIRECTAS!**
**PELA MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA!**
**UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!**

**AS ASSOCIAÇÕES SINDICAIS SIGNATÁRIAS**

Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal
Federação Nacional dos Transportes Rodoviários Urbanos
Federação Nacional dos Sindicatos da Construção Civil e Madeiras
Federação Portuguesa dos Sindicatos dos Trabalhadores do Comércio e Serviços
Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Químicas e Farmacêuticas
Federação Nacional dos Sindicatos da Ind tstria de Hotelaria e Turismo
Sindicato das Indústrias Eléctricas do Norte
Sindicato das Indústrias Eléctricas do Centro
Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas
Sindicato Nacional dos Técnicos de Desenho
Sindicato dos Telefonistas do Norte
Sindicato dos Telefonistas e Ofícios Correlativos do Distrito de Lisboa
Sindicato dos Construtores Civis
Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações
Sindicato dos Trabalhadores do Serviço de Portaria, Vigilância, Limpeza e Actividades Similares
Sindicato dos Professores da Zona da Grande Lisboa
Sindicato Nacional dos Cobradores e Profissões Similares
Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul
Sindicato dos Ajudantes de Farmácia do Sul e Ilhas
Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Social

RESTAURANTE O BACALHAU
TODOS OS DIAS PRATOS DIFERENTES
ESMERADO SERVIÇO DE LISTA

R Elias Garcia 6-D - Tel 97 26 25
Venda Nova

**MUNICIPIO DE LISBOA**

**EDITAL N.º 26/80**

**FORNECIMENTO DE UM EMPILHADOR**

Faz-se saber que no dia 7 de Abril de 1980, pelas 15.00 horas, terá lugar na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171-C o concurso público para o fornecimento acima referido, com base de licitação de 900 000$00 (Processo n.º 9/80/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 22 500$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa, publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 29 de Fevereiro de 1980

O Presidente da Câmara Municipal
NUNO KRUS ABECASIS

# Silas Cerqueira a propósito da eliminação da discriminação racial

Continuação da pág 13

tos numa base étnica.

Acontece que Roberto Mugabe é **Shona**, enquanto Nkomo é **ndebele**.

Os povos **Shona** e **Ndebele** votaram, pois, pelos seus dirigentes. Tanto Mugabe como Nkhomo passaram dezenas de anos nas prisões de Salisburia, sendo dirigentes muitíssimo respeitados, ainda que o segundo seja mundialmente mais conhecido.

«A melhor arma para fazer face às manobras divisionistas é a unidade. Por isso a constituição da Frente Patriótica e a cooperação entre as suas duas alas foram elemento decisivo da vitória na luta armada. (Destaque-se a propósito que a ZANU se empenhou mais longamente e mais extensa e profundamente na luta armada, enquanto a ZAPU tinha mais quadros políticos e urbanos e desenvolveu uma batalha de organização política de grande importância). Decisiva será também a unidade dentro da FP para esta nova etapa da revolução do Zimbabwe, a qual consiste na construção dum Estado democrático, nacional, independente e progressista, capaz de assegurar não só a independência política, mas também a económica do Zimbabwe.

**– Há cerca de dois anos Mugabe e Nkhomo estiveram em Lisboa. Poderá referir a importância da Conferência Mundial contra o «Apartheid», o Racismo e o Colonialismo na África Austral, na qual os dirigentes da FP participaram?**

«Foi um acontecimento histórico, que se ficou a dever à iniciativa do Conselho Português para a Paz e Cooperação e à Comissão Portuguesa que então organizou essa conferência. com o apoio das forças democráticas nacionais e das forças progressistas mundiais. Foi a primeira vez que se encontraram numa capital europeia (tanto do Ocidente como do Leste) os quatro dirigentes históricos dos movimentos de libertação do Zimbabwe (FP), Namíbia (SWAPO) e África do Sul (CNA – Conselho Nacional Africano). Essa nossa iniciativa teve grande interesse para a causa da paz, para a causa da libertação nacional da África Austral e foi também relevante para o interesse nacional de Portugal. Infelizmente nessa altura nenhum órgão de soberania recebeu qualquer dos quatro dirigentes (Robert Mugabe, Joshua Nkhomo, Oliver Tambo e Sam Nujoma). Isso deveu-se sobretudo a reservas (para não dizer mais) do ministro dos Negócios Estrangeiros de então e também do Primeiro-Ministro da altura. Foi uma oportunidade perdida em termos de interesse nacional.

«Note-se que com a iniciativa recente da Conferência Mundial de Solidariedade com o Povo Árabe e a Palestina, que também se ficou a dever a uma iniciativa do Conselho Português para a Paz e Cooperação, houve uma atitude bastante diferente do Governo dessa data – o de Maria de Lurdes Pintasilgo – e de outros órgãos de soberania, nomeadamente o Presidente da República, que foi o primeiro chefe de Estado dum país membro da NATO a receber Yasser Arafat, o que foi, sem dúvida, um gesto importante e significativo no plano da paz no Médio Oriente e no plano de uma política externa portuguesa de independência nacional.

«Na sessão inaugural da Conferência Mundial contra o «Apartheid» de Junho de 1977, no salão da Fundação Calouste Gulbenkian, os dirigentes da Frente Patriótica do Zimbabwe proclamaram que dentro de um ou dois anos estariam em Salisbúria. Devo dizer que muitos de nós tivemos dúvidas ao ouvi-los, mas, afinal, tinham absoluta razão. Eles é que conheciam a disposição de luta do seu povo.»

**– Há quem aposte muito num suposto apoio da China à ZANU de Roberto Mugabe...**

«O que parece ser muito mais importante e significativo na política externa chinesa é a cooperação (para não dizer aliança) com o regime do «apartheid» e racista da África do Sul. A aliança externa que foi decisiva realmente para Mugabe foi a da República Popular de Moçambique, da Frelimo, do presidente Samora Machel, que, com grande coragem, arriscou e sacrificou a paz no seu território, o avanço na construção nacional e na economia e numerosas vidas de militares e patriotas moçambicanos ao prestar uma ajuda internacionalista e desinteressada ao povo do Zimbabwe e ao repelirem com heroicidade as infiltrações e agressões constantes das FFAA e dos racistas da Rodésia. Agora a vitória do povo do Zimbabwe e a consolidação dessa vitória cria condições regionais muito mais favoráveis para o progresso da edificação nacional moçambicana, que pode contar com fronteiras pacíficas e amigas a Norte.»

**– As condições em que Mugabe tem de agir levá-lo-ão a uma submissão aos interesses económicos ocidentais na região? Certos analistas ocidentais lembram a propósito casos como os de Jomo Kenyatta, do Quénia, e Hastings Banda, do Malawi, que, uma vez chegados ao poder, se mostraram inteiramente aceitáveis para o domínio económico neocolonialista. Essas análises baseiam-se para tais especulações nas declarações aparentemente moderadas de Mugabe após a vitória. Que pensa disso?**

«As declarações de Roberto Mugabe revelam não só um dirigente político e intelectual de grande capacidade, como são já também afirmações de um estadista. Tendo em conta a situação já referida, a fase de transição muito delicada em que se está, os gravíssimos problemas económicos e sociais herdados da guerra e do colonialismo, a inexistência ainda de um aparelho de Estado nacional, isso que alguns analistas ocidentais (confundindo os seus desejos com a verdade) se atrevem a chamar de «viragem» de Mugabe, não é mais que uma abordagem realista e verdadeiramente patriótica e anti-imperialista. Não em palavjas, mas em actos. Volto a dizer que as primeiras tarefas neste período tão delicado são as de construir um Estado independente, organizar FFAA independentes e dar início à reconstrução económica em benefício do povo do Zimbabwe, o que só pode conseguir-se numa perspectiva de desenvolvimento não capitalista. O Zimbabwe é um país muito rico especialmente nos domínios agrícola e mineiro. O problema social mais escaldante é o da terra, é o da necessidade de uma reforma agrária. A desproporção entre a superfície de terra possuída pelos colonos (5% da população e mais de 70% das terras aráveis) e aquela que foi reservada aos africanos é gigantesca».

Acrescente-se ainda que as terras exploradas pelos colonos foram espoliados aos povos **Shonas e Ndebele** e que os colonos ficaram com as terras de melhor qualidade.

A aliança com a República Popular de Moçambique, a República Popular de Angola e os restantes Estados da Linha da Frente, o apoio dado pelos países socialistas (apoio esse que data de há muitos anos) e dos países não-alinhados vão permitir aos dirigentes e ao povo do Zimbabwe wnfrentar estas gigantescas tarefas com confiança e segurança.

**– Quais as repercussões que esta vitória do povo do Zimbabwe poderá vir a ter sobre a luta na Namíbia e na África do Sul?**

«Esta vitória eleitoral e política no Zimbabwe pode ter um efeito contraditório na situação da Namíbia. Por um lado, vai alertar o regime do «apartheid» e as potências ocidentais que o apoiam quanto aos perigos para os seus interesses das manobras em curso na Namibia. Recearão que o tiro lhes saia pela culatra como aconteceu no Zimbabwe. No fundo, o esquema neocolonialista que Pretória e o grupo das cinco potências ocidentais do Conselho de Segurança da ONU têm tantado montar na Namibia, embora com divergências entre si, tem bastantes semelhanças com o que funcionou e fracassou no Zimbabwe: «movimento nacionalista» paralelo e «fantoche», governo «fantoche», farsa eleitoral, e, finalmente, eleições em que tentariam fazer aparecer a SWAPO como mais um partido entre tantos, e não como o autêntico representante do seu povo, como tal reconhecido pela OUA e pela ONU. O fracasso desta manobra no Zimbrabwe pode, por um lado, levar os sul-africanos a complicarem ainda mais o acesso da Namibia à independência. Mas, por outro lado, a vitória do povo do Zimbabwe vem confirmar que a vitória do povo da Namibia e da SWAPO é inevitável, irresistível e se desenha a curto prazo.

«Falei recentemente com o presidente Sam Nujoma que me exprimiu grande confiança na determinação do seu povo e numa vitória mesmo eleitoral da SWAPO. À luz do que acaba de se passar no Zimbabwe, compreendo melhor essa confiança.

**– E quanto à luta no interior da própria África do Sul?**

«Começarei por dizer que as vitórias da República Popular de Moçambique, da República Popular de Angola, a de agora do Zimbabwe, e dentro de um prazo que não será longo a da Namibia, põem cada vez mais na ordem do dia a luta contra o regime monstruoso do «apartheid» na África do Sul.

«A África do Sul é não só o último bastião do colonialismo no continente africano, mas também um pilar e um poderoso instrumento de todo o sistema económico-social e estratégico do imperialismo e das grandes potências ocidentais.

«Um traço distintivo muito importante da luta pela emancipação político social na África do Sul é que aqui a população sul-africana – pelo seu número, pela sua composição, pela sua implantação estratégica, pela sua história, pela sua combatividade, pela sua consciência política e de classe – pode ter e tem um peso específico e um papel dirigente muito maior do que em qualquer outro país africano. A classe operária africana na África do Sul, em aliança com o campesinato e a pequena burguesia urbana, leva avante uma luta que é simultaneamente anti-racista anticolonialista – a África do Sul é um Estado independente mas onde vigora um colonialismo interno, pois o povo africano nunca teve acesso à independência – e anti-monopolista. Daí a grande importância da luta política e social de massas para o processo de libertação na África do Sul.

«Paralelamente, o Conselho Nacional Africano (CNA), presidindo por Oliver Tambo, desencadeou e tem desenvolvido acções de resistência antifascista e acções armadas que, sem terem ainda atingido a fase de uma luta armada em extensão, já golpeiam e afectam seriamente o aparelho repressivo e militar de Pretória. Note-se que em conversações recentes com Oliver Tambo e outros dirigentes do CNA eles explicaram-me que tinham por norma desenvolver este tipo de luta e acções armadas bem a partir do interior do país e não a partir das fronteiras, embora, recentemente os dirigentes de Pretória tenham tentado inventar movimentações a partir das fronteiras com Moçambique ou outras como formas de pressão sobre Estados africanos independentes.

«Por isso, a forma principal de apoio e de solidariedade de Moçambique, Angola e agora do Zimbabwe à luta do povo da África do Sul contra o regime monstruoso do «apartheid» (que muitos apelidam de a «escravatura do nosso século», embora não se trate exactamente disso) está na acção política e diplomática destes Estados independentes e noutras formas de apoio ao povo da África do Sul, ao CNA, que contudo não se traduzem na interferência directa e em acções armadas no território da África do Sul.

«A independência do Zimbabwe é só por si, sem nada mais, uma gigantesca ajuda e uma solidariedade efectiva ao povo da África do Sul e ao CNA. Daí que as declarações de Mugabe estejam perfeitamente certas também sob este ponto de vista.

«Aliás é fundamental para a vitória final do povo da África do Sul – vitória que será muito mais difícil que a de outros povos da África Austral – que os Estados progressistas e antiimperialistas de Moçambique, Angola, Zimbabwe e outros, possam fortalecer-se, consolidar a sua economia, conquistar o bem-estar para os seus povos e prosseguir na sua via de desenvolvimento não capitalista em direcção ao socialismo.

«A tarefa principal hoje dos povos da África Austral e de todas as forças da paz e do progresso que, na África, nos países socialistas, nos países não-alinhados e no mundo, os apoiam é a de assegurar simultaneamente a destruição do «apartheid» e a independência completa e real do povo sul-africano. É igualmente imperioso que possa prosseguir em paz o desenvolvimento dos regimes progressistas de Angola, Moçambique e Zimbabwe, sem uma guerra generalizada na Áfica Austral e sem agressões da parte da África do Sul. É uma tarefa com duas faces, em que um lado não deve ser sacrificado ao outro, mas em que ambos se completam e se reforçam mutuamente. Como se sabe, a África do Sul, com a cumplicidade dos EUA, França e República Federal Alemã, dispõe já de acesso à arma atómica, e, segundo dizia há dias o «New York Herald Tribune», à bomba de neutrões. «Aqui intervém como força cada vez mais importante e determinante a opinião pública mundial, os povos do mundo, as forças da paz e democráticas internacionais unidas na acção contra o «apartheid», unanimemente condenado pela ONU e rejeitado pela consciência moral da humanidade.

«No caso do nosso país, onde ainda há grupos e interesses económicos e políticos antidemocráticos favoráveis e ligados ao regime do «apatheid», é dever das forças democráticas desenvolver a solidariedade com o povo da África do Sul e com o da Namíbia. É o que se propõe, entre outros, o Movimento, Português contra o Apartheid, Racismo e Colonialismo na África Austral, saído da Conferência Mundial que se realizou em Lisboa em Junho de 1977. Trata-se de uma actividade que merece o maior apoio de todos os portugueses, independentemente das diferentes convicções políticas ou religiosas de cada um. Porque se trata de uma actividade humanitária de interesse para a paz mundial e afinal de solidariedade também para com Angola, Moçambique e de óbvio interesse nacional – até para os portugueses residentes na África do Sul– isto apesar de e contra a actual política externa do Governo Sá Carneiro, que sacrifica a independência e interesses do nosso País.

**Alice Nicolau**

# Países da CEE poderão romper com o Irão

Dez embaixadores ocidentais no Irão recomendaram que as suas nações estudem o corte de relações com Teerão se parecer não haver outra forma de tentar libertar os reféns na Embaixada ocupada dos Estados Unidos, afirma o «New York Times».

Numa notícia citando fontes diplomáticas de Paris, o jornal diz que os embaixadores eram dos nove países do Mercado Comum Europeu e da Grécia, um membro em perspectiva da CEE.

Entretanto, o Irão entrou ontem no ano 1359 do seu calendário solar e os cerca de 50 reféns americanos no seu 138.º dia de detenção na Embaixada dos Estados Unidos em Teerão.

As comemorações do «Now Ruz» (Ano Novo) durarão uma semana, o que deverá atrasar as operações de escrutínio de 14 de Março.

O imã Khomeiny, numa mensagem por ocasião do Ano Novo, afirmou que seja qual for o resultado das eleições «o povo não se pode enganar» e que a vitória da revolução, é a vitória «de Deus». Pediu também que cessem as críticas contra o desenrolar do escrutínio.

Por seu turno, Bani Sadr, presidente da República, lançou um apelo para que «a ordem local seja restabelecida em todo o país e que todos os actos sejam conformes à lei».

Por último, uma comissão de sete membros foi formada em Teerão para investigar possíveis irregularidades na primeira volta das eleições para o Parlamento islâmico realizadas há uma semana, informou a Rádio iraniana.

Cyrus Vance confirma

# EUA condenaram Israel

O secretário de Estado norte-americano, Cyrus Vance, confirmou que os EUA votaram conscientemente na ONU contra os colonatos israelitas nos territórios árabes ocupados. Vance fez estas declarações ao depor perante a Comissão de Relações Externas do Senado, salientando que aquele voto consciente e nada errado teve o propósito de manifestar ao primeiro-ministro israelita, Menahen Begin o desagrado de Washington perante as atitudes intransigentes de Telavive.

Vance acrescentou que o presidente Carter só desautorizou o representante da sua Administração na ONU pelo facto de o resolução aprovada conter referências e Jerusalém, reafirmando que foram um erro pessoal seu o facto de não ter compreendido que Carter exigia a omissão dessas referências para que o texto pudesse ser aprovado pelos EUA.

Estas declarações de Vance, se, por um lado, indicam a condenação da política israelita, não devem deixar ilusões quanto à posição essencial dos EUA, reafirmada agora tanto pelo próprio Vance como pelo vice-presidente Walter Mondale: apoio firme a Israel e oposição à criação de um Estado palestiniano. Por mais brechas que esta posição possa já ter aberto, ela mantem-se oficial, pelo menos até às eleições. E é reafirmada num momento em que Carter relança a iniciativa de Camp David numa aparente tentativa de fazer chegar as conversações israelo-egipcias a bom termo no prazo fixado: 26 de Maio. Nos começos de Abril próximo, Carter receberá os dirigentes egípcios e israelita. No fim do mês receberá o monarca jordano. O jornalista Rafael Ramos, da EFE, refere quatro motivações para estas iniciativas norte-americanas: 1) contrariar as diligências euro-ocidentais em relação à OLP; 2) fazer esquecer o voto dos EUA na ONU sobre os colonatos; 3) dar um golpe de mestre na política externa para ganhar as primárias de Nova Iorque, onde um terço do eleitorado é judeu; 4) finalmente distrair o povo dos EUA das crises no Irão – onde a libertação dos reféns parece cada vez mais distante – e do Afeganistão – onde o apoio internacional às represálias contra a URSS é muito limitado e a tão celebrada «doutrina Carter» se mostra fracassada.

Enquanto isto, a Frente da Firmeza vai reunir-se de novo no dia 28 em Damasco para analisar a política mundiale reforçar a solidariedade árabe anti-Camp David.

### Telavive-Pretória

A Rádio israelita confirmou que o ministro de Defesa, Ezer Weitzmann se deslocou em «missão política de rotina» à Africa do Sul. A viagem foi secreta e durou três dias. Motivo oficial da visita: assuntos de segurança comuns aos dois países.

Tanto Israel como a África do Sul negaram informações postas a circular por alguns jornais no sentido de estar a ser criada pelos dois países um esquema de cooperação para o fabrico de armamento nuclear e desmentiram notícias de uma experiência atómica conjunta frente às costas sul-africanas.

### Acordo Iémen – – Arábia Saudita?

Vários jornais koweitianos referem, um acordo entre a Arábia Saudita e o Iémen do Norte, segundo o qual «as autoridades de Sana dispensariam os cem conselheiros soviéticos que se encontram no seu país», contra a promessa de um reatamento do apoio financeiro saudita.

Os jornais koweitianos acrescentam que o acordo em questão foi revelado pela Imprensa egípcia do Cairo e esta informação foi difundida em seguida por Rádio Israel e depois retomada pelo «New York Times».

Fonte egípcia deu a entender que a Arábia Saudita poria à República Árabe do Iemen mais duas condições: 1. paralisação da cooperação militar entre Sana e a URSS, nomeadamente no que diz respeito ao treino de jovens recrutas norte-imenitas na União Soviética. 2. congelamento das negociações interiemenitas para restabelecer a unidade do país.

Por outro lado, e segundo a mesma fonte, teria sido efectuada uma transferência de fundos envolvendo 300 milhões de dólares, há duas semanas, de Riad para Sana, como primeiro passo para honrar o novo acordo.

# Bispo mexicano justifica acção do "M-19" em Bogotá

O bispo católico mexicano Mendez Arceo,justificou a ocupação da Embaixada Dominicana em Bogotá, salientando tratar-se «de uma acção de excepção» que se produz «num regime de excepção».

Segundo o prelado mexicano, a acção dos guerrilheiros do«M-19» «não é uma moda, porque as modas são problemas de ricos e nãode pobres».

«Neste caso – salienta – trata-se de pequenas fendas,abertas pelos guerrilheiros, de clara-bóias por onde se pode respirar, de tribunais onde podem fazer-se ouvir».

Mendez Arceo, cujas declarações foram difundidas por um diário mexicano, elogiou os movimentos guerrilheiros que contam com implantação popular e afirmou que «o socialismo é a única alternativa para o povo pobre e explorado da América Latina.»

O governo colombiano deseja «ganhar tempo para cansar os ocupantes da Embaixada e acumular meios para os reprimir», considerou o bispo, acentuando que «a intervenção armada contra a Embaixada seria uma loucura».

O bispo acrescentou que «utilizando uma expressão biblica, pode dizer-se que «um guerrilheiro é um Moisés».

«Quando a guerrilha surge oportunamente – prosseguiu – pode-se chegar a situações como a criada pela Frente Sandinista na Nicarágua, movimento que existia desde 1960».

«Eu considero que a guerrilha necessita de ter raízes no povo, de poder contar com este como seu apoio essencial. Necessita também que se registem certos vazios de poder do estado opressor»,concluiu o bispo da cidade mexicana de Cuernavaca.

Prossegue a "desmaoização"

# Outro "histórico" reabilitado na China

Pela terceira vez em menos de um mês, um grande chefe histórico do Partido Comunista Chinês (Li Lisan), denunciado por Mao Tsetung e banido da história, foi reabilitado solenemente a título póstumo em Pequim.

O «Jornal do Povo», órgão central do Partido Comunista e todos os outros jornais chineses concedem hoje um lugar de destaque a esta reabilitação pronunciada durante uma reunião que teve lugar ontem, em memória de Li Lisan, falecido em Junho de 1967 em plena Revolução Cultural. Diz-se que Li Lisan se suicidou sob a pressão dos Guardas Vermelhos.

Li Lisan que foi expulso de França em 1919, quando era estudante, por agitação comunista, dirigiu o PC Chinês de 1929 a 1o30. Foi saneado por «oportunismo» e «desviacionismo de esquerda» em 1930.

Entretanto, o «Manual dos Princípios Fundamentais do Partido» destinado a substituir o «Livrinho Vermelho» do presidente Mao Tsetung, será posto à venda a partir de hoje em toda a China, revela um telegrama da Agência China Nova recebido em Hong-Kong.

Este manual fora aprovado quando do recente plenário da Comissão Central do Partido Comunista Chinês.

BULGÁRIA
VIAGENS DE TURISMO COM VISITAS SOCIAIS
28/4(1º Maio),19/5(Dia Nac.Cultura)
02 e 16/6(Com.Aniv.G.Dimitrov)
14/7,04 e 14/8,04/9(Festa Nac.)
06/11(7 Nov.) e 29/12(Fim Ano)
SOFIA,RILA,VARNA
BURGAS e outras
TUDO INCLUIDO
Informações e inscrições das 10 às 19,30 h na
ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-BULGÁRIA
R S NICOLAU,119,-2º LISBOA-TELEF 323963
ORGANIZAÇÃO DA MUNDIRAMA

**TRIBUNAL DA COMARCA DE LISBOA**
8.º Juízo Cível

ANÚNCIO

O Dr. António Gomes Baião, Meritíssimo Juíz de Direito do Tribunal do 8.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, 1.ª Secção;

Faz saber que por este Juízo e Secção, nos autos de Acção Sumária com o n º 7 544/78, em que é autora NETILNOVA EMPRESA DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS, LIMITADA é réu JOSÉ MANUEL VICENTE RIBEIRO, que teve a suas última residência conhecida na Travessa dos Fieis de Deus, n.º 123-3.º Esq. Lisboa, correm éditos de trinta dfias contados da seguna e última publicação deste anúncio, citando o referido réu — JOSÉ MANUEL VICENTE RIBEIRO, para no prazo de dez dias, contestar a Acção Sumária referida, sob pena de ser condenado no pedido, que se resume no seguinte: — a pagar à autora a quantida de 99 432$80, juros, custas, procuradoria e no demais que for legal.

Lisboa, 14 de Março de 1980
O JUIZ DE DIREITO
António Gomes Baião
O ESCRIVÃO ADJUNTO
A. Ferreira

CONTRA A DIREITA
A GOVERNAR
UNIDADE POPULAR

A UNIDADE DOS COMUNISTAS
A SITUAÇÃO POLITICA
A UNIDADE POPULAR

VASCO SANTANA
SEXTA 21/3
ÀS 21H

Unidade Comunista

FOC
ESCOLAR
DAMOS ASSISTÊNCIA E REPARAMOS APARELHOS AUDIOVISUAIS DE TODAS AS MARCAS
consulte os nossos serviços técnicos
FOC ESCOLAR | ESTRADA DA CIRCUNVALAÇÃO PORTELA DA AJUDA-1495-LISBOA-3 TELS. | 2100362 2103245-2100062

# Zinzi Mandela na luta pela libertação de seu pai

A filha do dirigente nacionalista negro Nélson Mandela, declarou ontem, perante mais de 1.000 estudantes, em Joanesburgo, que a libertação do seu pai talvez fosse a única possibilidade de evitar «um banho de sangue» na África do Sul.

Zinzi Mandela, de 19 anos, cujo pai cumpre uma pena de prisão perpétua na penitenciária de Robben Island, e cuja mãe, Winnie Mandela, foi exilada numa pequena aldeia do chamado Estado Livre de Orange, disse que Nélson Mandela oferecia uma solução para os problemas da África do Sul. Ignorá-lo equivalerá a uma escalada de violência, disse Zinzi Mandela num comício realizado na Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, no âmbito da campanha lançada recentemente para obter a libertação do dirigente do Congresso Nacional Africano (ANC), movimento de resistência interdito.

Nélson Mandela foi condenado em 1964 no célebre julgamento de Rivonia, tal como outros dirigentes do ANC, acusados de «sabotagem» e «conjura» para derrubar o regime de Pretória pela força.

O lançamento da campanha para a libertação do dirigente do ANC coincide com o 20.º aniversário do massacre de Sharpeville, precisamente em 21 de Março de 1960, quando a Polícia racista matou 70 manifestantes negros e feriu centenas.

A assistência ao comício era composta sobretudo por estudantes, na maioria brancos, que escutaram emocionados as declarações de Zinzi: «Nunca soube o que é a vida com o meu pai. Tenho visto crescer a ira do meu povo. Mas talvez com a libertação do meu pai possa haver uma alternativa ao banho de sangue».

Caminhos de Ferro Portugueses
Informação

**TRANSPORTE DE AUTOMÓVEIS**

**Previnem-se os Srs. Passageiros de que, desde 17 de Março os comboios abaixo designados passam a fazer serviço de Transporte de Automóveis.**

**Comboio n.º 17 – Com partida de Lisboa (St.ª Apolónia) às 15-25 horas e chegada a Porto (Campanhã) às 19-50.**

**Comboio n.º 18 – Com partida de Porto (Campanhã) às 15-25 horas e chegada a Lisboa (St.ª Apolónia) às 19-50 horas.**

**Para mais informações, devem dirigir-se às nossas estações ou às Secções de Informações verbais ou telefónicas.**

**Lisboa – 32 62 26**
**32 62 27**
**32 62 28**

**Auto Expresso – 86 46 75**
**Porto – 56 41 41**

S. R.

MINISTERIO DA INDUSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Moita em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP, Zona Distribuição Tejo — Zona Lisboa, a que se refere o processo 8/66 624, arquivo 14, para o estabelecimento, no concelho de Vila Franca de Xira, de modificação da linha misa a 10kv n.º 1124/R-10, numa extensão total de 266 metros, em Cotovias.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser prsentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 5 de Março de 1980.

O DIRECTOR DE SERVIÇOS,

**José Flores**

S. R.

MINISTERIO DA INDUSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Moita em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP, Zona Distribuição Setúbal, a que se refere o processo 8/67 163, arquivo 45, para o estabelecimento, na freguesia e concelho da Moita, da linha aéra a 30 kV, com 512 metros, do apoio n.º 38 da linha RA 30-3-7 Variante Palhais-Moita, para o Posto de Transformação da Comitur no Pinhal das Arroteias.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser prsentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 13 de Março de 1980.

O DIRECTOR DE SERVIÇOS,

**José Flores**

Zimbabwe

# Fim da lei marcial e amnistia política

A lei marcial será oficialmente levantada na sexta-feira e uma lei de amnistia para os crimes políticos entrará simultaneamente em vigor, anuncia-se oficialmente em Salisbúria.

Lorde Soames assinou três decretos prevendo a proclamação oficial do fim da lei marcial em vigor há 2 anos, em mais de 90 por cento do território rodesiano, a amnistia ou o perdão dos crimes políticos cometidos antes de 1 de Março de 1980 e a libertação das pessoas detidas devido à lei marcial, anunciou o porta-voz do governador britânico, Nicholas Fenn, numa conferência de Imprensa.

Segundo o terceiro decreto, todos os prisioneiros que tenham sido reconhecidos culpados de infracção à lei marcial por tribunais militares serão imediatamente libertados, anunciou Fenn.

Por seu lado, Mugabe, que se encontrou com lorde Soames, anunciou a nomeação de Bernard Chizero para o Ministério do Planeamento Económico e Desenvolvimento, o quarto posto na hierarquia governamental.

Chizero, que é secretário adjunto da Conferência para o Comércio e Desenvolvimento das Nações Unidas, estará em Salisbúria no fim de semana para consultas com Mugabe.

Um porta-voz do governador revelou, entretanto, que Mugabe tinha confirmado junto de Soames a sua intenção de susciar a adesão do Zimbabwe à Convenção de Lomé, o que proporcionará ao país acesso preferencial ao Mercado Comum Europeu e auxílio do Fundo Europeu para o Desenvolvimento.

Mugabe tinha já revelado a intenção de pedir a adesão à Comunidade Britânica.

Em Nova Iorque, um representante da ZANU revelou que o seu país solicitará também, em breve, a entrada na ONU, incluindo-se no grupo dos não-alinhados.

Moçambique

# Demitidos dois ministros

O presidente Samora Machel demitiu dois dos seus ministros, e um terceiro membro do Governo apresentou a sua demissão, depois de um enérgico ataque lançado na terça-feira passada pelo Chefe de Estado contra a corrupção e o parasitismo nos serviços do Estado.

Um comunicado da Presidência da Republica anuncia que o ministro da Saúde, Hélder Martins, apresentou a sua demissão e que Samora Machel demitiu o ministro do Comércio Interno, Manuel dos Santos, e o das Obras Públicas e da Habitação, João Cosme.

Estas decisões foram tomadas durante a reunião do Conselho de Ministros, durante o qual o Comité Político Permanente do Partido (FRELIMO) apresentou um relatório sobre a «ofensiva política e de organização» em curso no país.

Na passada terça-feira o presidente Machel lançara um violento ataque contra as carências da Função Pública e dera três meses aos seus ministros para porem em ordem os seus ministérios.

## Berlinguer reafirma necessidade de participação do PCI no Governo

Enrico Berlinguer, secretário do Partido Comunista Italiano, reafirmou «a necessidade dum governo de unidade nacional», que inclua o Partido Comunita, «para salvar a democracia italiana».

Numa entrevista radiofónica, Berlinguer qualificou de «verdadeiramente escandalosa num momento tão dramático» a recusa oposta pela Democracia Cristã à entrada dos comunistas no governo.

Pelo seu lado, o secretário do Partido Socialista, Bettino Craxi, preconizou a participação dos socialistas no governo ao lado da democracia-cristã, insistindo na «solidariedade nacional» a esquerda. Porém, falando na Comissão Central do Partido, Craxi opôs um «não» categórico à hipótese de um governo minoritário demo-cristão, que dirigiria o país. À espera duma evolução nas relações entre patidos.

Aguardam-se com interesse as conclusões da Comissão Central do PSI, previstas para hoje, pois este é, na realidade, o árbitro da situação entre a democracia cristã e o PCI.

## Faleceu o pai de Adolfo Suárez

O pai do presidente do Governo espanhol Adolfo Soárez, faleceu às primeiras horas de ontem numa clínica de Madrid.

Hipólito Suárez Guerra tinha sido hospitalizado há vários dias.

O presidente do Governo espanhol encontrava-se à cabeceira do doente quando este morreu.

**TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA**

14.º Juízo

**ANÚNCIO**

**2.ª Publicação**

Na acção sumária n.º 3253/N pendente na 1.ª Secção do 14.º Juízo Cível de Lisboa intentada pelo Banco Português do Atlântico nos termos do Art.º 1241.º do C.P. Civil contra o administrador da falência e credores da massa falida da POLITRANSPORTES-NAVEGAÇAO E TRÂNSITOS, S.A.R.L., correm éditos de 10 dias contados da publicação do segundo e último anúncio citando aqueles credores para no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, contestarem o pedido do banco autor que pretende que seja verificado e graduado o seu crédito no montante de 59.549$30, titulado por uma letra

Lisboa, 17 de Março de 1980

O JUIZ DE DIREITO
**(José António da Cruz)**

O ESCRIVAO-ADJUNTO

**(João Gonçalves)**

**NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS**

D. Helder Câmara

# A escravatura existe

O bispo brasileiro de Olinda e Recife, monsenhor Hélder Câmara, afirmou em Fortaleza, capital do Nordeste Brasileiro, perante 5.000 jovens, que «o povo unido, mesmo sem armas, jamais será vencido».

Retomando um tema já focado durante a campanha da fraternidade da Conferência Episcopal Brasileira, aquele bispo dissertou sobre a migração rural para os grandes centros urbanos.

Disse, a propósito, que, apesar de ter sido oficialmente eliminada do Brasil, em 13 de Maio de 1888, a escravatura continua a existir naquele país. «Está bem clara – afirmou – no drama vivido por milhares de homens, mulheres e crianças que vivem em busca de algo melhor, que raramente encontram».

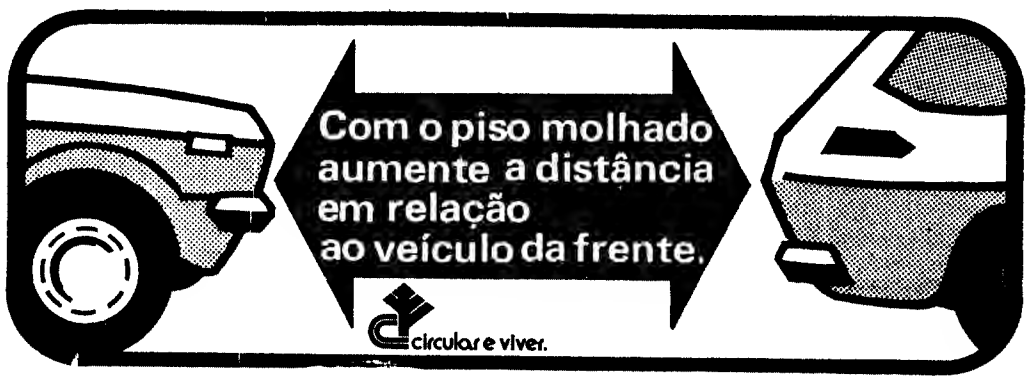
Acrescentou que esse drama se divide em duas partes:

O camponês deixa as suas terras e dirige-se para as cidades, porque no campo «é perseguido pelos patrões que o mantêm em regime de escravatura». Ao chegar à cidade, que não tem capacidade para absorver essa onda de migrantes, continua a ser marginalizado e passa a viver nas «favelas» (bairros de lata).

O prelado recordou ainda que Fortaleza tem hoje 214 «favelas» precisando que isso «mostra bem o grave problema das migrações».

D. Hélder Câmara exortou os 5.000 jovens que o escutavam a formar um movimento «para a libertação dos brasileiros», sugerindo que esse movimento se realize em nome de Cristo.

«Quem será o Moisés que Deus chama agora? É o próprio povo unido, mas sem a loucura de pegar em armas, porque elas são fabricadas pelos opressores», finalizou o bispo.



# Desporto

## "Jogos" discutidos no CE

# Representante do Governo AD favorável ao boicote

A Grã-Bretanha, a Holanda e Portugal, formaram um grupo de países cujos governos se pronunciaram a favor do boicote aos Jogos Olímpicos de Moscovo, durante a reunião informal dos ministros dos Desportos dos 21 países membros do Conselho da Europa que teve lugar ontem em Estrasburgo.

Um outro grupo, formado pela Suiça, Suécia e Áustria, declarou que não interviria de maneira nenhuma na decisão dos respectivos Comités Olímpicos. Finalmente, países de um terceiro grupo entre os quais se conta a Alemanha Federal e a França aguardam, pois consideram ser necessário esperar até aodia 24 de Maio (data limite da confirmação da participação) para tomarem uma decisão.

O ministro alemão do Interior encarregado dos Desportos Gerhard Baume, que presidiu à reunião declarou: «as divergências que existem não devem fazer esquecer que todos os ministros dos Desportos do Conselho da Europa foramunânimes em condenar a invasão soviética no Afeganistão.» Interrogado sobre se o governo de Bona tomaria disposições para impedir osdesportistas alemães a irem a Moscovo, o ministro declarou: «o meu governo não tem a intenção de fazer pressão sobre os organismos desportivos alemães. Não impediremos nunca os nossos desportistas de desobedecer a uma recomendação do governo da RFA no sentido de boicotarem os Jogos Olímpicos».

### MNE desmente

Um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros desmentiu a notícia que indicava que o Governo português se pronunciou favoravelmente ao boicote aos Jogos Olímpicos de Moscovo, durante a reunião dos ministros dos Desportos do Conselhoda Europa, em Estrasburgo.

# "Corrida da Liberdade" aberta a toda a gente

A Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, o Secretariado das Colectividades Populares de Cultura, Recreio e Desporto do concelho de Lisboa e outras Colectividades e Academias da capital, decidiram, em reunião efectuada há dias, constituir-se em Comissão Promotora e Dinamizadora da «Corrida da Liberdade 25 de Abril», a realizar nesta cidade e aberta à participação de toda a gente.

A Comissão Promotora que funcionará na sede da Federação das Colectividades, dirigiu, entretanto, público convite e apelo a todas as organizações associativas, culturais e desportivas, autarquias, comissões de moradores, escolas, professores e estudantes, sindicatos, etc. a fim de se integrarem e participarem na promoção e dinamização daquela manifestação desportiva a realizar no próprio dia da Liberdade, durante a manhã.

O mesmo órgão deliberou já que os percursos das diversas corridas (infantis, iniciados, juvenis, seniores e veteranos – masculinos e femininos) serão os habituais, com chegada aos Restauradores.

Todas as informações referentes à iniciativa poderão ser pois solicitadas na Rua da Palma, 256-A, ou pelo telefone 861619.

### Aniversário da Constituição

Por outro lado, e visando a comemoração do aniversário da promulgação da Constituição, haverá no próximo dia 30 de Março, domingo – por iniciativa da mesma Comissão Promotora – várias provas desportivas e jogos no Terreiro do Paço, em Lisboa.

# Porto-Marítimo e Varzim-Benfica nas meias finais da Taça

**O sorteio para as meias finais da Taça de Portugal em futebol, efectuado ontem na sala de escrutínios do Totobola, resultou (em teoria) favorável às turmas do Porto e do Benfica. Com efeito, o capricho da bolinha apontou para os encontros F. C. Porto-Marítimo e Varzim-Benfica, a disputar nos campos dos clubes em primeiro lugar, no próximo dia 4 de Maio pelas 16 horas. A final, mais uma vez a enquadrar no cenário do Estádio Nacional, será a 7 de Junho. Não poderemos ser chamados de bruxos se vaticinarmos mais um Porto – Benfica...**

**A nossa foto foca o momento em que o delegado do Benfica tirava a «bolinha» da sorte. Será mesmo?**

# Escócia: selecção escolhida para receber os portugueses

O director técnico da selecção escocesa de futebol Jock Stein, divulgou a lista dos jogadores convocados para o jogo com Portugal, a contar para o europeu de futebol, dia 26, em Glasgow.

O encontro, que se disputa no Hampden Park é o último do grupo dois de apuramento, mas não terá influência na classificação, porque a Bélgica já assegurou a presença na fase final, em Itália, de 11 a 22 de Junho.

Stein convocou seis novos jogadores, enquanto manteve cinco futebolistas que alinharam no «mundial» da Argentina, em 1978. Os estreantes são Ray Stewart (West Ham), Alex Mcleish e Steve Archibald (Aberdeen) Alan Brazil (Ipswich), Alan Mcculloch (Kilmarnock) e Ally Dawson (Rangers).

Foram afastados os «veteranos» Sandy Jardine (Rangers) Gordon Mcqueen (Manchester United) e Asa Hartford (Everton).

A lista dos jogadores convocados foi a seguinte:

Guarda-redes: Rough (Partick) e Mcculloch (Kilmarnock), defesas: Burley (Ipswich), Dawson (Rangers), Frank Gray (Nottingham Forest), Hansen (Liverpool) Mcleish e Miller (Aberdeen) Mcgrain (Celtic), Stewart (West Ham); Médios – Aitken (Celtic), Gemmill (Birmingham), Narey (Dundee United) Souness (Liverpool); avançados: Archibald (Aberdeen), Brazil (Ipswich), Dalglish (Liverpool), Andy Gray (Wolverhampton), Provan, (Celtic) e Robertson (Nottingham Forest).

### Inglaterra escolhe

Seis jogadores do Liverpool estão incluídos no lote dos 19 futebolistas convocados para o encontro particular entre a Inglaterra e a Espanha, a realizar no dia 26, em Barcelona. Na lista, figuram os nomes de três jogadores que militam em equipas estrangeiras, como é o caso de Kevin Keegan (Hamburgo), Tony Woodock (Colónia) e Laurie Cunningham (Real Madrid).

Para além dos seis jogadores do Liverpool estão incluídos duas antigas «estrelas» do mesmo clube: Keegan e Hughes, actualmente no Wolverhampton, vencedor da Taça da Liga Inglesa.

A lista dos jogadores convocados para o encontro de preparação para a fase final do «Europeu», em Itália, é a seguinte:

Guarda-redes: Clemence (Liverpool) e Peer Shilton (Nottingham Forest); defesas: Phil Nalaw e Phil Thompson (Liverpool), Dave Watson (Southampton), Trevor Cherry (Leeds), Emlyn Hughes (Wolverhampton), Mick Mills (Ipswich), Kennedy Sanson (Crystal Palace); centros-campistas: Terry McDermott, Ray Kennedy (Liverpool), Ray Wilkins (Manchester United), Trevor Brooking (West Ham); avançados: Kevin Keegan (Hamburgo), Steve Coppel (Manchester United), Laurie Cunningham (Real Madrid), Trevor Francis (Nottingham Forest), David Johnson (Liverpool) e Tony Woodock (Colónia).

### Gales escolhe

Mike England (de 38 anos de idade) foi nomeado novo treinador da selecção nacional de futebol de Gales, em substituição de Mike Smith, que assinou por um clube da 3.ª divisão inglesa. England foi 44 vezes «internacional» e resume a sua meta dizendo: «estaremos na fase final do «Mundial-82».

### «Taça de África

A Nigéria bateu o Marrocos por uma bola a zero na meia-final da «Taça de África das Nações».

# Xadrez: campeões em luta

Viktor Korchnoi e o soviético Tigran Petrosian empataram a sexta partida dos quartos-de-final do Torneio de Candidatos de Xadrez, em Velben, após trinta e oito lances. Com este resultado, Korchnoi tem uma vantagem sobre Petrosian de 3,5 pontos contra 2,5 pontos bastando-lhe mais dois pontos para se qualificar para a meia-final.

O empate foi acordado entre os jogadores ao fim de quatro horas e cinquenta e cinco minutos. O vencedor do torneio disputará o título mundial com o actual campeão, o soviético Anatoli Karpov

### Recurso de Korchnoi

Um tribunal holandês decidiu adiar por três meses a decisão do recurso de Vítor Korchnoi sobre o resultado do campeonato mundial de xadrez de 1978. Korchnoi pedia a repetição do último jogo do seu «match» com Anatoly Karpov, disputado na cidade de Baguio (Filipinas).

O xadrezista, actualmente exilado na Suiça relaciona a sua derrota com a presença na sala do hipnotizador Vladimir Zhoukar, que (segundo ele) estaria ao serviço de Karpov

A data do recomeço do julgamento será anunciada em Abril.

### Na Guarda

O Grupo de Xadrez da Guarda vai promover, de 14 a 18 de Agosto, o IV Campeonato Aberto Internacional de Xadrez do clube. A iniciativa constitui a principal prova promovida anualmente por grupos de xadrez da Guarda.

# Juniores de futebol a caminho do "Europeu"

**Amanhã, em Portimão, os juniores do futebol português têm à sua disposição a passagem à fase final do respectivo Campeonato Europeu. Basta que, para tanto, arrecadem os dois pontos da ordem no encontro que vão disputar com a turma maltesa. Não é de crer que simpatia dos rapazes de Malta possa superar o indiscutivelmente melhor futebol dos nossos. Ontem, no Estádio Nacional,realizou-se o último treino do seleccionado junior, de que mostramos estas duas imagens: Jesualdo Ferreira fornece as derradeiras indicações aos seus pupilos,que por seu turno dão as derradeiras voltas ao campo...**

VISITE A
DECOMUR
RESTOS DE COLECÇÃO

...UM «PRONTO A VESTIR» PARA SUA CASA...
ALCATIFA DE CARACULO desde 197$50/m2
PAPÉIS DE PAREDE desde 75$00/rolo
RESTOS DE ALCATIFA A PREÇOS SENSACIONAIS

DECOMUR
Rua Clemente Meneres, 2 (ao Carregal)
Telefones: 23928/9
4000 PORTO

## MEMÓRIAS DE CINEMA

Prossegue hoje no Quarteto o ciclo «Memórias do Cinema» com as seguintes sessões duplas a partir das 23,30 h:

**Sala 1** — «A História da vida e da Má vida». R.ª Carlo Lizanni. «Amor e Balas» — R.ª Stuart. Rosenberg.

**Sala 2** — «Repulsa» — R.ª Roman Polanski. «O Fim do Mundo na n/ cama habitual» — R.ª Lina Wertmuller.

**Sala 3** — «Amor e balas — R.ª Stuart Rosenberg. Tempo de Amar — R.ª John Cassavetes.

**Sala 4** — «O Fim do Mundo na n/cama habitual — R.ª Lina Wertmuller. «A História da vida e da Má vida — R.ª Carlo Lizzani.

TEATRO ABERTO
P. de ESPANHA (metro: PALHAVÃ) telefone: 77 09 69
grupo 4
APRESENTA
UMA OBRA FUNDAMENTAL DO TEATRO MODERNO
Andorra
de
ENCENAÇÃO DE MORAIS E CASTRO. CENÁRIOS DE ROGÉRIO RIBEIRO, COM: ADELAIDE FERREIRA, ALEXANDRE MELO, ANTÓNIO ANJOS, ANTÓNIO MONTEZ, ANTÓNIO RAMA, CARLOS GONÇALVES, CARLOS SANTOS, LINDA SILVA, MORAIS E CASTRO, RUI MENDES, VASCONCELOS VIANA, VIEIRA DE ALMEIDA
E A PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE
IVONE SILVA
TODAS AS NOITES ÀS 21.45
SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS TAMBÉM ÀS 16 HORAS
DESCANSO ÀS 2.as FEIRAS

ADÓQUE teatro
NO MARTIM MONIZ - TEL. 87 42 80
SE NÃO VIU VÁ VER...
Tel. 874476
QUERIAS
MAS NÃO TE DOU!
EM CENA ATÉ AO DIA 6 DE ABRIL
6.ª FEIRA: SESSÃO ÀS 21.45
SÁBADO: ÀS 20.30 E ÀS 22.45
DOMINGO: ÀS 16.30 E ÀS 21.45
ZÁS! TRÁS! PÁS! — O musical infantil no sábado,às 16.00

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
hoje às 21,45
O DRAGÃO
DE EVGUENI SCHWARTZ
3.º mês
ultimas semanas
·domingo só às 18 horas
·segunda-feira descanso
SUB S.E.C.
PRAÇA DE ESPANHA - M. PALHAVA - TEL. 76 26 24

MERCEDES 220-D
VENDE-SE
Particular, 1972, um só dono, bom estado, vende-se a pronto.
Pode ser visto (e aceitam-se propostas) na Rua Vasco da Gama, 68, ALGUEIRÃO.
Informa telefone 89 99 98 - LISBOA

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Em colaboração com o BRITISH COUNCIL apresenta a Companhia do
Old Vic
27 de Março, Dia Mundial do Teatro, e nos dias 28 e 29, às 21,30 h.
com a peça de JANE McCULLOCH
THE LUNATIC, THE LOVER AND THE POET
(An evening with Lord Byron)
Direcção de TOBY ROBERTSON
com TIMOTHY DALTON no papel de Lord Byron
e CHARLES KAY, TREVOR MARTIN
e ADRIENNE POSTA
"...uma deslumbrante experiência teatral..." MELBOURNE SUN
A bilheteira abre às 13 h. — Tel. 32 22 10
Espectáculo para todos.

R. Tenente Raul Cascais
n.º 1-A 1200 Lisboa
Tel. 661515-669205
teatro do bairro alto
teatro da Cornucópia
ZUCA TRUCA BAZARUCA E ARTUR
Uma peça do Grips Theater — PARA CRIANÇAS
«...Este espectáculo é um dos mais importantes e recomendáveis que, para opúblico mais jovem, se fizeram no Teatro Português de Abril».
Carlos Porto — «DL»
TODOS OS SÁBADOS E DOMINGOS
16 HORAS
SEC

a barraca
HOJE 21 30
PRETO no BRANCO
DARIO FO - HELDER COSTA
Sub SEC
Telef. 68 63 00
R. Alexandre Herculano, 70
Folga 2.ª-F., Dom. (só) 16 H

GALERIA NACIONAL DE ARTE MODERNA
CINEMA EM BELÉM
O SILÊNCIO
de
INGMAR BERGMAN
Grupo D – M/18 anos
Sábado, 22 e domingo, 23 de Março
Às 15,30 e 18 horas
ENTRADA LIVRE
Av. Brasília – Belém
(junto ao Mercado do Povo)
DIRECÇÃO GERAL DA ACÇÃO CULTURAL

# Sete Ponto Sete

## VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

### O fim!

Eunice Cabral termina hoje, nas nossas páginas, o seu exaustivo estudo sobre a obra de José Cardoso Pires, um dos grandes autores portugueses contemporâneos e nosso prezado colaborador. A primeira parte deste trabalho, recordamo-lo, foi publicada no número do Sete Ponto Sete da semana passada.

**Pág. 23 e 25**

### Como são?

Além do «Apocalypse Now», também hoje estreia o Kramer contra Kramer»: Dustin Hoffman, Meryl Streep e Justin Henry, de seis anos. Ambos filmes que você não vai perder, durante este fim-de-semana, se marcar bilhetes desde já.

### Bom!

Um Fassbinder a caminho dos cinemas das grandes avenidas. Só agora a crítica vai começar a «conhecê-lo»? Porquê?

**Pág. 20**

### O filme das separações

Segunda-feira 24, no segundo canal, às 22 horas: o quarto episódio do fabuloso «Cenas da Vida Conjugal», de Ingmar Bergman, com Liv Ulman, Erland Josephson e Bibi Anderson. Depois haverá ainda mais duas semanas de «Cenas». Quando o filme foi exibido comercialmente numa sala de Lisboa, não foi possível contar as separações a que deu origem. Apanhados de surpresa pela programação atrasada de Fernando Lopes, os homens da Estatística ainda não prepararam, desta vez, um aparelho de avaliação capaz de responder a esta necessidade de contagem das perdas e danos afectivas por efeitos da Televisão.

# Os mestres cantores de Leipzig

**Mário Vieira de Carvalho**

Só me dei conta de que não ouvia há muito música de Wagner quando a Orquestra Gewandhaus de Leipzig atacou a abertura de **Os Mestres Cantores.** O tema dos Mestres, com que se entra logo no assunto, parecia-me ao mesmo tempo novo e familiar, algo como a recordação de um paraíso inconscientemente perdido. À chegada do **Liebsthema,** a sensação de reencontro de um estado de equilíbrio ganhou completa nitidez. Senti que estaria talvez a trair a minha fidelidade a Mozart, companhia que nestas andanças tivera o cuidado de assegurar regularmente (quando menos, conservado em «cassettes»). Mas não havia dúvida: quatro meses sem Wagner tinham criado um vazio numa camada qualquer do subconsciente, tão condicionado pela experiência musical. A novidade do já conhecido era ainda mais perturbante por se compreender o hiato entre dois momentos de audição da mesma obra. Não era um Wagner contra outro Wagner: era, no ponto em que o deixara e no ponto em que o reencontrava, o mesmíssimo. E, por coincidência, na mesmíssima sala e na mesmíssima produção.

Procurar razões musicais ou estéticas, melhor ou pior fundamentadas, para explicar o que é talvez do puro domínio afectivo não levaria longe. Mas, por vezes, o distanciamento em relação a um quotidiano, que necessariamente nos condiciona, pode ajudar a rever alguns conceitos mal se começa a viagem. A cada um se colocará diferentemente a questão: «Que é feito da terra firme onde me sentia tão firme?»

### «A santa arte alemã»

Mozart e Wagner. Quantos amadores de Música, quantos músicos mesmo, não continuarão a bater-se por um ou por outro em termos de gostar ou não gostar, justificando as suas preferências com atributos do género: «frescura», «simplicidade», talvez «pureza» e «elegância» para o primeiro; «sensualidade», «carácter apaixonado», «força», para o segundo. E, todavia, à parte considerações de ordem histórico-cultural que «explicam» Mozart e Wagner nos seus respectivos meios e épocas, serve a qualquer deles qualquer dos atributos. Assumamos, pois, as nossas preferências, mas não confabulemos teorias. Senão, quase apetece contrapor que Wagner é tão mozartiano nos Mestes Cantores quanto Mozart é wagneriano no D. João ou na Flauta Mágica...

Afirmação esta, aliás, não desprovida de fundamento. Se há compositor que tenha pensado em profundidade o seu projecto, na base da assimilação crítica de uma tradição cultural, esse é sem dúvida Wagner. Basta lembrar os seus escritos sobre Mozart, Beethoven ou Weber, elos próximos de uma cadeia que remota aos «Mestres de Nuremberga» e da qual o próprio Wagner se considerava um continuador, ciente do seu direito ao mesmo título de **mestre alemão. Mestre** num sentido não figurativo (de «grande artista») mas no sentido próprio e antigo de **mestre-de-ofício** a que nem sequer faltava o pormenor exterior, simbólico, da gorra que fazia questão de usar e com que aparece em alguns dos seus mais célebres retratos. **Alemão** num sentido não tanto chauvinista, mas mais de ligação ao povo, de ligação a uma comunidade cuja individualidade se preserva e se transmite historicamente sobretudo através da arte. «Mesmo que o Santo Império romano se esfumasse», proclama Hans Sachs, secundado por todo o povo, «ainda nos restaria a santa arte alemã!»

O povo alemão a reconhecer-se na sua arte, num gesto festivo, comovente e exaltante, eis o significado da cena final dos **Mestres Cantores,** tal como o restituiu com extraordinária vitalidade a Ópera de Leipzig, nesta produção de um dos seus encenadores residentes, Gunther Lohse. Por detrás do brilho de desfiles e danças, de trajes e bandeiras, por detrás do rigor historico dos principais apontamentos de cor local na reconstituição da festa popular (insígnias dos mesteirais, máscaras e arlequins, etc.), por detrás do espectáculo envolvendo larguíssimas dezenas de artistas (incluindo coro, bailarinos, figurantes), havia essa mensagem mais profunda.

### Música «de anteontem» para «depois de amanhã»

Descendo a alguns pormenores da «culinária cénica» (expressão de Gunther Lohse, citando Brecht), que tem a missão de ocupar totalmente o espectador com a compreensão da obra porque lhe prende a atenção e o diverte, aponto entre muitas outras ideias ainda relacionadas com o último quadro, as seguintes: no final do 2.º acto, dado com tintas brughelianas e um virtuosismo de expressão corporal que me trouxe à memória o Piccolo Teatro di Milano, introdução de alguns elementos (máscaras, perseguições, etc.), que ligavam naturalmente a desordem da véspera à festa do dia; aproveitamento dos arlequins como um precioso apoio para sublinhar

Continua na pág. 22

# Agenda

## CINE/PONTO

| | |
|---|---|
| **O Amigo Americano** | **** |
| **Manhattan** | **** |
| **A Árvore dos Tamancos** | **** |
| **Adeus Macho** | *** |
| **...E Justiça para Todos** | *** |
| **Recorda o meu Nome** | ** |
| **O Casamento de Maria Braun** | ** |
| **Música no Coração** | * |
| **O Homem que Matou o Passado** | * |
| **O Campeão** | • |

**A «Chave»**

****— Excepcional
***— Bom
**— Interessante
*— Desinteressante
•— A evitar

Al Pacino (à esq.) e John Forsythe em «...E justiça para todos»

### O Amigo Americano

**de Wim Wenders**
**(RFA-França-1977)**
O retumbante sucesso desta ficção que trilha as veredas de uma fixação no cinema que já não há, reinventando um cinema para o futuro, é algo de bastante reconfortante para quem, como eu, aposta num cinema secreto e fascinante
**Cinema Quarteto-sala 3 (14, 16.30, 19, 21.30 e 24h)**
**(não acons. men. 18 anos)**

### Manhattan

**de Woody Allen**
**(USA-1979)**
Woody Allen, quase o cineasta do ano (é que Coppola está aí...), conquista o público de Lisboa com esta sua deambulação pela cidade, a sua memória, a sua noite, as suas encruzilhadas. Um filme de um intelectual que se expõe: coisa rara.
**Cinema ABCine-sala B (15, 17, 19, 21.30 e 23.45h)**
**(não acons. men. 13 anos)**

### A Árvore dos Tamancos

**de Ermanno Olmi**
**(Itália-1978)**
Quase em vias de terminar a carreira (nao por falta de público nias por compromissos assumidos pelo Nimas que não suspeitava o tremendo sucesso deste filme - - malhas que o comércio tece...), **A Árvore dos Tamancos** é um olhar rigoroso e lúcido sobre a realidade camponesa, a ver com carácter de urgência
**Cinema Nimas (14, 17.45 e 21.30h)**
**(para todos)**

### Adeus Macho

**de Marco Ferreri**
**(Itália-França-1978)**
O fim de um tempo, a morte dos mitos, a edénica miragem de um futuro — outro: Ferreri caminha, com o resignado orgulho dos visionários, para os meandros de um universo cada vez mais pessoal, doloroso, incomunicável
**Cinema Quarteto-sala 4 (14.15, 16.45, 19, 21.30 e 24h)**
**(não acons. men. 18 anos)**

### ...E Justiça para Todos

**de Norman Jewison**
**(USA-1979)**
Uma das mais gratas surpresas da presente epoca cinematográfica. Norman Jewison, um realizador habitualmente rotineiro, oferece-nos aqsi um filme pleno de garra, em torno da instituição judiciária americana. Um forte conjunto de secundários apoia Al Pacino e quase o submerge: Jack Warden, Lee Strasberg, Robert Christian são alguns deles
**Cinemas Castil (15.30, 18.30 e 21.30h) e Roxy (14.15, 16.30, 18.45 e 21.30h)**
**(interdito a men. 13 anos)**

### Música no Coração

**de Robert Wise**
**(USA-1965)**
A enésima reposição de um dos maiores sucessos comerciais da história do cinema, nem por isso muito interessante.
**Cinemas Alvalade e Condes (14.30, 18 e 21.30h)**
**(Grupo B — m/ 10 anos)**

### O Homem que Matou o Passado

**de Stuart Cooper**
**(G.B.-Canadá-1977)**
Um filme de fotógrafo a deixar escorregar um argumento que podia ser interessante se tretado de outro modo. Sutherland, David Warner, Hammings, Plummer, aceitáveis, Francine Racette sem pedalada para ser o que a ficção dela pressupunha
**Cinema Quarteto-sala 1 (15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)**
**(interdito a men. 13 anos)**

### O Campeão

**de Franco Zeffirelli**
**(USA-1979)**
Nem o talento do pequeno Ricky Schroder, nem o sucesso inefável de público, fazem com que **O Campeão** seja algo mais que um filme lacrimejante e piegas
**Cinema Mundial (14, 16.30, 19 e 21.30h)**
**(interdito a men. 13 anos)**

## EM FOCO

# O casamento de Maria Braun

Diga-se o que se disser, **O Casamento de Maria Braun** é um acontecimento. Acontecimento comercial, antes de mais nada: programado no Londres, ele está, à partida, «condenado ao sucesso». Acontecimento quanto à «política de exibição», em segundo lugar: os autores do novo cinema alemão acedem as salas das avenidas, aos grandes circuitos de distribuiçao: Fassbinder é reconhecido como **valor** (isto é, passível de produzir uma mais-valia económico-cultural). Só Syberberg ainda está arredado desse círculo e compreende-se: os seus caminhos são radicalmente incomercializáveis; para ele a glória da retrospectiva, do museu, sob os auspícios circunspectos de três instituições com pergaminhos: a Fundação Gulbenkian, o Instituto Alemão e o Centro Nacional de Cultura. Por último, a estreia de **O Casamento de Maria Braun** é um acontecimento de ordem cultural, um vector relevante do cinema europeu e da reflexao sobre o nosso tempo ganha projecção bastante bastante para que o comercio por ele se interesse, para que o público o consuma. Resta saber se isto tudo não acontece no exacto momento em que Fassbinder parece começar a tornar-se **grande público,** ou seja, quando os seus códigos se massificam, se organizam segundo a terrível lógica do cinema de autor comercializado, grandes temas, problemas de História, tratados com a firme simplificação de uma estética banalizada. Ou seja: não mai um risco mas uma exibição; não mais uma inquietação mas um discurso onde todas as ambiguidades se apagaram. Em suma, a receita infalível para os que, cansados das margens, resolvem passar à conquista do Poder.

Não serei eu quem afirmará, de imediato, que o que se passa com Herzog, Schlondorff ou Fassbinder é esta lógica destrutiva das diferenças. Acho, porém, importante precavermo-nos contra a tentação de gritar **obra-prima** perante um filme onde, finalmente, raros são os espaços de mistério abertos à penetração do nosso olhar.

É certo que este filme tem um tema (os dez anos do pós-guerra alemão federal), uma mensagem explícita (o milagre económico fez-se por meio da alienação dos sentimentos, dos valores morais), uma estrutura (a do melodrama), já e mais duvidoso que tenha uma estética, isto e, um sistema coerente de ficção. Aqui e ali, Fassbinder parece disposto a um jogo de esterotipos em que a distância entre o símbolo e o simbolizado é estreita; acolá parece querer subverter esse jogo, refinando os enquadramentos, os movimentos de camara, o tempo. Aqui os personagens ganham uma certa espessura psicologica, acolá reduzem-se a arquétipos. Aqui o filme provoca e deixa passar uma certa fascinação pelo espectáculo, assume o prazer da ficção, do faz-de-conta, da representação; acolá dissolve-se numa frieza quase lacónica, numa economia de texto drástica, espartana.

Não abundam neste filme os chamados «efeitos de real», quer dizer, ele nunca avaliza a sua realidade por um efeito mimético do quotidiano. Fassbinder nao pretende, aqui, macaquear a vida. Antes, o grau de «verosimilhança» é garantido pela imediata decifração da evidente parábola que o filme é. Ao contrário de pretender contar uma história, esta película pretende, de algum modo, conter dez anos de História nas suas margens. Por isso se busca que o espectador leia o **écran** em permanente denotação mas sempre sob controlo, garantindo a univocidade dessa leitura. O espectador não duvida ou teme; tal como Maria Braun se não indecide quanto ao caminho a tomar, assim o espectador está sempre certo da «correcção» da sua leitura. O filme exige-o, o espaço de ficção é só um pretexto. Proibido divagar.

Para um filme que se centra num personagem cuja arma é o desejo que provoca, essa castração do nosso olhar, do nosso ponto de vista, não é a menor das contradições. Interdito que o espectador participe do desejo que é suposto circular no **écran.** Ao contrário de **Anjo azul,** tal como Hanna Schygulla é a anti-Marlene, **O Casamento de Maria Braun** só faz o espectador funcionar no sentido do desgosto. Desgosto moral, diga-se, já que nenhum dos grandes traumas alemães está nele presente: a culpa herdade do nazismo e a divisão de uma nação em dois Estados militar e politicamente antagónicos. Desgosto moral, que quase se podia apelidar moralista, uma vez que o filme infere que a transacção de que somos testemunhas só é condenável porque tem a ver com o corpo. Maria Braun aprende a rendibilizar o capital que possui (ela própria); é isso que é suposto não lhe perdoarmos, tal como não perdoaremos aos dois homens que a tenham negociado entre si.

O esboço retrospectivo que Fassbinder dá da situação alemã, do reverso da medalha, é suficientemente negativo para que obtenha aplauso fácil esquerda. O prémio na Figueira da Foz é disso prova. Mas Fassbinder sabe não ser tão contundente que os circuitos das avenidas de todo o mundo o não aceitem. O desgosto consumível, eis **O Casamento de Maria Braun.** Dir-se-á que se sente ali a presença de um autor e é bem certo. A intrusão de certos vecotres em moda, como o **feminismo,** e é verdade. Um filme como este não pode viver sem um número garantido de referências legíveis transparentemente. São a garantia do seu valor **artístico.** O que é contestável é que esta ficção não produza algo mais que uma estreitissima mensagem descodificável à primeira tentativa. O que menoriza este filme e que ele tenha um ar intelectual quanto baste, marginal **ma non troppo,** contestante dentro das normas, como quem promete e simula a subversão e tem no bolso uma mera reformazinha de fachada.

**Título original:** Die ehe der Maria Braun.
**Realização:** Rainer Werner Fassbinder (RFA-1978).
**Argumento:** Peter Marthesheimer e Pea Frolich, segundo um livro de Herhard Zwereng.
**Fotografia:** Michel Ballhans.
**Cenários:** Norbert Sherer.
**Música:** Peer Raben.
**Montagem:** Juliane Loreng e Franz Walsh.
**Interpretação:** Hanna Schygulla j(**Maria Braun),** Klaus Löwistisch **(Hermann Braun),** Gisela Ulhlen **(a mae),** Ivan Desuy **(Oswald),** Hark Bohm **(Senkenberg),** Gottfries John **(Willi),** , etc.
**Distribuição em Portugal:** Filmes Castello Lopes
**Cinema:** Londres.
**Classificação:** Não aconselhável a menores de 18 anos.
**Duração:** 120 minutos.

## Jorge Leitão Ramos

Anthony Perkins: Rudolph extrai dele essa inquietude em que já reparara Hitchcock

Geraldine Chaplin: um rosto imprevisível, fascinante

# Recorda o meu nome

O cinema americano continua a ser um alfobre de novos valores; as gerações sucedem-se, nele, com uma irrevogável constância. Desta feita, sob os auspícios de Robert Altman, é Alan Rudolph que chega com um filme modesto, intimista, vigoroso, surpreendente. Ao som de uma música de **blues**, um filme que nos fala de tristeza e do desencanto.

Antes de mais nada, um argumento esgrimido com uma segurança extrema, revelando os personagens de dentro para fora, da psicologia para a história, do estado de espírito para a acção. Depois um conjunto de actores que cumprem com uma exactidão matemática: Anthony Perkins (um actor tão pouco visto nos últimos anos) de quem se aproveita o lado nervoso, inquieto, inseguro que já Hitchcock explorara (ou fizera?) no **Psico:** Geraldine Chaplin, plena de contensão, expressividade, um rosto perturbante, imprevisível; Berry Berenson, uma actriz em quem nunca reparara, a materializar a típica esposa americana de um casal feliz, quer dizer, antes da ruptura. Por último, um sentido visual agudíssimo, uma utilização do espaço do **écran** em que o próprio espectador ora se encerra ora deriva, incerto, aliado a um rítmo cinematográfico, bem apoiado na banda de música, com soluções de **raccord** com frequência fascinantes, fazem de Alan Rudolph um nome a não perder de vista e de **Recorda o meu Nome** um muito grato cartão de visita.

Claro que, por vezes, há breves apontamentos que destoam da segurança geral: mudanças de foco mal conseguidas, o uso de uma fotografia **flou** em certos momentos, uma excessiva explicitação pleonástica nas **letras** de algumas das canções que pautam quase todo o filme. Mas isso não me parece suficiente para retirar a **Recorda o meu Nome** o suporte de um merecido aplauso.

Para mim, umas das coisas mais importantes no cinema é a criação de um clima, de uma tonalidade, de um universo ficcional onde coerentemente evoluam os personagens. Rudolph fá-lo com extrema economia de meios mas também com pontual precisão. Há a solidão e a tristeza e tudo no filme contribui para as cimentar. A cor, em tonalidades quentes, os **décors** doentiamente enclausurantes e impessoais, o «Terramoto em Budapeste» recebido pela televisão (um milhão de mortos perante a indiferença do quotidiano), os personagens que desistiram de viver e preservam os seus pequenos mundos com a ferocidade dos sitiados. Daí o desfecho do filme, essa condenação à solidão depois do acesso ao patamar da esperança, essa última invenção de um argumento pleno de surpresas. Como se esse fosse o anátema último num mundo egoísta de células incomunicáveis, apenas fisicamente sobreviventes mas que já renunciaram a todo o gesto, a toda a acção

**Título original:** Remember my Name
**Realização e argumento:** Alan Rudolph (USA-1978)
**Fotografia (cor Deluxe):** Tak Fujimoto
**Montagem:** Thomas Walls e William A. Sawyer
**Música:** Alberta Hunter
**Produção:** Robert Altman
**Interpretação:** Geraldine Chaplin **(Emily),** Anthony Perkins **(Neil Curry),** Moses Gunn **(Pike),** Berry Berenson **(Barbara Curry),** Jeff Goldblum **(Nudd),** etc.
**Distribuição em Portugal:** Columbia Warner.
**Cinema:** Quarteto — sala 2
**Classificação:** Não aconselhável a menores de 18 anos.
**Duração:** 95 minutos.

# Espectador

## Dois amores doidos

Aparentemente, dois filmes sobre duas fidelidades enlouquecidas: «O Casamento de Maria Braun» e «Recorda o meu nome». Sem dúvida duas fábulas terríveis sobre a perenidade do sujeito nos dois primeiros pronomes pessoais, «eu» e «tu» e sobre o lugar do morto, que é o terceiro no singular ou no plural, quando os dois primeiros dominam toda a cena. Não é como crítico que o escrevo, o Jorge Leitão Ramos fá-lo com outra propriedade. É como espectador que vê renascer aqui e ali, sob a forma de óptimos produtos de consumo cultural, fábulas sobre princípios e valores que o «Ocidente» parecia, na década passada, ocupado a pôr em causa. Um aspecto que talvez passe despercebido à crítica e sobre o qual penso que vale a pena insistir é o de que se trata de dois trabalhos exemplares sobre a identificação e o reconhecimento; a **Maria Braun** de Fassbinder e a **Emily** de Alan Rudolph nada têm, é certo, em comum, a não ser a patologia de certa determinação, de certa memória do corpo e do compromisso que ela induz. Trata-se, porém, de um «pathos» que esclarece a normalidade. A sua desmesura alumia a medida dos nossos, outros, quotidianos, como há muito, muito tempo acontecia na tragédia.

Uma palavra mais sobre Fassbinder: no itinerário amoral de Maria Braun, onde tudo foi hipotecado por causa de um «ideal do eu» que acabará por não encontrar as condições da sua realização, parece estar todo o «milagre alemão», toda a RFA nascida americana da guerra nazi. Para mim, a cena final e o «acidente» que impede a realização do desejo doente são desnecessários e têm o demérito de desdramatizar tudo o que antecede. Ora experimentem não considerar a explosão de gás...

## Não é equívoco

Umas curtas férias e a desatenção que elas felizmente produzem levaram-me a não constatar senão tardiamente a pequena polémica em torno de «A árvore dos tamancos», de Pietro Olmi. A publicidade e parte da crítica lançaram-no como filme militantemente católico e ainda por cima passadista, amante da ideologia do «regresso às raízes» e do equilíbrio entre a vida das comunidades humanas e a natureza. Poderia tratar-se de um grande equívoco, mas não é.

Trata-se apenas da tentativa de recuperação de um filme materialista por parte dos defensores do idealismo. «A árvore dos tamancos» é um filme sobre as relações de produção entre o campesinato e os latifundiários lombardos na transição do século passado para o nosso, num momento em que a questão social já incendiava os centros urbanos italianos e em que o discurso religioso dominava, como uma canga, toda a vida rural. É um filme que pertence ao património cultural do movimento operário e que nasce de uma riquíssima tradição italiana: a de conservar e reproduzir a memória cantada, a memória fotográfica, o romanceiro desse movimento. Talvez em nenhum país como em Itália a arqueologia industrial e a memória do trabalho sejam tão devedoras a uma esquerda que não está no Poder, mas que apostou muito fundo na frente cultural.

Na luta ideológica, entendida como tentativa de apropriação exclusiva dos objectos de conhecimento, não é, portanto, de estranhar que o idealismo de todas as cores tente pôr a tónica no «olhar místico», no «naturalismo» do filme. Pretendem, assim, esconder o que fundamentalmente os assusta: que a leitura materialista das palavras e das coisas consiga não escamotear a «mística» e a «natureza» e as assimile sem drama, como factos culturais.

**João Mendes**

## caixa do PONTO

Últimas de «O Dragão», a não perder

**D. MARIA II**
(Rossio T. 322210)
**The Ikunatic, the lover and the poet**

de Jane McCulloch
pela companhia de Old Vic
Ver actores ingleses a trabalhar — um petisco, claro.

**A Barraca**
(R. Alexandre Herculano, 70 Tel. 686300)
**Preto no Branco**

de Dario Fo
Vá à Barraca: diverte-se e fica a saber, se ainda não sabe, um pouco mais dessa Europa tão decantada. Indispensável

**Comuna**
(Pr. de Espanha, Tel. 762624)
**O Dragão**

de Schwazz
Outro mundo, outros hábitos. Um grande espectáculo. A ver e a rever.

**Ádoque**
(Martim Moniz Tel. 874280)
**Querias mas não te dou**

de Nicholson, G. Preto, M Alberto e H. Viana

A proposta diferente do Ádoque, a revista que resta do 25 de Abril.
Indispensável.

**Teatro Aberto**
(Pr. de Espanha, Tel. 770969)
**Andorra**

de Max Frisch
Goste-se ou não do espectáculo, numa coisa talvez toda a gente esteja de acordo: trata-se de um grande texto. Um texto a nao perder.

**Maria Matos**
(Av. Frei Miguel Contreiras Tel. 897017)
**Filomena Marturano**

de Eduardo de Filippo
Se não é um grande espectáculo é pelo menos um grande papel o de Mariana Rey Monteiro.

**PORTO**

**Teatro António Pedro**
(R. Ateneu Comercial do Porto Tel. 310730)
**Yerma**

de Lorca
Uma sugestao para os portuenses e para quem visita o Porto. Indispensavel

# E você, não é um quase actor?

Eis o texto da mensagem que a Direcção da Associação Portuguesa do Teatro de Amadores Hoje, Dia do Teatro de Amadores, dirige a todos os seus amigos:

«Dirigimo-nos a todos os amadores de teatro, a todos quantos escolheram o teatro como forma de intervenção na sociedade em que vivem, quer nele tenham a sua subsistência, cada vez mais difícil, quer nele ocupem apenas os seus tempos livres, cada vez menos livres;

«Dirigimo-nos a todos quantos frequentam os espectáculos de teatro que de intervenção os seus autores quiseram que fossem;

«Dirigimo-nos a todos os cativados (manipulados) pelo «teatro» de evasão, que aqueles que o fazem, mas não por amor — os subservientes, mais a classe economicamente dominante e os seus dilectos representantes — os tecnocratas governamentais, continuam a querer que se continue a fazer;

«Dirigimo-nos, ainda, a todos quantos não têm por hábito frequentar o teatro;

«A todos nos dirigimos, neste dia 21 de Março, Dia do Teatro de Amadores, para lhes falar não do teatro em abstracto, mas da necessidade de o fazer no Portugal de 1980.

«Falar da necessidade do teatro hoje, em Portugal, não é falar do prazer estético formal que um espectáculo de teatro nos pode proporcionar, mas sim da possibilidade que o teatro tem de nos fazer reflectir e, logo que desta capacidade façamos uso, a espontaneidade e o grito libertam-se, a crise ocupa-nos e logo se supera pela comunhão com os outros que descobrimos serem nossos iguais no desejo, na alegria e na tristeza.

«Falar da necessidade do teatro hoje, em Portugal, é falar da necessidade que o teatro tem de construir as pontes entre as ilhas em que a ideologia dominante nos transformou

«Falar da necessidade do teatro hoje, em Portugal, é falar da capacidade que o teatro tem de transformar o **não** que nos habita e que em silêncio nos dilacera, num **NÃO** colectivo respeitador das diferenças que dialecticamente convergem na necessidade de construir uma sociedade onde não mais existam oprimidos e opressores.

«Foi desta necessidade que hoje, Dia do Teatro de Amadores, escolhemos para vos falar e é para que esta necessidade vos passe a habitar que nós, no Teatro de Amadores, lutamos.»

# Os Mestres Cantores de Leipzig

Continuação da pag 19

com traços mais fortes — mais cómicos (não esqueçamos que se trata de uma comédia) — a caricatura de Beckmesser em plena «prova de concurso»; utilização do ponto culminante do discurso orquestral, quando se retoma **fortíssimo** o motivo do Rei David, para o irromper súbito de uma dança de bandeiras, à maneira medieval, espécie de guarda de honra ao estandarte dos Mestres que chega; povo das diferentes camadas sociais não hieraticamente postado, antes recuperando a «espontaneidade e a «desordem», que lhe permite mexer-se com à-vontade, matizar-se, unir-se em clima de fraterno convívio, dançar (muito ao contrário, por exemplo, da concepção de Wieland Wagner, em Bayreuth, 1956).

Exemplos inumeráveis deste género, que atestam a capacidade de integração do decorativo na função (estrutural) de produzir sentido, percorriam evidentemente toda a encenação. Inumeráveis mas economicamente distribuídos, na exacta medida em que o recurso a certos símbolos reforçava uma clara leitura da obra. Em vez de uma sobrecarga da cena tínhamos a libertação de todo o seu espaço útil; uma permanente abertura a tudo. A noção de vasto tablado, despojado, nu, não delimitado, opunha-se a uma concepção naturalista, e ao mesmo tempo era suficientemente concreto nos pontos de referência utilizados. Da igreja do 1.º acto, a porta de entrada, ao fundo, e a estilização sumária da cúpula, bastavam para sugerir o mundo de **Mestre** Dürer, que Eva aliás refere logo na 1.ª cena, proporcionando ao mesmo tempo a vantagem, de que o encenador tirou partido, de começar a revelar o carácter das personagens (por exemplo, de Beckmesser) quando elas praticamente ainda não tinham entrado em cena». O proprio interior da casa de Hans Sachs (1.ª cena do 3.º acto) era espaço aberto, onde apenas sobressaía o essencial, sobretudo, os símbolos do trabalho manual e do trabalho intelectual (os sapatos e os livros).

A festa popular do último acto, tal como G. Lohse a concebeu, liga-se a esta questão, que é por assim dizer a questão de fundo. Hans Sachs não é um aristocrata nem uma figura da mitologia: é um homem do povo, que simboliza, pela sua arte de sapateiro e de trovador, a resolução da contradição entre trabalho manual e intelectual, o ideal de uma comunidade humana emancipada (onde o povo, diversificado nas suas diferentes profissões ou mesteres tem, por igual, acesso à participação criadora na actividade intelectual e artística), em resumo, a síntese do povo e da arte. Gunther Lohse, que considera os Mestres Cantores a coroação da ópera germânica na linha do **Fidélio** de Beethoven e das óperas de Weber, referiu-me, a respeito desta «saída para a natureza» (cena final) «onde se realiza a utopia da síntese do povo e da arte», o paralelo com o **Fausto**: o espírito do **Sturm un Drang** cuja influência Wagner recebeu logo desde a infância, no meio familiar, não podia deixar de ser uma das principais fontes da «santa arte alemã» de que ele se considerava herdeiro e transmissor. Ocorre-me, no sentido prospectivo, uma outra ligação: com certas correntes radicais da música contemporânea que buscam subverter o exercício profissional da arte e fazer de cada ser humano um compositor-intérprete em potência. Por outro lado, há que ter em conta a concepção de Marx, elaborada num tempo histórico que coincidiu praticamente com o da vida de Wagner: aqui o fim da contradição entre trabalho manual e intelectual é um persuposto histórico da sociedade comunista. Nietzsche não considerava, decerto, a questão sob este aspecto, mas são dele as seguintes palavras referidas aos **Mestres Cantores**: «Esta música é a que melhor exprime o que eu penso dos alemães: são de anteontem e depois de amanhã; ainda não têm hoje!»

**Os Mestres Cantores:** coroação da ópera germânica na linha do Fidelio de Beethoven e das óperas de Weber. Mas ao mesmo tempo, a familiaridade com correntes radicais que visam fazer de cada ser humano um compositor-intérprete em potência

**A Flauta Mágica, de Mozart:** Wagner é tão mozartiano nos Mestres Cantores quanto Mozart é wagneriano no D. João ou aqui. Wagner considerava-se aliás um continuador dos «mestres de Nuremberga»

## Anexar e deixar-se anexar

Propriedade específica do teatro wagneriano é esta capacidade de recepção e de irradiação em várias direcções, esta vocação para lançar questões que se entrelaçam com diferentes correntes de pensamento, por vezes em radical oposição, este ecletismo ideológico que lhe permite **anexar** e deixar-se **anexar**. Também no campo mais restrito da música ou da linguagem musical existe naturalmente em Wagner esse mesmo espírito de integração ou de anexação, ainda quando, como é o caso dos **Mestres Cantores**, a génese da obra surge do empenhamento do compositor na defesa de uma determinada via musical contra outra.

Sabe-se, na verdade, que os **Meistersinger** foram um instrumento da polémica que opunha wagnerianos a brahmsianos. A personagem de Beckmesser, tão impiedosamente ridicularizada na ópera, não era senão a caricatura do crítico Hanslick, um jurista que, mercê do exercício continuado da análise musical acabou por abandonar o Direito para se impor como crítico musical (o mais respeitado dos meios vienenses). Hanslick opunha a Wagner a lição de Brahms, que considerava, ao tempo, a grande figura da tradição musical germânica na linha do classicismo vienense de Haydn, Mozart e Beethoven. A polémica centrava-se sobretudo em torno da questão das possibilidades expressivas da música: Hanslick cultivava um ideal de «música pura», segundo o qual o significado estético de uma obra musical se esgota nas relações internas (dir-se-ia abstractas) do seu tecido sonoro. Brahms seria o paradigma da mesma atitude «pura», enquanto Wagner, pelo contrário, era classificado como uma espécie de literato que se serviria da música mas não seria verdadeiramente um pensador musical. Sem discutir o fundo do problema (Michel Butor, no seu artigo «La musique, art réaliste», publicado há anos na revista «Esprit», deu uma admirável resposta aos adeptos actuais da doutrina do abstraccionismo musical), saliento apenas estar hoje demonstrado que o classicismo vienense e, em particular, a forma-sonatá, tem a sua origem precisamente no teatro, isto é, na necessidade de organizar o discurso musical como uma sucessão de acontecimentos dramáticos (cf. Charles Rosen, «Le style classique», trad. fr., Flammarion). Quer isto dizer que o adolescente Wagner, ao entusiasmar-se na Gewandhaus de Leipzig com as Sinfonias de Beethoven e ao atribuir a essa sua experiência de auditor a revelação da vocação de músico dramático, retomava, ou preparava-se para retomar, a linha lógica da evolução histórica. Wagner foi talvez o primeiro a compreender que há mais **teatro** numa sinfonia de Beethoven do que nas óperas de uma certa tradição, feita de números, belcanto e convenções impostos pela rotina empresarial.

Daí a novidade do seu **drama musical**. Mas os **Mestres Cantores** vieram quase no fim: já depois do Tristão, do Ouro do Reno e da Valquíria, já quando Siegfried há muito fora começado e o Crepúsculo dos Deuses mentalmente esboçado. E nesta ópera, que era a sua primeira comédia, Wagner acaba por anexar a própria herança da ópera de números e o estilo francês de um Meyerbeer. Respondia assim aos seus opositores de todos os quadrantes, desde Hanslick aos «habitués» dos teatros da epoca. Não era Brahms, mas ele, Wagner, quem operava a grande síntese! Não implica esta derivação em torno da relação Beckmesser-Hanslick a que se opõe naturalmente a relação Wagner-Hans Sachs (este também uma personagem extraída da realidade: o mais célebre mestre cantor de Nuremberga, que viveu entre 1494 e 1576), a ideia de que o conteúdo da comédia reproduza ou pretenda reproduzir os termos reais da polémica e o retrato psicológico, intelectual, humano, dos seus protagonistas. Cortaria o voo livre da obra, uma encenação que se ativesse à preocupação de descobrir ou salientar esse tipo de aproximações, sobretudo hoje, quando tanto Wagner como Brahms e mesmo Hanslick representam inalienáveis aquisições da cultura musical moderna (a começar pela corrente schoenberguiana que partiu de Wagner mas assimilou Brahms). A oposição Hans Sachs-Beckmesser transcende o cenário em que se desenrolaram a obra de Wagner e as polémicas a que deu origem, envolve um feixe de questões que se renovam ao longo da História, tem o valor de um paradigma.

## A arte comprovada pela vida

Sachs aborda os pontos essenciais: a rotina perguiçosa dos mestres faz perder força e vitalidade às regras de que se dizem guardiões; o que não se conforma às regras dos mestres, subordina-se a outras regras, que é preciso descobrir; só quem nada sabe de regras poderá dizer aos mestres se eles ainda estão no recto caminho da natureza; o mestre deve descer do seu império e aliar-se ao povo para que povo e arte floresçam e se expandam do mesmo passo, etc. Esta filosofia (ou este sistema estético) de Sachs, que se manifesta logo no primeiro acto, quando da agitada reunião da confraria (aliás realizada nesta produção com invulgar vivacidade e sentido de humor), vai sendo confirmada pela vida, à medida que o desenho da sua personalidade global, do seu carácter, da sua atitude em relação aos outros se completa. Ao interrogar-se no último acto, folheando os seus livros, acerca das razões pelas quais, com vã e louca raiva, os seres humanos se envolvem constantemente em querelas, lutas e sofrimentos (interrogação a que a Teatralogia dá uma longa responsta), recebe ele as últimas pinceladas de bondade e sabedoria que o prelúdio orquestral, como os metais sobressaindo intermitentemente do sereno discurso das cordas, traduz melhor do que quaisquer palavras.

A este homem, que por muito amar Eva, ao amor dela renuncia, opõe-se, como símbolo da atitude mesquinha (na vida e no amor, como na arte), Beckmesser. Toda a linha da encenação, acentuando os traços ridículos deste último face à sábia discrição de Sachs, dava de corpo inteiro ambas as personagens. No clima de comédia que percorria o espectáculo, Sachs era poupado quase como um Deus ex-macchina que tudo compreende e domina. Quanto a Beckmesser, desde o mais pequeno tique fisionómico à expressão vocal, passando por todos os aspectos da marcação, era, dentro de uma boa escola stanislawkiana, o «bombo da festa». Não vale a pena enumerar, nem mesmo a título de exemplo, os múltiplos recursos usados por Gunther Lohse para ocupar o espectador com o ridículo deste Beckmesser sempre saltitante, em perfeita correspondência com a música que Wagner para ele escreveu, na qual Adorno encontra um precedente directo da escrita vocal da **Lulu** de Alban Berg (Adorno, «Berg, der Meister des kleinsten Übergangs», Frankfurt, 1977). Importa salientar, sim, o nome do actor-cantor, Klaus Buron e o seu notabilíssimo trabalho. Hans Fachs havia dois: Rainer Lüdecke (récita de Outubro) e Konrad Kupf (Fevereiro) (também Theo Adam veio a Leipzig fazer o papel, em Janeiro). Não notei modificações na composição da figura e não é fácil estabelecer comparações ao nível da qualidade da interpretação nos aspectos mais estritamente vocais. Dir-se-á, em todo o caso, que Lüdecke, um excelente intérprete que vi pela primeira vez neste mesmo teatro em 1977 no papel de Wotan (encenação da Tetralogia por Joaquim Herz), se impôs sobretudo pela presença cénica. No trabalho de Konrad Kupf houve, entretanto, momentos, designadamente as cenas com Eva, que talvez sugerissem uma leitura mais rica da interioridade da personagem e da ambiguidade dos seus sentimentos. Equivaleram-se as participaçoes de Peter Jürgen Schmidt (Outubro) e Klaus König (Fevereiro), no papel do cavaleiro Walther von Stolzing. Quanto a outros elementos alternantes, cito ainda Christian Vogel (Outubro) que preferi cenicamente a Helmut Klotz (Fevereiro) no papel de David e o excelente Ekkehard Wlaschiha, que fez um Fritz Kothner impagável (Fevereiro).

Edith Chmiel e Ruth Asmus foram composições vocais cénicas modelares das duas figuras femininas, respectivamente Eva e Madalena.

No conjunto, o espectáculo de Fevereiro pareceu-me ainda mais afinado na conjugação dos diferentes factores musicais e cénicos o que não envolve uma crítica de fundo à excelente direcção de André Rieu, que, como maestro convidado, participou activamente nos ensaios, de Maio a Junho de 1979, mas envolve naturalmente um elogio ao trabalho de Wolfgang Wappler que assegurou agora a direcção musical.

Neste teatro, em que sobem todos os dias à cena óperas diferentes, os Mestres Cantores de Nuremberga são a grande novidade da temporada. Com esta mesma obra, numa encenação de Herz, se inaugurou o actual edifício em 1960, no local da velha ópera destruída pela guerra. Quase vinte anos passados, com a estreia da nova produção a 7 de Outubro de 1979, no âmbito das comemorações do 30.º aniversário da fundação da República Democrática Alemã, Leipzig volta a reconhecer-se nos Mestres Cantores. Música de anteontem, para um povo talvez ainda sem hoje, mas mais perto de depois de amanhã. De Richard Wagner, aqui nascido em 1813.

**Leipzig, Março de 1980**

Mário Vieira de Carvalho

PARAÍSOS Sete Ponto Sete

# "Só gente séria": o senhor X

No último número da revista «Soldes, Fins de Séries» (Saldos, Fins de Séries), que um grupo de jovens sarcásticos edita trimestralmente, em Bruxelas, encontrou o Sete Ponto Sete a terrível entrevista que a seguir fielmente se reproduz (o «terrível» é nosso e não deles). À crítica do quotidiano os editores preferem a produção de documentos sem comentários. No caso, trata-se de uma conversa gravada com um «ilustrador de revistas», apresentado pela «Soldes, Fins de Séries» como um dos mais talentosos representantes da «escola belga», que por notivos alheios aos entrevistadores e à revista quis conservar o anonimato, razão por que é identificado como «o senhor X.» Eis o documento:

Uma pequena casa numa banal rua de Schaerbeek (uma das periferias de Bruxelas). O «atelier» do artista, sob o telhado, é muito claro por causa da grande clarabóia. Trata-se de uma mansarda cheia de estantes ao longo das paredes recobertas de papel pintado com flores. O senhor X. trabalha, sentado num banco alto, a uma grande mesa de pernas articuladas. Quando se cansa, desce para dar uma volta no quintal, se está bom tempo. Senão encontra sempre algo com que se distrair.

É no quintal que começamos esta entrevista, sentados a uma mesita onde há, além do gravador, três copos e várias garrafas de cerveja. Marc B. acompanha-me como de costume. Vestiu um fato **twist,** leve, do princípio dos anos sessenta. Ajanota-se sempre quando vai de visita a alguém. Quanto ao senhor X., veste calças pretas às riscas seguras por suspensórios e uma camisa aos quadrados a que arregaçou as mangas.

**O senhor X.:** Sabe, eu não dou grande importância ao meu trabalho. Vocês dizem-me que é arte... Eu julgava que arte eram sobretudo quadros, enfim a pintura...

**M. B.-J.:** A ideia de arte evoluiu.

**O senhor X.:** Ah sim?...

**M. B.-J.:** O senhor ficaria surpreendido com o que se classifica de arte, hoje em dia.

**O senhor X.: Bom, talvez então nesse caso. Porque eu, por mim, nunca tinha pensado que...**

**O senhor X.:** Isso é mesmo uma pergunta de gente nova. Olhe, faço-o para não me aborrecer. Sou reformado, trabalhei 50 anos na cervejaria Tytgatt, de Anderlecht... Entrei para lá aos 15 anos, façam-lhe a conta, como moço de recados. No Inverno tratava do aquecimento a carvão, bebia-lhe o pó... Depois puseram-me em escriturário, porque eu tinha uma linda caligrafia. Escrevia as facturas. Depois, o contabilista ensinou-me e tornei-me ajudante de contabilista. Fiquei nesse lugar até que me reformei. Vieram dizer-me que eu já era velho de mais para trabalhar.

**M. B.-J.:** Teve uma vida muito cheia. O senhor é de Bruxelas?

**O senhor X.:** Não não, sou de Liège. Trabalhava de manhã à noite. Trazia trabalho para casa. Bem vê, acabar por dar comigo em casa, sem fazer nada, é duro de roer.

**Marc B.:** Mas tem o seu quintal...

**O senhor X.:** Sempre tratei dele. Mas um quintal não enche um dia inteiro. E depois sabe, na altura em que me reformei, a minha esposa faleceu.

**M. B.-J. e Marc B.:** Sentidos pêsames.

O senhor X.: Obrigado. Já há muito tempo que ela era doente. Enfim, tinha um cancro. Acontece. Fiquei sózinho, e nestes casos os dias tornam-se ainda mais compridos.

**M. B.-J.:** E os seus filhos...

**O senhor X.:** Não não, nunca. Prezo muito a minha independência.

O meu filho está na América, em Chicago. E a minha filha está casada com um flamengo, vive em Ostende.

Eu vi o anúncio no «Le Soir». Pediam exactamente reformados. «Só gente séria». Claro, não queriam bêbados. Há-os sempre, a responderem a anúncios destes. A mim aceitaram-me por causa das minhas referências.

Perceberam que eu era meticuloso, cuidadoso. Não se pode sujar as páginas.

**M. B.-J.:** Desde o princípio que trabalha em casa?

**O senhor X.: Não. Comecei por trabalhar nos escritórios de «Retoques S.A.». De início, aquilo agradou-me. Éramos vários em grandes mesas. Havia espírito de equipa. Também se trabalhava mais do que agora. Já lhes disse, agradava-me, naquele tempo eu não suportava estar só por causa da morte da minha esposa. Retocávamos muito mais páginas... Agora é diferente. Há menos trabalho, preferem que eu retoque em casa.**

**M. B.-J.:** Como é que a coisa se passa? Trazem-lhe cá as revistas?

**O senhor X.:** É como diz. Deixam-me cá os dois títulos com que trabalho, todos os meses. «Penthouse» e «Mayfair», são a minha especialidade. São revistas inglesas. Durante um tempo também retoquei o «Playboy», mas devo dizer que «Penthouse» e «Mayfair» são as que prefiro.

**M. B.-J.:** Pode dizer-nos porquê?

**O senhor X.:** Bem, está relacionado com as raparigas. Acho que as do «palyboy» são muito para o magro. Além disso dão-me muito mais páginas para retocar nas inglesas, há muito mais trabalho.

**M. B.-J.:** Quem decide dos retoques que há para fazer?

**O senhor X.: UM chefe da «Retoques S.A.». Claro que não havia de ser eu. Recebo pelo correio uma folha onde vêm mencionadas as páginas a retocar. Se a coisa não dependesse senão de mim, eu retocaria todas as páginas. Aliás, é o que faço nos meus próprios exemplares. Nesses não falho uma. Gosto imenso. Faço tudo à mão. Uso um thinner,** informei-me e é aasim que se chama, composto de acetona e de produtos menos penetrantes. O produto não deve atravessar o papel, e deve ser facilmente absorvido. É preciso saber dosear. As pessoas não se dão conta do trabalho que aquilo dá.

**M. B.-J.:** Já pensou na especificidade do seu trabalho? Dão-lhe uma revista editada a milhares de exemplares e o senhor intervén manualmente numa série delas, pintando bolinhas cinzentas entre as virilhas dos modelos. O cliente que compra «Penthouse» ou «Mayfair» tem portanto entre as mãos o rsultado da sua intervenção. Já não é a mesma revista...

**O senhor X.:** É muito simpático por me dizer isso. Faz-se um trabalho durante anos e não nos damos conta... É preciso que sejam jovens como vocês para me chamarem a atenção para isso. Só que, acho que quem compra aquelas revistas desejaria que a minha intervenção fosse menos «específica», como você diz.

**M. B.-J.:** Tem razão. Já pensou na reacção deles, quando folheiam as revistas para verem aquelas raparigas em poses concebidas para mostrarem a sua intimidade, e pumba!, deparam-se-lhes as suas bolinhs cinzentas.

**O senhor X.:** Não as faço todas iguais. Com o tempo adquiri o meu «traço» próprio. É a minha marca. Comigo, o mistério continua. Os leitores têm de adivinhar.

**Marc B.: É um lugar um pouco rebuscado para se colocar uma assinatura.**

**O senhor X.:** Há tempos tive uma ideia, uma ideia que até me espantou. Não sei se lhes fale dela. Provavelmente vão achá-la estúpida...

**M. B.-J.:** Viemos cá exactamente para o ouvir.

**O senhor X.:** Como já há anos que retoco «Penthouse» e «Mayfair», convenci-me de que os leitores dessas revistas, bem não direi todos, mas alguns, as comprariam por causa das minhas bolinhas, daquelas garatujas.

**M.B.-J.:** O senhor teria assim quem o coleccionasse...

**O senhor X: Talvez seja uma ideia estranha. Bom venham até ao meu «atelier».**

**Na mesa, à direita do artista, uma pilha de «Penthouse» acabadas de imprimir. O senhor X faz-nos uma demonstração do seu talento. Folheia delicadamente o exemplar que tem em mãos depois de ter verificado o número da página, dá com uma loura numa daquelas poses que mostram ao olhar o uue a moral cristã e burguesa se obstinam desde há séculos em esconder e que ele por seu turno vai fazer desaparecer sob uma pincelada hábil. Já está. Deixar secar e passar à página seguinte...**

**M. B.-J.:** O que fará o senhor, no dia em que deixarem de mandar retocar «Penthouse» e «Mayfair»? No dia em que fotografias como estas deixarem de ser consideradas licenciosas?

**O senhor X.:** Continuarei a retocá-las, por gosto. Claro que já não serei pago, lá isso... Mas viverei só da minha pensão, que me dá para me aguentar. Ora venham ver: O senhor X.:. Levanta-se, abre-nos gavetas cheias de pilhas de revistas. Mostra-nos alguns exemplares: são revistas cuja venda não é autorizada na Bélgica. Todas as fotografias, sem excepção, têm no lugar estratégico a marca do artista, a bolinha cinzenta característica.

**O senhor X.:.** Assim podem ser entregues a toda a gente, não é?

Vou a Sluis (primeira localidade holandesa a seguir à fronteira, no extremo nordeste belga) uma vez de três em três meses, para me abastecer. Há muito a fazer com estas revistas. Todas as páginas têm de ser retocadas! Deixamos o senhor X. e o seu jogo das escondidas. Um dia ainda acabarão por realizar uma exposição das suas obras mais representativas. Um tal encarniçamento no desejo de deixar a sua marca na produção eroticofotográfica destes tempos tem qualquer coisa, na sua obstinação, de raivosamente suprematista. «Bolinha cinzenta sobre fundo de coxas a cores», de Senhor X. Vê-la-emos ainda entre as aquisições de algum grande coleccionador?

●

Entrevista de Maxime Benoit-Jeannin e Marc Borgers, para «Soldes Fins de Séires», Bruxelas.

**Eram descaradamente gratuitas**

# O fim das Vespasianas

Até De Gaulle, os parisienses contaram com um serviço público tão inestimável como decorativo: as «Vespasianas» — 1200 em 1930, 329 ainda em 1966 — aliviavam multidões e eram um dos postais coloridos da cidade das luzes. O progresso da capital com Pompidou e Giscard liquidou-as de vez: sobram em Paris 41 retretes e 98 urinóis públicos.

Agora um industrial, o sr. Decaux, está a fazer renascer tremendas esperanças aos transeuntes: a título experimental, conseguiu instalar na área do Centro Pompidou, por três meses, blocos sanitários supermodernos. Se a experiência resultar, a Câmara permitirá a instalação destas novas «toilettes» à razão de 20 por bairro. Será a fortuna para Decaux... e para a Câmara.

Os novos blocos são unissexo, abrem-se ao passante preocupado por apenas um franco (14 escudos ao câmbio actual), estão dotados de fundo musical, regulador termostático de temperatura, e a sua limpeza e ventilação são automáticas. Caso o passante demore mais de meia hora a despreocupar-se, um alarme automático alerta toda a vizinhança, e ele encontrar-se-á em situação de discrição precária. O custo unitário da instalação destes alívios é de somente 120 mil francos. Por isso a Câmara determinou um «abre-te Sésamo» modesto, caro demais apenas para deserdados como os turistas lusitanos e outros de equivalentes periferias. Nos centros da civilização, não é de estranhar que o transeunte deixe o seu óbulo além dos desperdícios. Sempre houve uma tão estreita relação entre o dinheiro e...

Além disso, tudo isto custa caro, não é verdade? A Câmara paga 40 mil francos por ano ao sr. Decaux para que ele mantenha impecáveis os alívios. Não admira que arrecade os «abre-te Sésamos». Até porque é proibido afixar anúncios naquela propriedade, o que talvez apoie a concentração dos utentes, mas reduz substancialmente a rendibilidade do serviço.

Antes da ideia de génio do sr. Decaux, o drama estava a atingir proporções assustadoras: já antes dele se professava, evidentemente, a filosofia segundo a qual o dinheiro não tem cheiro, mas os poderes públicos hesitavam em pôr cobro a uma certa especulação. Embora o preço médio de um alívio público seja de 70 cêntimos, a coisa varia até 1,15 francos, que é o que se paga nas «toilettes» das estações ferroviárias, por exemplo!

Além disso também aqui havia discriminação sexual. Se o candidato a aliviado era homem, tinha uma possibilidade em cem de se safar à borla. Se era mulher, nada feito. E o perigo rondava. A polícia persegue e multa os infractores. Decaux normaliza, fá-los todos pagar o mesmo.

Em vez de desesperar à procura de alívios quase inexistentes, ou de atravessar furtivamente um café para visitar os seus fundos, no terror de ter de consumir uma bebida no regresso à rua — os comerciantes parisienses, sobretudo desde 68, não gostam de **oferecer** os seus serviços — todos terão agora a sua «chance», desde que andem prevenidos com trocos.

Em breve só aqueles que não têm um franco para urinar — uma ridícula minoria de marginais — farão ainda bicha diante das «Vespasianas» dos bons velhos tempos, quase «art-nouveau» e tão perfumantes.

A expansão nada poupa. Os nostálgicos disporão quando muito dos sumptuosos sanitários subterrâneos das Tulherias, geridas por «Monsieur et Madame Pipi», onde as senhoras pagam antes e os cavalheiros depois, dirigindo-se as primeiras para a esquerda e os segundos para a direita. Talvez o Ministério dos Assuntos Culturais assegure a sua preservação. (Fotos Gamma, de Patrick Vappereau).

# Para um estudo da obra romanesca

Eunice Cabral

## III — Personagens pícaras

Há uma tese que afirma que o romance actual não poderia ser o que é se um dos seus pontos de partida não tivesse sido a novela picaresca. Parece-me correcto.

Sabemos que o romance, ao contrário de outros géneros literários que lhe são anteriores, testemunha da crise religiosa europeia no século XVI, e que por isso mesmo, põe em cena personagens perdidas num mundo onde o sobrenatural foi excluído do dia a dia humano. Félix Brun, por exemplo, também considera «a novela picaresca como uma manifestação precoce do destino individual dentro da nascente sociedade capitalista». (31). A personagem pícara não se encontra «perdida» apenas porque é um mendigo, um cobarde, mas porque o mundo social onde vive, ao alargar progressivamente o número dos eleitos pelo valor-dinheiro, também criará um exército de «deserdados» para quem a única riqueza será a capacidade de sobrevivência à custa da espertesa de momento.

Por isso Lazarilho de Tormes, ao contrário do herói das novelas de cavalaria, aparece como um antiherói que não recorrerá ao divino para solucionar os seus problemas, mas, consciente do abandono no mundo, tentará mais e mais aperfeiçoar a esperteza para mais facilmente sair da sua condição.

Conhecemos também o peso do determinismo que há na personagem pícara. Basta ter nascido «deserdado» que a errancia, como tentativa de ascensão, é solução de remedeio. Aí está Lazarilho a consumar o seu ciclo com o ofício de pregoeiro e com mulher já de outro...

Creio que a picaresca, nascendo em Espanha e sendo testemunha da sociedade feudal espanhola em vias de desagregação e por isso mesmo onde se deu o fracasso da burguesia, triunfante noutros reinos, é em si contraditória enquanto ideologia. E se reflecte, pela sua forma aberta, um pensamento dialéctico social (32), convém também não esquecer que põe em cena personagens em busca de uma identidade perdida e lutando às cegas para sobreviver num mundo cuja compreensão total lhes escapa. Daí o encontrarem soluções de remedeio, que lhes parecerão naquelas circunstâncias as únicas pelo grau de inconsciência e quase animalidade com que as cumprem.

A personagem pícara mais exemplar em Cardoso Pires é sem dúvida o velho do perdigoto, personagem do Anjo Ancorado. Não só pelo que é, mas pelo que o espaço social e geográfico em que aparece (aldeia de S. Romão) lhe define ainda melhor os contornos.

Aldeia de S. Romão? Nem isso. «Um punhado de gaiolas... empoleiradas sobre o oceano...» (33). Tal como o pícaro, que não é aceite pela sociedade organizada (aqui, a terra-cidade e João e Guida) e que por isso mesmo tem que resistir à custa de manha e trapaça. S. Romão é um punhado de gaiolas expulso pela terra mas que resiste à morte dada pelo mar. «De mal com a terra, pior ainda com o mar». (34). Os habitantes são como náufragos a «moer uma vingança de gerações». (35).

Resistir, sobreviver — eis o que faz o velho de S. Romão. Quando começamos a ler o capítulo sobre a caça ao perdigoto pelo velho, julgamo-nos de facto em presença de uma fábula (como o autor, em nota final, classificou esta obra), não só pela forma como o inicia («Andava naquelas paragens um velho muito velho que corria atrás dum perdigoto sem conseguir deitar-lhe a mão»), mas também pela própria acção do velho que, em comparação com o outro espaço a que constantemente se contrapõe (de Guida e João), aparece como ridícula e anacrónica. O velho é de S. Romão (que é à beira-mar) e tem fome, mas, por falta de «instrumentos», a caça que pratica é um jogo onde entra já vencido, porque o perdigoto que caça não lhes saciará a fome, e porque já está velho para tais correrias atrás de perdigotos. No entanto, persiste e resiste tanto como o perdigoto, e afinca-se a usar a esperteza em tarefa tão inútil. Chega mesmo a ir até ao limite do possível: «Em menos de nada, velho e perdigoto encaravam-se, tolhidos de medo na ponta duma falésia» (36). Aqui o encontro é de igual para igual. O velho não possui meios de vencer o perdigoto e perante o precipício, o medo aproxima-os.

Para João a caça ao mero é um desporto e um prazer. Os meios que este tem para caçar tornam-no previamente vencedor e nem permitem o combate com o adversário: «Firmou o dedo no gatilho. O fabuloso filho do mar ia morrer sem ou menos ter dado combate ao inimigo que vieram do reino da terra para aquele encontro necessário» (37).

### O «Como Narrar» em Cardoso Pires

Hoje ainda se continua a discutir a relação entre literatura — realidade histórica, ou seja, até que ponto a literatura pode ser veículo de informação social. Este problema parece-me premente em relação a uma obra como a de Cardoso Pires, que é vulgarmente considerado um autor cronologicamente ligado ao neo-realismo, portanto na linha de uma literatura «engagée»... Parece-me necessário rever certos conceitos em relação a este autor, até porque a obra no seu total é muito diversa. Por exemplo creio que «O Hóspede de Job» se aproxima muito mais do neo-realismo do que «o Delfim», que implica um outro número de problemas.

Conhecemos a posição de Cardoso Pires em relação a obras puramente neo-realistas portuguesas. Uma delas é referida por Liberto Cruz (38), através de entrevista dada por Cardoso Pires, em que o escritor, referindo-se aos jovens do seu tempo, afirma que pretendiam «uma arte despida de demagogia e de sentido romântico» e que não apresentasse «a lágrima ao canto do olho». Por outro lado, já conhecemos a nota final a «O Anjo Ancorado», em que o autor diz tratar-se de uma simples fábula, não social e sem preocupação social e sem preocupação documental.

«Creio que a arte é a possibilidade de transformar o falhanço em vitória, a tristeza em felicidade A arte é o milagre...» Federico Fellini

A literatura é uma arte. Mas em que medida? Enquanto documento sobre os «nossos» tempos? Ou enquanto criação — artifício? É uma pergunta que se pode fazer em relação a todas as obras e que em si é uma dicotomia abstracta, já que muitas obras têm um pouco de um e outro. No entanto sabemos que o neo-realismo, como foi entendido no seu início, punha o acento no documento.

Se por um lado Cardoso Pires é considerado vulgarmente neo-realista, convém lembrar que os autores dos anos 50 considerados neo-realistas começam a integrar outras influências que fazem com que as suas obras contenham as duas faces: o documento mais a criação. Note-se isto em autores como José Gomes Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues, Fernando Namora e tambem José Cardoso Pires.

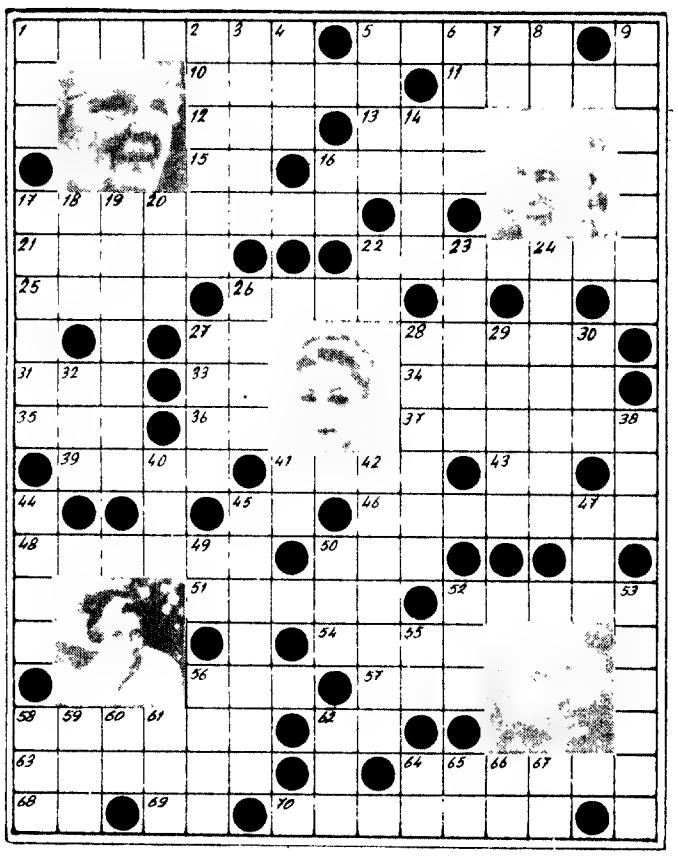
O ultimo livro de Cardoso Pires tem um capítulo de reflexão sobre o «como narrar» (39), e nele se fala do Delfim, pois é a obra testemunha de que o autor pôs, pelo menos a partir de uma certa altura, problemas em relação a esse «como». Assim o autor faz a distinção entre um «como narrar» tradicional, natural e um outro. Porque optou pelo «como narrar» — outro, começa a reflectir sobre ele. No entanto aqui retomaremos algumas noções importantes sobre o narrar tradicional. Uma delas importantíssima, é a concepção clássica da linguagem. Luís António Verney no seu «Verdadeiro Método de Estudar» — Carta 7.ª, ao contrapor ao estilo barroco (para ele degenerado) um outro estilo de linguagem, fala de justeza dos conceitos fundados «Sobre a natureza das coisas». E acrescenta «(...), porque o fundamento de todo o conceito engenhoso é a verdade». Portanto creio que vem do iluminismo (e do que representa socialmente) essa noção de linguagem natural verdadeira. No século XIX a noção consolidou-se em literatura através do apogeu do romance burguês em que imperou aquilo que actualmente chamamos o paradigma balzaquiano. O próprio Cardoso Pires refere-se no seu último livro ao «tempo rectilíneo» utilizado por Eça, «que é o de uma ordem positivista de burgueses bem pautados». (40).

Também sabemos que, uma vez postas as duvidas sobre tal noção de linguagem, isso trouxe como consequência para a literatura a consciência de que o pradigma realista não era o único nem o verdadeiro. Se nos detivermos mais no que se passou em Portugal, sabemos que esse romance «natural» foi contestado pela geração do neo-realismo, aliás assim impropriamente chamado, pois, como diz Alexandre Pinheiro Torres (41), a palavra neo-realismo era um remendo da verdadeira: realismo socialista, palavra impossível de passar nesse tempo de dura repressão.

Esta geração, de facto, irá contestar o humanismo burguês de oitocentos, subjacente ao realismo português, que, embora dizendo-se em busca de laços com uma objectividade histórica, mais não fez do que veicular a palavra «natural», neutra. Ora, aos olhos de um neo-realista, essa palavra nada terá de natural e aparecerá sim com a marca da visão social da burguesia, pequena ou não.

Por isso a palavra neo-realista é ideológica. E disto estão os neo-realistas bem conscientes: como a sociedade está dividida, não poderá haver uma só voz dos acontecimentos. Entre os olhos e os acontecimentos há sempre, em literatura, o filtro do autor que lhe determina a visão. Assim a palavra está marcada pela polissemia histórica. Polissemia derivada das duas maneiras de ver o real, segundo a classe social, o que impossibilita a univocidade. Portanto, se existe polissemia a nível da palavra ficcional neo-realista (o que poderá ser discutível), é apenas nesta medida. Por isso as obras neo-realistas (como o movimento foi entendido no seu início) são mais «documentos» sobre uma sociedade dividida em

# palavras cruzadas



**HORIZONTAIS:**

1/17 O ouro negro faz correr muitos países, na pessoa dos seus presidentes. Agora foi a vez deste presidente francês percorrer países do Golfo Pérsico procurando por um lado acentuar a influência francesa e da CEE na região, e por outro, assegurar o fornecimento de petróleo a França, sobretudo em caso de agravamento da crise no Médio Oriente; 5 Espécie de doninha ou de esquilo; 10 Nome dado na Bíblia aos antigos reis do Egípto; 11 Cobrir de iodo; 12 Sufixo que designa pequenez; 13 Chefe etíope; 15 Sódio (s.q.); 16 Ilha do Pequeno Belt; 21 Tratam por tu; 22 Esta soberana holandesa abdicará no próximo dia 30 de Abril em favor de sua filha Beatriz de 42 anos de idade pondo fim a uma certa monarquia; 25 Bofetada (pop); 26 Adivinhará; 27 Pronome reflexo; 28/41 É a esposa do soberano actualmente refugiado no Panamá e que vai ser extraditado, segundo afirmações do advogado Juan Materno Vasquez, representante dos interesses do Irão. O dito advogado possui «provas contundentes» que demonstram que o ex-imperador cometeu 5 delitos graves: malversação de fundos públicos, peculato, concussão, tortura e genocídio. Uma das provas em poder de Vasquez e autenticada pelo general Housang Hatar, afirma que o ex-soberano dava instruções concretas e pessoalmente aos chefes da SAVAK; 31 Pequeno poema medieval narrativo ou lírico; 33 Prefixo de privação; 34 Arvore mirtácea de frutos comestíveis do Brasil; 35 Armaria; 36 Gálio (s.q.); 37 Choupana; 39 Ópera de Verdi; 43 Alteza Real; 45 Isolado; 46 Tornava ditoso; 48/58 Discursando na sessão inaugural da FAO esta primeiro-ministro indiana apelou para iniciativas que ponham termo à fome no mundo; 50 Grande; 51 Dividir ao meio; 52/62/64 O governo francês acusou indirectamente Cuba de ser responsável pelos «distúrbios» que, há meses, se registam na Martinica, e o secretário de Estado Paul Dijoud, numa entrevista publicada no «France Soir», disse suspeitar que a frente independentista representada na assembleia territorial da Martinica recebe apoio político e financeiro deste líder cubano; 54 Sova; 56 Acreditei; 57 Teor; 63 Acometem; 68 O mesmo que uma (ant. e pop); 69 Cobalto (s.q.); 70 Apanhai.

**VERTICAIS:**

1 Medida de extensão usada na Índia; 2 Retocam; 3 Roei; 4 Doutora; 5 Pancada do relógio; 6 Alegria; 7 Compaixão; 8 Preposição latina que designa movimento; 9 Tostar; 14 Ave palmípede também conhecida por papagaio-do-mar; 16 Prata (s.q.); 17 Cortesã que segundo a Bíblia entregou Sansão aos filisteus, após ter-lhe cortado os cabelos nos quais residia a sua força; 18 Mulher de Egeu e mãe de Teseu; 19 Aboli; 20 Ave pernalta do Brasil; 22 Neste momento; 23 Ligara; 24 Carregara; 26 Alcoviteira; 27 Bruxa; 28 Surpresa dolorosa; 29 Cidade da África Ocidental (Nigéria do Norte); 30 5.ª dinastia chinesa que reinou de 202 aC a 220; 32 Arara; 38 Fedor; 40 Oficial dos janízaros durante a ocupação de Argel e Tunis pelos Turcos; 41 Piedade; 42 Porco não castrado; 44 Crisol; 45 Título do antigo rei de Calecut na costa do Malabar; 47 Corra com grande velocidade; 49 Rádio (s.q.); 50 Cidade de França; 52 Familiar; 53 Opíparos; 55 O lado do vento; 56 Solo; 58 Piolho o mesmo que ganau; 59 Fruto da ateira; 60 Em a; 61 Setecentos em romano; 62 Personificação do dia na mitologia escandinava; 64 Crómio (s.q.); 65 Clima; 66 Apelido; 67 Pronome pessoal.

## SOLUÇÕES

**HORIZONTAIS:**

1/17 GISCARD D'ESTAING; 5 Harda; 10 Faraó; 11 Iodar; 12 Ita; 13 Rás; 15 Na; 16 Aaro; 21 Atuam; 22 JULIANA; 25 Lapa; 26 Lerá; 27 Se; 28/41 FARAH DIBA; 31 Lai; 33 An; 34 Araçá; 35 Arm; 36 Ga; 37 Cabana; 39 Aida; 43 AR; 45 Só; 46 Aditava; 48/58 INDIRA GANDHI; 50 Grá; 51 Amear; 52/62/64 FIDEL DE CASTRO; 54 Pola; 56 Cri; 57 Tom; 63 Atacam; 68 Ua; 69 Co; 70 Agarrai.

**VERTICAIS:**

1 Gaz; 2 Afinam; 3 Ratai; 4 Dra; 5 Hora; 6 Riso; 7 Dó; 8 Ad; 9 Crestar; 14 Arau; 16 Ag; 17 Dalila; 18 Eta; 19 Suprimi; 20 Taã; 22 Já; 23 Liara; 24 Atacara; 26 Lena; 27 Saga; 28 Facada; 29 Rabat; 30 Han; 32 Ará; 38 Aca; 40 Dei; 41 Dó; 42 Barrote; 44 Pira; 45 Samorim; 47 Voe; 49 Ra; 50 Gap; 52 Fam; 53 Lautos; 55 Lo; 56 Chão; 58 Gau; 59 Ata; 60 Na; 61 DCC; 62 Dag; 64 Cr; 65 Ar; 66 Sa; 67 Ti.

# de José Cardoso Pires (2)

classes do que propriamente criação poética.

Em resumo, penso que se pode distinguir dentro do narrar tradicional duas formas: o «narrar» «natural» (próprio dos romances de paradigma balzaquiano) e o «narrar» neo-realista (marcado pelo factor ideológico-histórico).

Cardoso Pires entretanto, e sobretudo com a obra O Delfim, optou por um «como narrar» diferente. E explica porque é que é diferente: há nele todo um valor dado a uma certa imprecisão que permitirá a sugestão e a leitura como uma segunda criação. Haverá portanto uma menor linearidade, que possibilita que a leitura seja também um exercício de criação — é por isto, explica Cardoso Pires, que o romance ou poema assim concebidos não estão acabados.

Então acto de escrever e leitura serão noções a redefinir, pois a escrita será uma leitura também (implica de facto apenas uma escolha de material que é montado de uma certa forma) e a leitura poderá preencher espaços em branco deixados pela tal imprecisão propositada da escrita.

Assim o texto criará uma cumplicidade muito maior entre o autor e o leitor, porque o acto de escrever definiu também um «leitor ideal» pelo seu estilo. Quanto maior é essa cumplicidade exigida pelo texto, mas marcadas aparecem as reacções de aderência ou não da parte do leitor. Isto é, ou o leitor entra no jogo do texto, e cria pela leitura — portanto gosta do texto; ou não entra no jogo, exige uma passividade na leitura (exige portanto a linearidade) —e aborrece o texto.

O Delfim é um romance- criação. Porque permite, pela sua nebulosidade, uma leitura — criação e exige, pelo seu estilo, uma grande cumplicidade — jogo da parte do leitor. Também devido a essa nebulosidade de que fala o leitor, é também um romance de enigma, por duas razões: primeiro, porque, havendo um enigma no crime cometido, ele nunca desaparece no romance fazendo com que o fim seja aberto. Explica-nos o autor o porquê deste enigma (que também ele é construído em «mise en abyme»): se por um lado é verdade que todos (ou pelo menos a aldeia), se interrogam indefinidamente sobre o crime sem lhe encontrar a chave, também é verdade não ser o crime a história significante. De facto o crime da lagoa é a história presente mas insignificante, que aparece à superfície da Gafeira, que entretanto tem uma história — outra subjacente, essa ausente mas real que é «o fotograma de uma ambiência e de uma temperatura social» (42). Assim, essa história crime evidente é simbólica de um país que se ocupa em discutir acesamente sobre o sexo dos anjos. Por outras palavras mais simples, os homens da Gafeira «masturbam-se» na interrogação de acontecimentos insignificantes, «viciados pela ignorância ou pelo espírito censorial» (43) — e esta é uma das manifestações da sua alienação.

É também um romance de enigma porque não há fronteiras entre o imaginário e o real. Aclarando: «(...) concedendo ao imaginário um crédito provisório de realidade experimentada e colocando-o em igualdade de discussão com o real, não por atitude agnóstica mas com o objectivo de estimular opções interpretativas e descobrir sugestões operatórias que conduzam à descoberta de um conjunto vivo, polimórfico». (44). Cardoso Pires serve-se também de uma citação de Jean-Pierre ([aa]). Cardoso Pires serve-se também de uma citação de Jean-Pierre Fa ye: «No campo da comunicação do récit (...) é pelas deslocações recíprocas, umas em relação às outras, e pelas diferentes transmissões por omissão e por adjunção que o **efeito de ideologia** se vai revelando» (45). Diz também Cardoso Pires: «A contradição engendra a verdade». (46). A Gafeira é um país da mentira. Para «recuperar a verdade» há que desfazer evidências há que «desfigurar para configurâr».

Assim, porque o conteúdo é de destruição (em todos os aspectos de facto: a destruição da linearidade ficcional, do cosmos do Delfim, da evidência do crime, da fronteira entre imaginário e real), esse conteúdo vai-se reflectir na forma. Não é minha intenção analisar aqui a forma de O Delfim, mas citarei Eduardo Lourenço: «(...) formas depuradas de todo o conteúdo, excepto o da pureza original do confronto de umas com outras(...). Essa vontade de não significar, significa (47). Apesar destas palavras de E. Lourenço se aplicarem mais à forma nas artes plásticas, parece-me que tocam, por aproximação, a forma de O Delfim, uma forma romanesca estilhaçada.

A Gafeira, que para o autor significa «terra de leprosos», como microcosmos que é, implica um determinado tempo social simbólico da ambiência de um Portugal entre o imobilismo e as estruturas de consumo ( como afirma o autor).

Como o real está encoberto por todo o tipo de mistificações, o discurso sobre esse real de alguém que o quer verdadeiramente descobrir e dá-lo a descobrir (caso do escritor-furão-narrador), exigirá cada vez mais subversões internas. Daí a destruição da linearidade e de uma possível lógica nos acontecimentos gafeirenses. O escritor-furão tem outra posição: vê a Gafeira do quarto alto da pensão, o que permite observá-la privilegiadamente. Como não é gafeirense nem pertence ao mundo Delfim ( de facto roça todos os ambientes sem se identificar com nenhum), consegue um «distanciamento interessado». Aliás é o agente da história da Gafeira que através do nosso escritor-furão, parece ter passado da idade do silêncio à da fala, ainda que descontínua, porque o narrador-escritor, mais interessado em rasgar ambientes do que a decidir-se por opiniões, acaba por nos dar uma Gafeira de um enigmático sem fim, cabendo ao leitor, a partir do material «confuso», fazer a sua própria leitura... Aliás o escritor-furão gosta do jogo e pratica-o. Por isso cria regras, fórmulas, rituais. Diferentes é certo dos habituais, e uma das regras que ele respeita é a de dar a palavra aos outros e não se imiscuir nesses terrenos. A nível do texto este não querer-se imiscuir no terreno que desbrava (na Gafeira), traduz-se pelo esquema circular em que O Delfim é construído O romance começa e acaba com o mesmo enigma por resolver O tempo também é circular, e nesta medida, intemporal. Os acontecimentos e os heróis sobrepõem-se no tempo: revivem, morrem e tornam a aparecer. Aliás o nosso escritor-furão sofre as consequências deste mal. Diz ele. «Um ano vivido assim, numa tarde, desorienta. É um fardo aue não se descarrega facilmente, sobretudo se dentro dele vêm defuntos que nós conhecemos e esquecemos, e que inesperadamente nos caem em cima com todo o peso dos seus segredos. Ando com eles, quer queira, quer não». (48). O próprio tempo da Gafeira é um tempo vencido. O narrador chama-se a ele mesmo: «narrador de tempos mortos».

Diz ainda Cardoso Pires: «O tempo, tempo do discurso, quero eu dizer, está dentro de nós. Vai muito da maneira como aderimos à realidade e a sentimos organizada nas suas descontinuidades e contradições; é o fluir de uma consciência ideológica, um ritmo de empenhamento ou de repulsa daquele que lê perante aquele que escreveu» (49).

Entretanto também dá-nos a perceber que em O Delfim há um «delírio de evasão do tempo real». O desfoque dos acontecimentos, o enigma nunca resolvido e em forma circular, os heróis que se sobrepõem e se repetem no tempo, devem-se à visão do narrador que determina totalmente os contornos da Gafeira Assim a Gafeira será uma realidade à medida do seu narrador. E parece-me que o ritmo que este narrador lhe imprime leva-a para muito longe do tempo real, e mais próxima do «mito e da saga». Desfoca o terreno que analisa, portanto.

Torna-o nebuloso. E sem querer, desfoca-se a si mesmo. Começa a perder a integridade «natural», aliás como a perdem também as outras personagens. Em suma, delira. Tem uma Gafeira à sua frente cujo enigma não resolve (sabemos que isto é um artifício). Roça por todos os ambientes gafeirenses sem se lhes misturar. Pratica a caça como um ritual, que constitui prática idênticas à da literatura, e à falta de «partenaire», fala consigo próprio ao espelho (divide-se em dois e vê-se assim ao espelho como um outro). Uma vez mais a forma circular de impasse...

É interessante notar que Cardoso Pires, três anos após o 25 de Abril, escreveu um outro texto em que se encontra a mesma atitude: olhar-se ao espelho e meditar. Mas aqui, este «fumar ao espelho, solidão dobrada» (50) dá-se depois da festa ter acabado, ou seja, depois dum 25 de Abril. Agora, três anos passados e quando a luz se apagou, José tem necessidade de ver-se ao espelho, de reflectir, de se encontrar para fazer um balanço defender-se e preparar-se. No Delfim o ver-se ao espelho é de raiva e de impotência. Aqui é de defesa e de preparação para o futuro.

Queria lembrar que Fernando Pessoa, por exemplo, considerava que a essência da civilização se definia pela capacidade que o homem pode ter em se dividir em dois (e ver-se de fora). Em Cardoso Pires esta prática aparece sempre e quando o cidadão se vê impossibilitado de modificar o real. Por isso, à falta de receptor válido, constrói a si próprio como receptor, pondo-se em dúvida, modifica-se de facto mas porque lhe é impossível a modificação social lá for. O escritor-furão de 1968 e o José de 1977 de Cardoso Pires, ao contrário de Pessoa e dos seus heterónimos, não se entendem, por esta prática, como civilizados, mas como limitados no seu poder de transformação social, e por este motivo, à falta de alternativa, voltam para o espelho...

## Características gerais da obra de Cardoso Pires

Cardoso Pires será um escritor realista? Pergunta que tenho feito ao longo da leitura das suas obras mas cuja resposta peremptória me parece impossível de dar, pois o conceito de «realismo» é hoje muito complexo e já vive de muitas e diferentes perspectivas que os vários autores que a estudaram lhe têm dado.

Maria Lúcia Lepecki (51), ao formular também esta pergunta, relembra num dado passo do seu ensaio, o que Lotman assinalou sobre este problema: há textos organizados estruturalmente cuja linguagem é da ordem do retóico-literário, mas há outros têxtos que são pensados como a vida. Ora a vida, numa obra literária, é um discurso não estético, «um texto não artisticamente organizado e portanto verdadeiro» (52). Mas qualquer texto, ao entrar numa obra literária, torna-se por este facto um texto estético.

Deste modo temos o problema da construção de um artístico organizado, que imita o não artístico. Assim, seguindo o pensamento de Lotman, teríamos um texto literário (facto cultural segundo) a querer passar por um facto cultural primeiro (o quotidiano histórico) Por esta estrutura, fruto de uma construção muito mais complexa que a normal (diz Lotman), o texto artístico criaria a ilusão de ausência de estrutura.

«Como ninguén otro género, la novela pugna contra una de sus dimensiones fundamentales, contra la que más ostensiblemente preside su nacimiento: la ficción. La novela ylo novelesco entran en conflito» diz Oscar Tacca (citado por Lepecki). Esta ausência de estrutura no texto literário cria, segundo Maria Lúcia Lepecki, a impressão de translucidez absoluta, onde entre olhos e acontecimentos não há nenhum obstáculo. Esta característica, que me parece mais evidente em «O Hóspede de Job», aproximara Cardoso Pires do neo-realismo, e por ela poderemos considerar o escritor como praticamente daquilo que Lotman chama uma «certa forma de arte realista»... que pelas marcas mais globais no entanto, também o afastarão do neo-realismo, como iremos ver.

Diz Lepecki que para o leitor comum é possível que a obra de Cardoso Pires desprenda uma impressão de falta de tónus na história ou uma impressão de lentidão. A que é devida esta impressão? Segundo Lepecki, ao haver em toda a obra de Cardoso Pires o conflito de campos semânticos, cujo enredo não se encontra inscrito a superfície mas sim na profundidade do texto, isso exigirá uma leitura-decifração da parte do leitor e o conhecimento pr parte deste do subtexto histórico-cultural. Como esse subtexto não aparece directamente na obra, há de facto aquilo que Lepecki chama «a clandestinização sistemática de elementos do contado».

Também por esta característica se afasta a obra de C. Pires do neo-realismo, onde, parece-me, é muito evidente a leitura do conflito por uma palavra ficcional que de facto se quer assemelhar à vida e que apresenta o seu objecto ficcional em superfície e não em profundidade. Portanto não existe a tel clandestinização do contado e a leitura que se pede não é uma leitura-criação ou de decifração.

Por outro lado, creio que o neo-realismo assume a mais das vezes um carácter moralista, por apresentar personagens e acontecimentos como unívocos de conteúdo. Ora Cardoso Pires empenhou-se em nos dar personagens e acontecimentos na plurivocidade dos olhares e leituras, o que originara, nos seus romances, um movimento contraditório: por um lado, o conflito entre os dois campos semânticos (o da burguesia e o do proletariado), que é evidente em todas as obras. Às vezes de tão evidente até se torna geométrico. Mas esta evidência não permite uma leitura passiva, pois o autor consegue anulá-la pelos labirintos que constroi no enredo, pelas «mise en abyme», pelo «jogo do olho vivo».

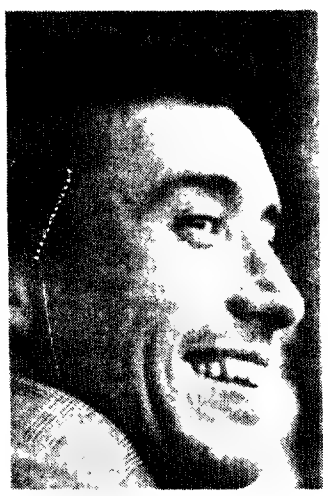
Um exemplo bem nítido deste movimento contraditório pode-se encontrar em toda a textura de O Delfim. O romance começa com a referência à Monografia dum Abade sobre a Gafeira, e essa Monografia aparece como garantia de veracidade histórica, quase como um «atestado comprovativo» daquilo que o autor irá contar sobre a Gafeira. Para além disso há da parte do narrador a preocupação de registar informações directas sobre o que se passa. Assim, como diz Lepecki, a narrativa aparece como «jogo de informação». Há ainda neste romance (é Lepecki que observa) a garantia de veracidade pela existência do narrador-escritor que assiste e directamente descreve os acontecimentos, sendo portanto equisciente como personagem em relação aos leitores.

Mas, por outro lado, o objecto ficcional deste romance (a Gafeira) desfoca-se cada vez mais por esse esforço mesmo de veracidade pois a plurivocidade é incontrolável, visto não haver nenhuma entidade omnisciente que possa seleccionar o verdadeiro do falso. Se o leitor acaba por se encontrar à mercê, numa encruzilhada de soluções onde não é capaz de ver claro, o mesmo está a acontecer ao narrador que entretanto se perdeu com tanta «informação»...

Chegados a este ponto Lepecki, pela mão de Ltoman, dá-nos uma ajuda: «A multiplicação de pontos de vista caracteriza uma «certa forma de arte realista» (...) onde o efeito de real artístico-literário pretende equivaler, de todo, ao efeito de real concreto a vida no quotidiano Histórico» (53). Lembremos agora também o que Cardoso Pires diz na «Memória Descritiva» (54), quando passa esta nota de Jean-Pierre Faye: «No campo da comunicação do récit (...) é pelas deslocações recíprocas, umas em relação às outras, e pelas diferentes transmissões por omissão e por adjunção que o efeito de ideologia se vai revelando» (55). Portanto, a plurivocidade cria, evidencia o efeito de ideologia. É por isto que Lepecki fala do «modo do imaginário» em Cardoso Pires duma «pedagogia ideológica». Já Cardoso Pires na «Memória Descritiva» nos advertia que o que o escritor-furão do Delfim pretendeu foi «desfigurar para configurar». E por essa «desfiguração» vai ele pedagogicamente revelando a verdadeira Gafeira.

Há de facto a ultrapassagem duma só visão, por esta síntese e apresentação do olhar de muitos Por isso mesmo diz Lepecki que «a obra de Cardoso Pires resulta em discurso equivalente ao Histórico-Científico» (56). Por este método científico-dialéctico («análise, interpretação e avaliação de factos sabidos por observação-testemunho próprio em presente e passado») «constroi-se a totalidade do real. Por ele ultrapassam-se os limites da medivcridade, acontece o saber». (57). Assim a obra de C. Pires seria uma obra realista + , por excesso, e por isso mesmo afastando-se do neo-realismo.

Se é verdade que como diz Lepecki, o romance de C. Pires conduz a uma disposição mental e a uma praxis histórica precisa — daí o serem pedagógicos e o testemunharem da luta contra a ficção, como lembra Oscar Tacca — por outro lado convém não esquecer que a palavra ficcional deste escritor é também poetica (no sentido que Lepecki lhe dá de criadora) Então ter-se-á que registar (como Lepecki) que se trata de um discurso literario misto, típico da modernidade, em que o «fingimento» poético alterna e interpenetra-se no compromisso (a historicidade), de modo que o contado fica avalizado como verdadeiro «em cujo contacto o leitor é levado a objectivar o saber do subtexto».



## Notas

31. BARTHES, LEFEBVRE, GOLDMAN, **Literatura y Sociedad,** Ediciones Martínez Roca, Barcelona, 1969, p. 38
32. Como capazmente estudou Maurice Molho em «Introdución al pensamiento picaresco»
33. PIRES, Cardoso José, **O Anjo Ancorado,** Moraes editores, Lisboa, 3.ª edição, 1964, p 11
34. Idem, p 36
36. Idem, p. 93
37. Idem, p 72
38. CRUZ, Liberto, **José Cardoso Pires,** Arcádia, Lisboa, 1972
39. PIRES, Cardoso José, **E Agora, José?** Moraes editores, Lisboa, 1977
40. Idem, p. 183
41. TORRES, Alexandre Pinheiro, **O Neo-Realismo Português Literário,** Moraes editores, Lisboa, 1977
42. PIRES, José Cardoso, **E agora, José?,** Moraes editores, Lisnoa, 1977, p. 172.
43. 173 p.Idem
44. Idem, pp. 173 e 174
45 Idem, p. 175
46. Idem, p. 176
47. LOURENÇO, Eduardo, **Heterodoxia-II**
48. PIRES, José Cardoso, **O Delfim,** Moraes editores, Lisboa 6.ª edição, 1975, p. 235
49. PIRES, José Cardoso, **E Agora, José?,** Moraes editores, Lisboa, 1977, p. 182.
50. PIRES, José Cardoso, Idem, p. 327
51. LEPECKI, Maria Lucia, **José Cardoso Pires,** Moraes editores, Lisboa, 1977
52. Idem, p. 32
53. Idem, p. 42 e 43
54. Idem, p. 43
57. Idem, p. 43
54. PIRES, José Cardoso, **E Agora, José?,** Moraes editores, Lisboa, 1977
55. Idem, p. 175

## Bibliografia

(Excluídos os títulos citados ao longo do trabalho) — MACHADO, Álvaro Manuel, A Novelística Portuguesa Contemporânea, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa, 1977

— NUNES, Natália **As Batalhas que nós perdemos,** Livraria Paisagem editora, Porto, 1973

— PIRES, José Cardoso, **O Hóspede de Job,** Círculo de Leitores

## Dez anos de teatro

# O caso do Grupo de Campolide

Carlos Porto

**Não era possível dar do teatro de amadores do início dos anos 70 mais do que uma amostragem de espectáculos e de grupos que permitisse ao leitor ajuizar da importância então atingida por esse movimento. Não posso garantir que os espectáculos evocados tenham sido os melhores nem que não tivesse deixado de fora outros espectáculos e outros grupos tanto ou ainda mais importantes. A ausência não significa desapreço. Falarei hoje de alguns outros espectáculos e em especial da actividade do Grupo de Teatro de Campolide cuja importância não quero deixar de assinalar.**

### Ponta de lança do teatro de amadores

O que distinguiu, desde logo, o GTC dos restantes grupos de amadores foi o facto de, sendo embora inteiramente, não-profissional, o grupo se apresentar de tal maneira internamente estruturado que se poderia dizer que tinha muito pouco a ver, sob esse aspecto, com o nosso teatro de amadores e mesmo superar a organização de alguns grupos profissionais. Assinalarei dois aspectos em que esse facto se evidenciava: a presença no grupo de um dramaturgista (Virgílio Martinho), luxo a que poucos grupos profissionais se abalançavam; a preocupação constante de conhecer o público para que trabalhava através da realização regular de inquéritos cujos resultados, tratados tão cientificamente quanto o permitiam as possibilidades do grupo, possibilitavam relações mais íntimas e intensas com o público. E de tal maneira que se pode dizer que o GTC foi dós poucos que soube criar um público.

Com um jornalista e crítico a dirigi-lo (Joaquim Benite), com uma equipa de colaboradores, incluindo técnicos e actores, para quem fazer teatro constituía um acto político, além de estético e lúdico, importante — o GTC abriu um caminho próprio e ajudou a transformar qualitativamente o teatro português (e não só o teatro amador).

Tomarei a liberdade de transcrever parte de um texto que redigi em Janeiro de 1975 para uma publicação do grupo, por me parecer que dá uma síntese, na minha perspectiva (como é óbvio), da importância e do significado do projecto do grupo.

«Nas tintas para os aspectos puramente formais do teatro, nas tintas para o academismo que marcava parte do nosso teatro profissional e, por macaqueação, amador, nas tintas para as leituras a puxar para o intelectual, o GTC procurou reinventar um tipo de teatro que atingisse directamente o público ao mesmo tempo pelos seus aspectos lúdicos e pelos seus aspectos críticos, uns inseparáveis dos outros. Esse teatro que toda a gente procurou ao longo destes anos porque toda a gente sabe da necessidade do teatro não alienar o espectador — à maneira do sr. Vasco Morgado — sem o atirar pela borda fora, à maneira de grande parte dos espectáculos «sérios» feitos em Portugal.

A equipa de Joaquim Benite conseguiu-o, tanto quanto nos parece, mercê de cálculos simples, mas correctos: escolha de textos cujos conflitos encontrassem ressonância nos espectadores existentes e, sobretudo, nos espectadores potenciais; o levantamento de elementos cénicos que sinalizassem sem ambiguidades nem obscurantismos as potencialidades ideológicas dos textos; a utilização do riso como uma arma que cada um sabe manejar; a criação de uma equipa cimentada por coisas mais importantes do que o espírito tribal, o interesse do lucro (seja ele, a fama), a paixão sem lucidez. Resultados mais evidentes (que dependeram ao mesmo tempo do pulso certeiro do encenador, da criatividade do homem da escrita e do homem da música, das capacidades de actores e técnicos): espectáculos cujo traço comunicativo (grosseiro, quando necessário) não impedia a subtileza de uma inteligência atenta aos meandros de uma linguagem criadora; espectáculos cuja clareza não impedia, muito pelo contrário, reforçava a carga política do discurso cénico. Enfim, espectáculos que não desprezavam a tradição do teatro de revista e aceitavam, com simplicidade, a lição de Brecht.»

### Um pouco de história

O GTC surgiu em 1971 com uma farsa do argentino Agustin Cuzzani, já anteriormente feita no Porto, «O Avançado-Centro Morreu ao Amanhecer». Nomes como os de Teresa Coelho (cenografia), Carlos Paredes (música) e José Martins (actor), além do encenador, Joaquim Benite e de outros, apareciam já nesse primeiro espectáculo. Um outro surgia, o de Manuel João Gomes, mas neste caso tratava-se de um equívoco, logo desfeito. O espectáculo foi visto por 6750 espectadores num total de 31 sessões realizadas, o que equivalia à excelente média de 215 espectadores por espectáculo. Com ele, o GTC concretizava um dos pontos fundamentais do seu projecto, o da descentralização através de digressões que fez não só nos arredores de Lisboa como mesmo noutros locais do País. Essa política de descentralização (a única então possível) foi continuada, com resultados positivos, ao longo da história do grupo.

Ao «Avançado-Centro» seguiram-se os seguintes espectáculos: «A Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança», de António José da Silva, encenação de Joaquim Benite e dramaturgia de Virgílio Martinho, no ano seguinte, 1973, «Farsa do Mestre Pathelin», estreia na encenação de José Martins; «Filopópolus», de Virgílio Martinho, que chegava à criação dramática através do seu trabalho com o grupo (1974); «Fulgor e Morte de Joaquim Murieta», de Pablo Neruda (1975); «O Grande Cidadão», adaptação de Virgílio Martinho do seu romance homónimo (1976). Em 1977, o grupo apresentou o seu primeiro espectáculo profissional, «1383», adaptação de Virgílio Martinho da «Crónica de D. João I», de Fernão Lopes. Esta passagem do GTC de amador a profissional vinha na lógica das coisas: era propriamente inevitável. Voltando ao meu texto já citado, reterei: «Desde 'O Avançado-Centro Morreu ao Amanhecer' até 'Filopópolus' todo um avanço do grupo a par da mesma e indefectível preocupação: a de dar ao espectador mais do que uma noite bem passada, 'menos' do que uma noite para pensar — entre os dois projectos o espaço do espectáculo que nos parece aqui importante o teatro crítico de características populares.»

Tendo passado a profissional, o grupo não deixou de manter em actividade uma equipa de amadores, esta dirigida por José Martins, o que sublinha a importância e a eficácia de um projecto ambicioso que pretendia superar os limites, quantas vezes estreitos, de projectos semelhantes. Espectáculos como «D. Quixote Libertado», de Lunatcharski, que após a Revolução de Outubro ocupou a pasta da Educação do primeiro Governo soviético e era um crítico e um artista de grande sensibilidade e, mais recentemente, «A Sapateira Prodigiosa», de Lorca, ambos encenados por José Martins, demonstraram que essa actividade paralela do grupo era e continua a ser, um facto importante na sua história e não uma realidade fortuita.

### Um projecto em discussão

Como não podia deixar de ser, o projecto estético e político do GTC foi amplamente discutido e não deixou de ser recusado por aqueles que tinham uma outra visão da problemática teatral, com tudo o que a expressão abrange, desde a escolha do texto à maneira de o interpretar, desde a leitura cénica ao nível de representação, desde o seu levantamento cenográfico à forma de o fazer chegar ao público. Essa recusa era normal: entre as experiências da Cornucópia (para citar um exemplo extremo) e o trabalho do GTC não havia praticamente pontes. Pela minha parte, esse facto em nada me perturba. E neste momento interessa-me, sobretudo, salientar o seguinte facto: embora em pequeno número, os espectáculos do GTC transformaram-se em autênticos acontecimentos. Acontecimentos teatrais, claro, mas também acontecimentos políticos. De poucos grupos profissionais, anteriores ao 25 de Abril, poderemos dizer o mesmo. Repetir-me-ei uma vez mais: «Com 'Filopópolus', o GTC pôs o espectador perante a certeza consoladora de estar a ver teatro que dispensava a marca de amador ou de profissional — a dúvida deixara de ter razão de ser e o GTC podia tranquilamente reivindicar o seu lugar na pequena história do nosso pequeno (nem sempre) teatro.

«As dezenas de milhares de espectadores atingidos (e quantas vezes despertos) pela actividade do grupo passaram a participar de um público potencialmente apto a receber o teatro com espírito atento e aberto, fazer parte de um público potencialmente activo.»

É claro que estas palavras não esgotam o tema Grupo de Teatro de Campolide. A ele voltaremos.

### Gorki na Trafaria

Em Junho de 1973, o Grupo de Iniciação Teatral da Trafaria estreou a peça de Gorki, «Os Pequenos Burgueses», numa encenação de Fernanda Lapa.

Duas razões justificam que evoquemos este espectáculo: a sua qualidade e a importância da actividade do grupo, antes e depois do 25 de Abril. Vejamos qual foi a minha visão deste espectáculo.

«Este segundo trabalho de Fernanda Lapa confirma a tendência desta encenadora para tratar o texto como parte integrante de um espectáculo cuja realidade se inscreve e é condicionada por um determinado espaço. F.L. transformou a Casa da Comédia na sala de um 'cabaret' onde se representava a peça de Almada 'Deseja-se Mulher'. Aqui, o espectador começa por deparar com a entrada de um labirinto demarcada por flanela negra, sobe umas escadas e ocupa o seu lugar numa bancada estreita que surge no prolongamento do espaço cénico, a ele se sobrepondo, uma e outro metidos numa espécie de túnel negro (a mesma flanela da entrada) que suporta as formas de uma gigantesca teia. Esta envolve, pois, actores e espectadores na mesma armadilha. O outro elemento importante do cenário é uma imensa mesa onde decorrem as inúmeras refeições das personagens, portanto, o lugar de um dos rituais da pequena burguesia aqui representada. Uma das cabeceiras dessa mesa é formada pela própria bancada, como se os espectadores também participassem desse ritual. Aqui se vê como o teatro pode exigir a participação do espectador, a participação que o cumplicia ao mesmo tempo que o alerta, sem para isso o violentar ou violentar as relações palco/público.

«Num teatro que dispõe de tão poucos valores no campo da cenografia, não posso deixar de sublinhar o trabalho de um amador, José Manuel Castanheiro, que foi decisivo no conseguimento deste espectáculo.

«Fernanda Lapa, de acordo com os intérpretes de que dispunha, não se limitou a levantar os conflitos do texto, procurou uma leitura das raízes em que aqueles mergulham. Aqui, é necessário analisar a função do cenário. Aparentemente, a teia (armadilha) apanhou todos, espectadores e actores (presa) na sua engrenagem. Mas quem teceu a teia? A quem cabe o papel de aranha? Os pais que não entendem que a vida continua e os ultrapassou? Mas os pais não são também vítimas? Não estão eles também presos pela teia? Penso que o projecto semiológico proposto pelo cenário vai mais longe: cada uma das personagens e cada um dos espectadores ajudam a tecer a teia em que todos acabam metidos. Uns resistem menos — é o caso de Tatiana —, outros apercebem-se a tempo da armadilha: Nil e a noiva; o cantor. Por isso, fogem. Como acabam por fugir o filho e a rapariga de quem gosta e que os pais detestam. Era, contudo, necessário traduzir em termos dramáticos essa simbiose — factor/reflexo ou culpado/vítima — que define as relações significante/significado. F.L. resolveu o problema de uma maneira simples embora discutível, sacrificando parcialmente a coesão do espectáculo, o seu depuramento. A leitura de um admirável poema de José Gomes Ferreira (de 'Poesia V'), feita por Mário Viegas com o necessário distanciamento, ultrapassa o âmbito do espectáculo e propõe uma reflexão que envolve ao mesmo tempo personagens e espectadores — explicando subtilmente as relações estabelecidas, mas não explicitadas entre a mensagem do cenário e o espectáculo (incluindo o público). Cria a ponte entre a armadilha e a presa.

«Podemos, nesta altura, voltar ao princípio deste apontamento. Ultrapassando a mera condição de espectador passivo, neste espectáculo somos solicitados a entender não apenas os problemas das personagens que nos são mostradas, mas também as ligações que esses problemas têm com o nosso tempo e o nosso espaço, ou seja, as relações dos nossos problemas (de pequenos burgueses) com os das personagens de Gorki e mais para além. O poema de José Gomes Ferreira clarifica essas relações e o que está para além delas.

«Os actores de GITT dificilmente poderiam exprimir todas as dimensões das personagens de Gorki e todas os cambianes da leitura da encenadora. Todavia, o seu trabalho é de uma seriedade exemplar e demonstra a entendimento suficiente das propostas dessa leitura.»

### Da arte dos hipopótamos

O Grupo de Teatro de Secção Cultural dos Serviços Sociais da Caixa Geral de Depósitos apresentou em Maio de 1972, no Teatro Villaret, um espectáculo que, a meu ver, abria novos horizontes ao teatro de amadores (e porque não ao profissional?). «Os Hipopótamos» era constituído por uma colagem de textos, de grandes escritores portugueses, e por pequenas histórias arrancadas ao dia-a-dia dos próprios elementos do grupo. Embora contando com a colaboração literária de Costa Ferreira que foi também o encenador e certamente elemento fundamental nesta criação, o grupo abriu caminho a um tipo de teatro que infelizmente não teve continuidade. Escrevia então: «A teatralização do quotidiano feita pelos funcionários da C.G.D. em que a espontaneidade (que custou muito trabalho, claro) substituiu o apuro e o rigor que seria de exigir noutras circunstâncias, é suficiente para fazer rebentar os esquemas pequeno-burgueses em que esse quotidiano naturalmente se espartilha. E fá-lo de tal maneira, tão certeiramente, que, parecendo à primeira vista anodino e ineficaz, consegue tocar nalguns dos pontos nevrálgicos das relações sociais. Tal a força do teatro, tal a potencialidade que confere à comunicação entre as pessoas. Escrevendo estas histórias onde quase sempre parece não haver ficção (o Zavattini da primeira fase teria gostado), interpretando-as no palco, os elementos deste grupo fizeram, talvez sem ter consciência disso, um género de teatro ao mesmo tempo didáctico e socio-dramático.

Os pequenos incidentes de trabalho, as relações entre colegas e entre estes e os superiores, os problemas dos transportes, a vida familiar, as prestações, o problema das horas livres e a maneira de as preencher (vendo televisão ou fazendo teatro) — toda uma cadeia de alienações e de deslienações que vão sendo pontuadas ao longo do espectáculo com uma sinceridade que não pode deixar de ser eficaz.

É tão deifícil o nosso quotidiano que o simples facto de fazer teatro nas horas livres levanta problemas tão dramáticos que são passíveis de serem transformados em teatro (por isso, aqui também os jovens são defendidos). Este espectáculo põe assim os espectadores e os próprios actores perante a realidade de cada um e perante a reflexão — através do teatro — dessa realidade. Isto seria suficiente para nos apercebermos da importância deste espectáculo que, contudo, vai ainda mais longe ao pôr em questão as próprias estruturas familiares em que vivemos, na medida em que (ou quando) estas condicionam o livre desenvolvimento do indivíduo.

Com um dispositivo cénico muito simples — cubos de diferentes tamanhos — mas inteiramente eficiente; com uma marcação que tinha sempre em conta a própria linearidade do que se dizia, embora com uma interpretação por vezes inábil, o espectáculo consegue uma ressonância junto dos espectadores que deve ser sublinhada (porque esses espectadores participam também das mesmas causas que lá os levaram).

O que nele me pareceu fascinante foi a consciência que cada um demonstrou de estar no teatro sem esquecer ao mesmo tempo a passagem desse estar a fazwr teatro a estar a questionar os problemas de cada um (e de todos). A actriz que se revolta contra a sua própria personagem (porque é gorda não se sente obrigada a aceitar passivamente o curso das coisas) exemplifica as intenções destes homens e destas mulheres que foram a um palco dizer, através das suas histórias e dos poemas com que as ilustraram, esta verdade simples: é necessário compreender. A partir daqui tudo é possível: mudar o mundo e mudar a vida».

A evocação deste espectáculo que me parece ter sido, na singularidade do seu projecto, bastante importante, ia fazendo com que esquecesse alguns outros que seria injusto esquecer mesmo sem a intenção de esgotar o tema. Por isso, só para a próxima vez poderei dar por finda esta série dedicada ao teatro de amadores dos primeiros anos 70.

Cultura e espectáculos

# 40.º aniversário de "Gaibeus" de Alves Redol

Na continuação das comemorações do 40.º aniversário de «Gaibéus» no concelho de Vila Franca de Xira realiza-se hoje, às 21 e 30,no salão dos Bombeiros Voluntários daquela vila, um colóquio sobre o tema «Os escritores neo-realistas do concelho de Vila Franca de Xira».

Nesse colóquio intervirá o escritor Fernando Namora – um dos iniciadores da renovação da literatura portuguesa nos anos 30, pertencendo ao grupo neo-realista de Coimbra –, Arquimedes da Silva Santos, Garcez da Silva e Bona da Silva, do grupo neo-realista de Vila Franca – que com Redol e Pereira Gomes iniciaram a sua actividade literária no jornal «O Diabo», e também em «O Mensageiro do Ribatejo» – e Júlio Graça, da geração mais recente.

Serão ainda exibidos diapositivos sobre a vida de Redol, no que respeita ao seu contacto com a realidade nacional.

Entretanto, inaugurou-se hoje de manhã a exposição «Redol e as crianças», na Escola Preparatória de Roque Gameiro, na Amadora, com a presença do presidente do município, seguindo-se um colúquio sobre a obra e a figura de Alves Redol, orientado por Mário Castrim e Constantino Cara-Linda. À noite, pelas 21 e 30, haverá um outro colóquio sobre «Redol e o movimento neo-realista», por Urbano Tavares Rodrigues, seguido de debate, com a colaboração de António Guerra.

**REDOL**

**EM PORTALEGRE**

A 4.ª exposição itinerante «Gaibéus e o seu tempo» encontra-se em Portalegre desde o passado dia 15, patente ao público na Galeria Municipal do Rossio até ao dia 22, acompanhada com a projecção de diapositivos sobre a vida de Redol. Inicia,assim, a sua digressão pelo interior do País, numa divulgação cultural que corresponde aos últimos desejos expressos por Alves Redol quanto à utilização dos proventos resultantes dos seus direitos de autor.

Amanhã, às 21 horas, na Escola do Magistério Primário, no Largo do Município, realizar-se-á um colóquio dirigido pelo escritor Alexandre Cabral, amigo e companheiro do autor de «Gaibéus».

# Alicia Alonso homenageada na UNESCO

A bailarina cubana Alicia Alonso será hoje homenageada em Paris, na sede da UNESCO.

Os «primeiros bailarinos» dos grupos nacionais de vários países, Maurice Béjart, Anton Dolin, Rosella Hightwer, Serge Lifar e Galina Ulanova serão as estrelas do espectáculo, animado por Peter Ustinov.

Entretanto, o Corpo de Bailado Nacional Cubano, dirigido por Alicia Alonso, e a equipa de especialistas do Hospital Psiquiátrico de Havana foram encarregados de levar a cabo uma experiência de reabilitação de crianças e adolescentes com alterações de comportamento e doenças mentais crónicas através do psico-bailado, introduzido experimentalmente em Cuba em 1973.

Em Janeiro de 1978 o psico-bailado foi oficialmente adoptado como terapia, sendo esta uma das principais actividades do Ballet Nacional de Cuba.

Os resultados obtidos com doentes que praticam psico-bailado são encorajantes. Noventa e oito por cento dos que manifestavam alterações de comportamento ficaram curados e os doentes crónicos registaram un apreciável ajustamento social e uma grande melhoria nos movimentos.

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

# Realismo e simbolismo em "Andorr"

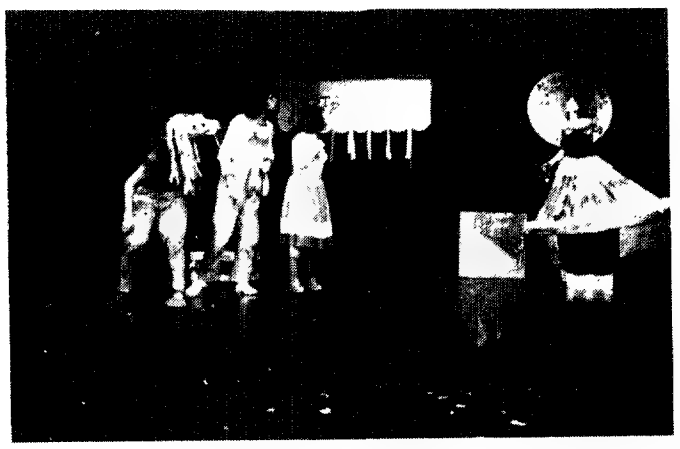
**«Andorra», de Max [illegible]n Tradução: Barbara [illegible]g Morais e Castro e Rui [illegible]s Encenação: Morais e [illegible]o Cenografia e Figurinos: Rogério Ribeiro. Assistência de Encenação: Alexandre Melo Interpretação: Morais e Castro, Adelaide Ferreira, Carlos Santos, jantónio Rama, António Anjos, Vasconcelos Viana Rui Mendes, Carlos Gonçalves, Vieira de Almeida, Alexandre Melo, António Montez Linda Silva, Ivone Silva e Costa Soares. Grupo 4. Teatro Aberto. Estreia: 13-3-1980.**

Max Frisch diz que Andor[illegible] onde decorre a acção da [illegible] peça, é um país inventado, [illegible] símbolo. No entanto, encontramos na peça elementos suficientes para considerar que Andorra é uma imagem da pátria do autor, essa Suiça branca, neutral e capitalista, e que do lado de lá da fronteira existe um outro país reconhecível, onde vivem os homens de negro, ou seja a Alemanha nazi. Situando a peça num tempo e num espaço transpostos mas reconhecíveis, podemos verificar o que há de concreto nos conflitos levantados por Max Frisch, em vez de procurarmos numa situação indeterminada simbólica, as chaves de conflitos abstractos. No entanto, esse real que podemos ler na peça articula-se com o que nela há de simbólico, como veremos.

O ponto fulcral parece consistir na tentativa de demonstração de que o racismo é de facto um erro que pode conduzir ao crime embora o autor não consiga estabelecer totalmente as linhas que a ele conduzem, como é o caso, por exemplo, das linhas económicas.

Max Frisch criou uma pequena comunidade composta por personagens perfeitamente tipificadas, representativas da pequena e da média burguesia. O que há de definido nessas personagens, sob o ponto de vista social, ajuda a conferir à peça esse perfil realista que lhe assinalei

Continua na pág.



**Cena de «A Machadinha» de Joana**

# Joana de sala cheia e bolsa vazia

Apesar das salas cheias, «Joana» Grupo de Teatro, vive neste momento um periodo de grandes dificuldades económicas.

De facto, durante os seus dois anos de existência, o grupo nunca foi apoiado regularmente, nem sequer beneficiado com os subsídios de emergência atribuídos pela Secretaria de Estado da Cultura para os meses de Janeiro e Fevereiro de 1980, razão pela qual se viu obrigado a interromper a montagem do seu novo trabalho e a repor o seu primeiro espectáculo, «Ò mãe deixa-me ir ver o ai ai minha machadinha», que vai continuar em cena todos os fins-de-semana pelas 15.30, no teatro da Comuna, à Praça de Espanha, até ao domingo de Páscoa, dia 6 de Abril.

Esta criação colectiva, é um encandear de canções populares infantis num todo teatral, através de quadros soltos e pequenas cenas em torno delas. O fio condutor é a atitude lúcida, o jogo, a mímica, o confronto entre as crianças e algumas personagens repressivas que povoam quotidianamente o seu universo. O Grupo preocupou-se acima de tudo em encontrar o ritmo interior infantil, o seu surrealismo espontâneo, a sua forma de estar no mundo.

Neste momento, a sobrevivência do grupo depende da venda tanto da «Machadinha» como da sua segunda produção, «Brinquedo, Furunfunfedo, Misericuntedo», que estão sempre prontos para viajarem até às escolas, empresas e colectividades que os solicitem. Por esse motivo, «Joana» pede a todos os interessados que a contactem através do telefone 673317.

# Realismo e simbolismo em "Andorra"

ontinuação da pág 27

equeno negociante, o pequeno ıdustrial, o trabalhador manual, professor, o médico, o padre, a oméstica. o «idiota da aldeia» ›ersonagem convencional que stá aqui exactamente para re›rçar esse carácter realista), o oldado, o Sr. Alguém que é o Sr. linguém, todas estas persona›ens têm, pois, um bilhete de lentidade, uma profissão, re›roduzem a micro-sociedade de ma comunidade. Duas perso›agens existem fora deste ampo: Andri, porque veio de ›ra e porque é judeu; e a Se›hora, porque é do outro lado.É le resto a intrusão desta perso›agem que vai desencadear o lrama. A sua morte é aparente›ente gratuita. Era, no entanto, ›evitável porque naquele mo›rocosmos as tensões estavam ›restes a rebentar e a intrusão la desconhecida é o seu ele›ento catalisador. A sua morte ›epresenta, afinal sob o ponto de ›ista dramático, a ponte de pas›agem entre o real e o simbólico. Depois disso, a entrada dos ho›ens de negro e a execução de Andri são normais porque são a forma de repor a normalidade. É sso o que os depoimentos dos habitanes da aldeia, no Tribunal, significam.

Ora, o elemento de onde partem as tensões que atravessam a peça é o confronto entre Andri e a comunidade. Cada uma das personagens tem oportunidade de manifestar-lhe, através de lugares-comuns típicos do racismo, tanto mais graves quanto mais pretendem ser uma forma encapotada de agressão, o significado daquilo que os separa. É ele de resto quem o diz: «O estalajedeiro acha-me petulante, e o carpinteiro é da mesma opinião, se não me engano. E o médico disse que sou ambicioso e que gente como eu não tem sentimentos». Aliás, para o carpinteiro, Andri não pode seguir a profissão porque os judeus têm vocação para comerciantes; para o estalejadeiro os andorranos são igualzinhos aos judeus porque gostam muito de dinheiro (embora Andri seja uma excepção). Para o soldado, Andri tem sorte, ao contrário dos judeus, porque é simpático. O médico diz que não encontrou nunca um judeu que aceitasse uma brincadeira. E o padre gosta de Andri porque é diferente dos outros, porque é mais inteligente do que eles. Todos estes elogios exprimem manifestações evidentes, e inconscientes em certos casos, de racismo.

Estas posições, esquemáticas mas convincentes, têm um objectivo dramático e ideológico. Se permitem a criação do nó con-
flituoso em que a peça se estrutura, clarificam a sua problemática: as manifestações racistas são absolutamente monstruosas. Exprimem uma espécie de racismo ordinário, expressão que aqui aplico no sentido do título do célebre filme soviético «Fascismo Ordinário». E são aqui tanto mais monstruosas quanto é certo que Andri, de facto, não é judeu. O que, aliás, não facilita o problema e, talvez, crie uma zona de ambiguidade no que parece ser tão límpido; se Andri fosse judeu, essas manifestações deixariam de ser monstruosas?

É aqui, parece-me, que convém fazer um desvio na leitura da peça de Frisch e procurar na personagem principal, no herói-mártir, não o representante de uma etnia mesmo que de facto não o seja, mas sim o símbolo do diferente – e essa diferença pode ser de carácter sexual, racial, social, político. Por isso, sustentei aqui mesmo que Andri é, ao mesmo tempo, o judeu e o trabalhador alentejano, quer dizer, representa o homem perseguido pelas suas ideias, pela sua raça, pela sua religião, o homem vítima da exploração e da opressão.

É nessa dupla categoria, uma forma realista em que se insere um projecto simbólico (a comunidade e o herói), que a peça me parece original.

Infelizmente, não se pode dizer que o espectáculo do Grupo 4 corresponda ao que há ao mesmo tempo de simples e de profundo na peça de Frisch. Desde logo por duas razões: porque não houve, pelo que me parece, um trabalho dramatúrgico prévio que ajudasse o encenador a penetrar na rede de significados por que a peça é constituída; porque razões económicas não permitiram a montagem que a peça exige. Se a solução das sombras que substituem a procissão funciona, o mesmo não se poderá dizer da ausência dos homens de negro cuja presença real serviria para dar o outro lado dos homens de branco, dos andorranos.

«Andorra» exigiria bastane mais do que aquilo que o encenador e os intérpretes foram capazes de fazer: uma leitura que não ultrapassou o nível elementar e por isso ignora os vectores dramáticos e ideológicos em que a peça se realiza. O facto tem desde logo duas consequências: o espectáculo não consegue exprimir a riqueza do texto e tende a sublinhar o que nele pode haver de menos interessante, os seus aspectos melodramáticos que resultam da história sentimental que conta.

Parece evidente a incapacidade do encenador em conseguir criar no palco as vivências da comunidade inventada por Frisch e em conseguir os intérpretes a tradução eficaz dessas mesmas vivências. Interpretar personagens como estas é bastante mais do que debitar palavras mesmo substituindo por gritos que deveria ser a expressão de sentimentos interiorizados. Se há actores que conseguem, embora em termos relativamente simplistas, trabalhar as suas personagens, sinalizá-las (casos de Rui Mendes, de António Montez, de Linda Silva) outras não ultrapassam uma excessiva linearidade (incluindo o próprio António Rama). Chega-se assim à falta de unidade que o espectáculo patenteia: entre um Vieira de Almeida que marca com muito naturalismo e bem o seu «idiota» e António Anjos cujo padre é tão pouco convincente, vai a distância que define a incoerência do espectáculo, sob esse aspecto. Entre ambos, situam-se casos com os do próprio Morais e Castro, que engrossa excessivamente o seu soldado sem vantagem para a personagem, de Ivone Silva que, aparentemente sem ter que a dirigisse, não conseguiu criar a sua personagem (aliás, difícil) de Adelaide Ferreira, Carlos Santos, Carlos Gonçalves, Vasconcelos Viana, que não fazem mais do que uma aproximação epidérmica das suas personagens.É em espectáculos como este que se verifica a dificuldade dos nossos actores em criar personagens utilizando uma técnica stanislavskiana e daí passando para uma técnica brechtiana. Não se pode dizer, claro, que a culpa lhes pertença.

O cenário de Rogério Ribeiro é funcional mas isso é insuficiente. Resolve os problemas de mudança de cenas, de espaço, postos pela peça mas não é realidade estética que o testro também exige, não é a reinvenção do espaço que a peça pedia. Rogério Ribeiro é um bom pintor mas desde Appia, pelo menos, que se sabe que a pintura pode ser inimiga do teatro.

E, parece-me, que também aqui é ao encenador que podemos pedir responsabilidades. Como também à péssima sonoplastia do espectáculo.

!Andorra» continua a ser um belo texto que o leitor pode ver no Teatro Aberto. No entanto, o Grupo 4, a meu ver, deverá rever os seus critérios de produção de espectáculos.

**Sean Connery**

# "Cuba" estreou-se ontem

«Desejei fazer um filme político dentro do qual ninguém falasse de política e uma história de amor onde ninguém falasse de amor» – assim definiu Richard Lester o seu último trabalho, «Cuba», que nos conta as duas últimas semanas do ditador Fulgêncio Batista, em Havana.

«Porque em toda a minha vida esse foi o mais extraordinário e bem sucedido tempo de revolução, eu quis retratar a mudança de um regime substituído por outro, ao mesmo tempo que fazia explodir uma história de amor entre um mercenário e uma rica cubana, apanhados na encruzilhada histórica que mudou o destino da ilha das Caraíbas» – concluiu o realizador inglês.

A fita foi ontem estreada no cinema S. Jorge.

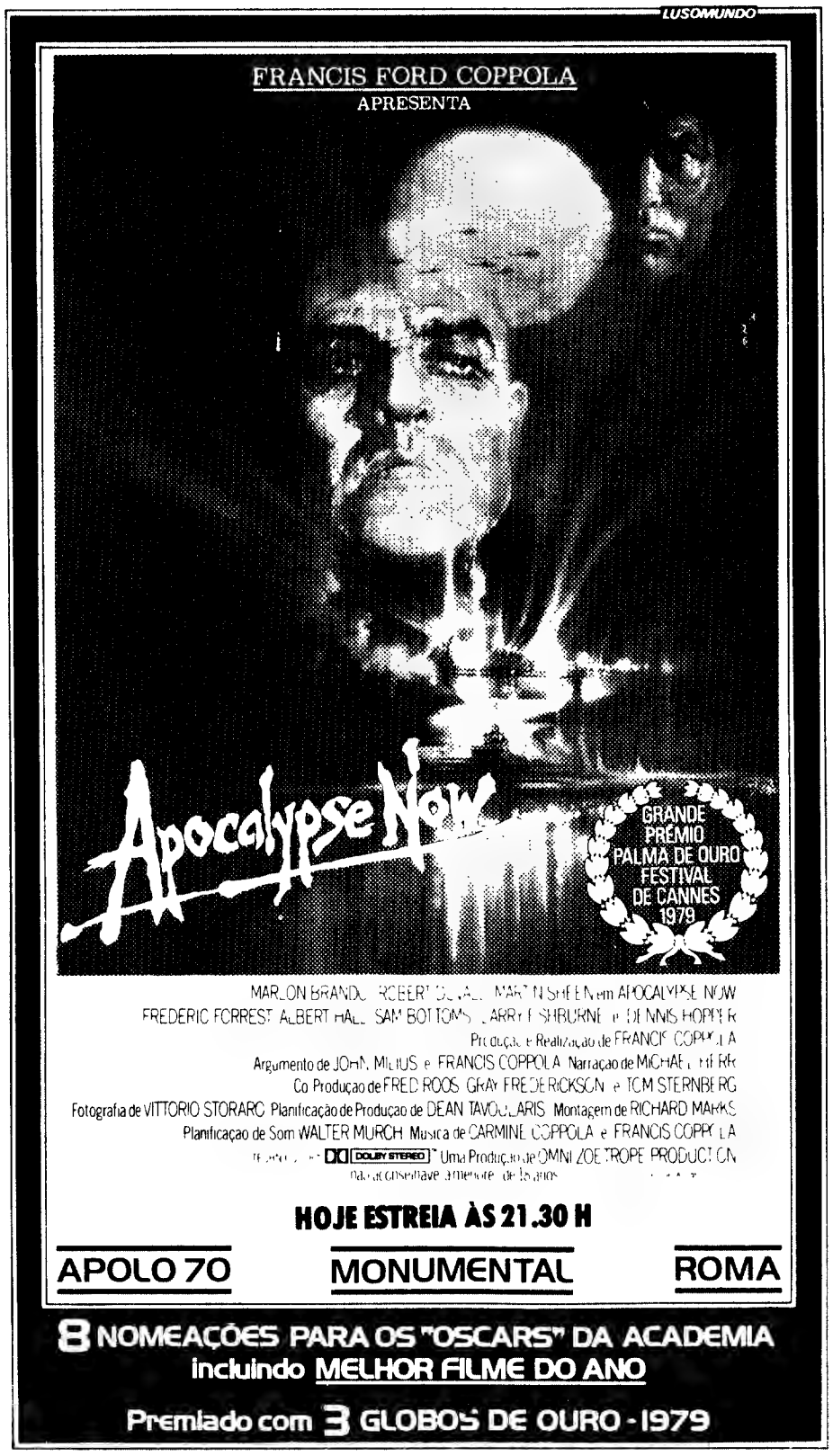



Imagem de Uma História da Medicina

## Hoje

### RTP-1

**18.30** **Sumário**
**18.35** **Arte e Manhas**
**19.00** **País, País**
**19.30** **Árvores** – programa dedicado ao Dia Florestal Mundial.
**20.00** **Telejornal** (C)
**20.35** **«Dancin' Days»** – (C) episódio n.º 113.
**21.15** **ABC da Economia** – (C) direitos alfandegários.
**21.25** **40-60** – (C) degradação do património cultural.
**22.10** **Então e Agora, Saudação dos Cineastas ao Óscar** – apresentação de cenas de muitos dos filmes que ganharam Óscares desde 1928 e entrevistas com actores como Jon Voight, Janet Gaynor, Frank Capra, Bob Hope, John Wayne, Jack Lemmon, Jane Fonda e Dyan Cannon.
**23.20** **24 Horas** (C)
**00.10** Fecho

NB – os programas que têm a indicação (C) são emitidos a cor.

### RTP-2

**18.45** **Ano Propedêutico**
**20.30** **Uma História da Medicina** – (C) episódio intitulado «Medicina e Medicinas».
**21.30** **Informação/2**
**22.00** – Ao Vivo – (C) em foco a actualidade cultural portuguesa.**00.00** – Fecho.

NB – os programas que têm a indicação (C) são emitidos a cor.

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
DESTAQUES
RTP-1
Saudações dos Cineastas ao Óscar (22.10)
RTP 2
Uma História da Medicina (20.30)
ASSISTÊNCIA TÉCNICA telef: 2112871

## Amanhã

### RTP-1

**12.00**: Indústria Regionalizada, **12.30**: Roteiro dos Teatros; **13.00**: I Série Internacional de Concertos; **13.55**: Sumário; **14.00**: Novos Horizontes; **14.24**: Imagens de Solidariedade; **14.40**: Ronda, **15.15**: Lúculos e Bróculos; **16.00**:«Uma Casa na Pradaria» (C): **16.55**: O Corpo Humano (C); **17.20**: Animação (C); **17.50**: Quadrados e Quadradinhos; **19.00**: Bancada de Topo (C); **20.00**: Telejornal (C); **20.35**: Joe Dassin (C); **21.25**: Futebol – Sporting-Sporting de Braga (C); **23.15**: O Caminho da Santa Sé; **00.00**: Fecho.

NB – os programas que têm a indicação (C) são emitidos a cor.

### RTP-2

**14.00**: Ano Propedêutico; **20.30**: Os Africanos (C); **21.30**: Tal e Qual (C), **00.00** Fecho.

NB – os programas qua têm a indicação (C) são emitidos a cor.

# Canal da crítica

**Mário Castrim**

## Ir ou não ir em futebóis, eis a questão

Muita gente poderá ignorar que 30 por cento dos acidentes do nosso país se dão nas casas. O problema é grave. Talvez por isso se tem descurado tanto o problema da habitação. Se se resolvesse as necessidades habitacionais de cerca de 65 por cento da população portuguesa, ou seja, se todos os portugueses tivessem casa, pensem só na calamidade dos acidentes. Assim que tudo tem seu lado bom...

Na rubrica «Diga 33» enumeraram-se os acidentes domésticos mais frequentes. Eu, se mos pedissem, apontava para as rendas elevadas, para o preço da carne e da fruta, para as tarifas da electricidade que nos custam a luz dos olhos e os olhos da cara, para o drama de crianças a viver em recoletas miseráveis, etc. Mas o dr. Castelo Branco apontou-os doutro género: as quedas da cadeira, as queimaduras, as fichas eléctricas, os pesticidas e remédios, os sacos de plástico enfiados pela cabeça, abaixo, e mais e mais. E tudo acompanhado de imagens, suponham! Meu Deus, o que as crianças espectadoras devem ter aprendido nesta espécie de TV canhestramente educativa!

Ainda hoje estou por saber que relação havia entre o tema do trânsito, desenvolvido pelo dr. Soares de Oliveira e a sua especialidade: epidemiologia. Igualmente medito naquelas palavras do dr. Castelo Branco segundo as quais Portugal se encontra no número dos países desenvolvidos!

Folgo muito, patriota, como sou. Mas como raio é que eu, até hoje nunca dera por isso? Será por por morar em Lisboa e não em Trás-os-Montes?

### PONTAPÉS E PALAVRAS À MEIA-NOITE

Fico para ali amodorrado, a passar pelas brasas de um filme que não teria de criticar. A fazer tempo para as imagens do futebol europeu, com a sua habitual girândola de golos.

O que veio a acontecer quando a meia-noite batia à porta. Garanto: não há pior sensação do que ver futebol com olhos de sono. Deve ser algo parecido com a vontade de dormir em noite de casamento.

As imagens diluiram-se e depois Aurélio Márcio trouxe as palavras. Que não se condenam senão na medida em que foram muitas e nós sabemos os perigos da verborreia.

Estes discursos-da-meia-noite não resolvem grande coisa, particularmente quando pretendem acudir a grandes fogos com baldes de água, e ainda por cima mal cheios. O perigo maior reside no facto de se tratar do futebol, assunto popular e de grande ciência entre nós, capaz de mobilizar uma audiência numerosa e interessada, que importava antes de mais nada enriquecer. Sobretudo, nada de improvisações. Eu cá, de improvisos, prefiro e aconselho os que foram bem estudados.

Assim, ao referir-se à qualidade do futebol alemão e holandês e sua pretensa hegemonia, haveria que distinguir entre o futebol profissional, o profissionalzinho e o outro; haveria que mencionar o poder financeiro que o comanda; haveria que sopesar as motivações sociais. Exemplos: a) os métodos de supercampeões praticados na Alemanha e na Holanda foram já denunciados nesses mesmos países, pela sua fúria destruidora e desumanizante; b) é imenso o fosso cavado entre algumas equipas de estufa e as outras equipas subalternas, em contraste com a média de qualidade do futebol inglês; c) o papel do futebol como paredão de tensões sociais.

Não se pode, por outro lado, falar em termos de raça (que é isso de «raça latina»?) para justificar menor ou maior qualidade futebolística. Nem se dirá que jogam melhor futebol os habitantes das regiões quentes. Inglaterra, Alemanha, Hungria, Checoslováquia, etc, não ilustram a tese. Até, futebol é jogo de Inverno.

Não estará aí a razão da supremacia dos países ocidentais sobre os países do Leste em futebol. Esta expressão «países do leste» carece, aqui, de precisão. Mesmo não tendo representantes seus nas semifinais, a qualidade do futebol bulgaro, romeno, polaco, alemão, hungaro, checo, jugoslavo, não é assim para se deitar fora. É certo que o futebol soviético não é aquilo que os próprios gostariam que fosse.

O que sucede é que, enquanto nos países ocidentais, o futebol é tudo e o resto quase nada (por motivos que já apontei) na União Soviética a popularidade abrange outras modalidades. O povo soviético orgulha-se de seus hoquistas, ginastas, voleibolistas, andebolistas, de tantos e tantos nomes do atletismo. Este povo não vai em futebóis.

Sem esquecermos que as questões que se põem aqui, quanto ao atraso do futebol em certas zonas, como um estigma fatal, se poderiam pôr noutros lugares face a outros desportos: o hóquei em campo, na India, o basebol, na América, o râguebi na Austrália, o chinquilho em Portugal, etc.

Futebol é tema explosivo, outra vez no nosso país. Mais do que um desporto, assume foros de crime passional. Na TV, expulsam-se os políticos da oposição e entram os clubes da primeira divisão. Comentadores políticos são substituídos por uma chusma de comentadores desportivos. Não é por acaso.

GRUPO DE CAMPOLIDE • ACADEMIA ALMADENSE
TEATRO DE ANIMAÇÃO DE SETÚBAL
TU NÃO CONHECES A MÚSICA?
DE ROBERT ABIRACHED
HOJE ÀS 21.45 H

FOTOCÓPIAS
DESDE $60
Encadernações, plastificações e trabalhos em offset
Discoteca Filinto
Av. 5 de Outubro, 53-A
Telefone 535040

Casa de pasto
"Os Papagaios"
José Outrelo Magalhaes
Rua Cascais, 13 e 21 — Lisboa, 3

ÀS SOCIEDADES
DO GRUPO B
— A SUA ESCRITA TEM QUE SER RAPIDAMENTE ORGANIZADA DESDE JANEIRO DE 1979
— PESSOA IDÓNEA ACEITA ESCRITAS
— MÁXIMO SIGILO.
TELEFONE: 294 56 32

**TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA**
**3.º Juízo**
**ANÚNCIO**

O dr. Isidro de Matos Canas, Meretíssimo Juiz de Direito do 3.º Juízo Cível desta comarca, faz saber que no dia 10 de Abril de 1980, pelas 14 horas, neste Juízo Cível, na execução ordinária que corre pela 3.ª secção contra a executada Eduardo R. Ferreira, Lda., com sede na Av. Luís Bívar, 85-C em Lisboa, hão-de ser postos em praça pela segunda vez, por metade do preço indicado no processo, uma máquina de stencil eléctrica, marca Rone, modelo 350 VS, dez estantes Hondy e duas de madeira, contendo cerca de 8000 livros de divesos autores e o direito ao trespasse e arrendamento da sede da executada.

Lisboa, 8 de Março de 1980

**O JUIZ DE DIREITO**
**Isidro de Matos Canas**
**O ESCRIVÃO ADJUNTO,**
**Nuno Alberto Pinto Martins**

atelier BELO MARQUES
R. da Trindade, 5-2º dto T. 371254 Lisboa
MEDALHAS PROGRESSISTAS!

5º ANIVERSÁRIO DA NACIONALIZAÇÃO da BANCA e SEGUROS
módulo 80 mm bronze ★ pedidos a JOÃO LOPES
RUA MARCHAL SALDANHA, 5-4º - 1200 LISBOA
«SECRETARIADO DA SECÇÃO DE EMPRESA DA CGD»

# ROTEIRO CULTURAL

## GRALHAS

Duas gralhas folgazãs (antipáticos passarocos que aos bandos costumam debicar e dizimar as culturas cá da casa), fizeram ontem ninho neste «Roteiro» e lembraram-se de atribuir ao Fernando Lopes 500 anos de idade, decidindo trocar o nome de Fernão Lopes pelo dele, a propósito da comemoração, pelos alunos do 2.º ano da Escola Preparatória de Paula Vicente, de mais um centenário do nascimento do grande cronista.

A nossas desculpas aos leitores, ao Fernando Lopes, às pessoas que sabem quem é o Fernão Lopes e, bem entendido, aos professores da Paula Vicente e aos seus valorosos rapazes que vão hoje apresentar, às 16.30, na Escola, uma peça de teatro sobre a Revolução de 1383-1385 baseada nos textos do cronista. Perdôem os sizudos esta tineta, que deu nos últimos tempos ao «DL», de divertir involuntariamente os seus leitores.

## EXPOSIÇÕES

**Trinta e dois grupos de estatuetas do escultor sueco Axel Petterson estão em exibição na Fundação Gulbenkian** até ao dia 5 de Abril. Petterson, cujo pseudónimo artístico é Doderhultarn, nasceu em 1868 e é considerado um dos artistas mais originais da Suécia. A sua morte ocorreu em 1925. O artista encontrou a inspiração para as suas obras na região onde nasceu, na altura uma das mais pobres da Suécia, Doberhult, registando aí cenas da vida do povo: o casamento aldeão, a ordenha, o baile ou a visita do fotógrafo.

**«Israel – um povo e a sua pátria»** é tema de uma exposição que está patente no Centro Israelita em Lisboa, apresentando documentação histórica e fotográfica das relações do povo judeu com Ertz-Sião, a terra prometida. A mostra está aberta até à próxima terça-feira, todos os dias das 16 às 20 horas (no domingo das 10 às 22).

**O «Subversivo Grupo» apresenta um «Diaporama Subversivo»** no domingo e na segunda-feira, às 21.30, no Teatro do Nosso Tempo (Praça José Fontana, 12-B). Trata-se de um novo grupo de pessoas que se abalança à promoção e realização de acontecimentos de arte, sobretudo no campo do audiovisual.

## TEATRO

**Amanhã, na Comuna, às 17 horas, haverá mais um «sábado CLAC»,** desta feita dedicada ao debate sobre Teatro de Amadores, com a presença dos grupos «Hipopótamo», «Arte Viva», CIT (Trafaria), de representantes da APTA e ainda com a participação de Rogério de Carvalho, Carlos Paniágua, Bento Martins e Jaime Gralheiro

**Para amanhã, também, anuncia-se a estreia do mais recente espectáculo de «A Centelha», a Companhia Profissional de Teatro de Viseu.** O espectáculo, «As mãos metidas na terra», estará em cena no Auditório da Feira de S. Mateus, em Viseu, enquanto «A Centelha» continua a aguardar que, de acordo com as declarações produzidas nesse sentido pelo Secretário de Estado da Cultura, sejam despachadas as verbas necessárias para a construção do Teatro Mirita Casimiro. Ao mesmo tempo, será posto em circulação o título de espectador vitalício, destinado a todos os que tenham já passado a casa dos 65 anos. Para obter este título, os interessados devem apenas apresentar na bilheteira o seu bilhete de identidade.

«Casamento», escultura de Doderhultarn

**Com a apresentação, pelo Grupo «Esteiros», da peça «O Dia Seguinte», de Luís Francisco Rebello, prossegue hoje, às 21.30, na Sociedade Euterpe Alhandrense,** o II Ciclo de Teatro Amador organizado em Alhandra por aquele grupo. O espectáculo repete-se amanhã, à mesma hora.

**O Grupo de Teatro da Escola Dramática e Musical Valboense** vai apresentar em estreia, às 21.30, no Cine-Teatro fr Valbom (Gondomar), o seu último trabalho: «O Berço, do Heroi», do dramaturgo brasileiro Alfredo Dias Gomes. No próximo dia 29, no mesmo local, aquele grupo de teatro apresentar-se-à em «espectáculo-prova», com vista ao II Festival Sindical de Teatro de Amadores. A encenação, representação e parte técnica estão a cargo, exclusivamente, de amadores da referida colectividade.

## MÚSICA

**A Orquestra Sinfonia Juvenil** vai realizar no domingo, às 16 horas, na Aula Magna da Universidade de Lisboa, o primeiro de uma série de concertos comemorativos do seu 7.º aniversário. Programa: Missa da Coroação o Sinfonia n.º 40, de Mozart, Intérpretes: OSJ dirigida por Alberto Nunes, Coral Publia Hortensia, Coro de Câmara do Conservatório Nacional, Helena Vieira (soprano), Mário Carvalho (contralto), Luís Madureira (tenor), José Aguiar (baixo) e Madalena Van Zeller (ótgão).

**O grupo que representará a Espanha no próximo festival da Eurovisão, «Trigo Limpio», irá apresentar-se amanhã, no programa da Rádio Comercial «Febre de sábado de manhã», a partir das 10 horas (no Cinema Nimas) e também no programa «Tal e qual», da RTP-2. «Trigo Limpio» foi formado em 1974 e é constituído por Carlos, Inaki e Patricia, todos oriundos do País Basco.**

**No Turcifal, haverá amanhã, às 21.30, na igreja Matriz, um concerto de música clássica** pela orquestra da Fundação Musical dos Amigos da Criança, sob a orientação da professora Adriana Vecchi. Promovem o sarau a Câmara Municipal de Torres Vedras e a Junta de Freguesia de Turcifal.

## FESTAS

**Comemorando o seu 5.º aniversário, «Cinequipa» organiza amanhã, no Teatro de «A Barraca», um convívio** cujo programa de festas compreende Manhã Infantil (das 10 às 13 horas), Informação sobre o trabalho da «Cinequipa» e Cinema de Intervenção (até às 18 horas), «O meu nome é...» (às 18.30) e a peça «Preto no Branco» pela «Barraca» (às 22 horas). Às 23.30, convívio final e canto livre até ao fim. Haverá serviço permanente de «comes e bebes», banca de trapos e coisas velhas e venda de auto-colantes e cartazes.


CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA


**COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS** (Por UNIDADE)

| | COMPRA | VENDA |
|---|---|---|
| ÁFRICA DO SUL (rand) | 56$35 | 61$35 |
| ALEMANHA FED. (marco) | 26$50 | 27$80 |
| ÁUSTRIA (xellm) | 3$60 | 3$20 |
| BÉLGICA (franco) | 1$571 | 1$671 |
| BRASIL (cruzeiro) | $756 | 1$006 |
| CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2) | 41$65 | 43$65 |
| (notas de 5 a 1000) | 42$15 | 44$15 |
| DINAMARCA (coroa) | 8$45 | 8$85 |
| ESPANHA (peseta) | $678 | $778 |
| EUA (dólar – notas de 1 e 2) | 49$20 | 51$20 |
| (notas de 5 a 1000) | 49$70 | 51$70 |
| FINLÂNDIA (marka) | 12$70 | 13$30 |
| FRANÇA (franco) | 11$35 | 11$95 |
| HOLANDA (florim) | 24$15 | 25$15 |
| INGLATERRA (libra) | 109$15 | 113$15 |
| ITÁLIA (lira) | $052 | $062 |
| JAPÃO (iene) | $181 | $211 |
| NORUEGA (coroa) | 9$75 | 10$25 |
| SUÉCIA (coroa) | 11$30 | 11$90 |
| SUÍÇA (franco) | 28$05 | 29$15 |
| VENEZUELA (bolivar) | 9$85 | 10$85 |

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

# tempo

**SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H**

O céu estava em geral muito nublado. O vento era fraco a moderado de Sudoeste e caiam aguaceiros em diversos locais, com neve na serra da Estrela.

**TEMPERATURAS DO AR**

| | |
|---|---|
| VIANA DO CASTELO | 5º |
| BRAGANÇA | 4º |
| VILA REAL | 5º |
| PORTO | 8º |
| PENHAS DOURADAS | 0º |
| COIMBRA | 8º |
| CABO CARVOEIRO | 12º |
| PORTALEGRE | 5º |
| LISBOA | 10º |
| ÉVORA | 8º |
| SINES | 12º |
| BEJA | 8º |
| SAGRES | 14º |
| FARO | 13º |
| PONTA DELGADA | 12º |
| FUNCHAL | 16º |

**MARÉS DE HOJE**

| PREIA-MAR | | BAIXA-MAR | |
|---|---|---|---|
| 6.21 | 4,1 m | | |
| 18.44 | 3,9 m | 12.02 | 1,1 m |
| Dia 22 | | | |
| 7.12 | 3,7 m | 0.28 | 1,2 m |
| 19.38 | 3,6 m | 12.53 | 1,4 m |
| Dia 23 | | | |
| 8.14 | 3,4 m | 1.30 | 1,5 m |
| 20.47 | 3,4 m | 13.59 | 1,7 m |

**PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ**

**Tempo de aguaceiros com períodos de céu muito nublado. E vento fraco a moderado de Sudoeste. Possibilidades de trovoadas isoladas e queda de neve na Serra da estrela.**

AMANHÃ
NASCER ÀS 6.37
OCASO ÀS 18.51

DIA 23 DIA 31 DIA 8 DIA 15

# rádio

**1.º Programa**

**17.00**: Trajectória, programa da juventude; **19.00**: Música portuguesa; **19.30**: Jornal da noite; **19.50**: Música instrumental; **20.00**: Música popular; **20.30**: Temas de desporto; **21.00**: Música variada; **22.00**: Conjuntos; **22.30**: Forma e conteúdo, trissemanário das artes e das letras; **23.00**: Programa da noite; **24.00**: Jornal da meia-noite.

**2.º Programa**

**18.00**: Música portuguesa; **19.00**: Música de cravo francesa; **19.30**: Cancioneiro popular; **20.00**: Música de câmara; **21.05**: Ópera; **22.05**: Curiosidades musicais; **23.00**: Intercâmbio musical; **23.35**: Música do Barroco; **01.00**: Fecho.

**Rádio Comercial (294m)**

**17.03**: Contacto; **17.40**: Trânsito; **18.10**: Música; **18.45**: O mundo da Fórmula 1; **19.03**: Carros roubados/SOS; **19.45**: Teatro trágico; **20.03**: Quando o telefone toca; **20.30**: Cartaz; **20.40**: Música para meditar; **21.03**: Quando o telefone toca; **22.03**: Hóquei em patins.

**Emissão Estereofónica**

**16.03**: Rock em stock; **16.30**: Rock por letras; **19.03**: Em órbita; **21.03**: Café concerto.

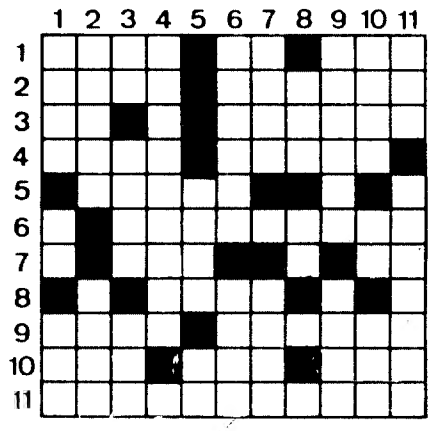
**RÁDIO RENASCENÇA**

**18.06**: Apelos; **18.15**: Igreja em notícia – palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço do Externato do Parque; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00**: 60 minutos; **20.54**: Apelos; **21.05**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **21.30**: Temas vivos; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **23.30**: Actualidade económica; **23.55**: Fecho.

# palavras cruzadas

## COM PROVÉRBIO

### PROBLEMA N.º 12 590



**HORIZONTAIS:**

1 Freguesia do concelho e distrito de Leiria. Artigo definido. Preposição.
2 Sugue o leite materno. Mulher da Polónia.
3 Grande ribeira da Ásia Russa. Sacrificar.
4 Descrédito. Macacos americanos.
5 Fulgir.
6 Afastava.
7 Fecho as asas para descer mais depresa. Clima.
8 Vela de moinho.
9 Estimas. Acorrenta.
10 Ecoo. Nome de letra. Rata.
11 Designásseis.

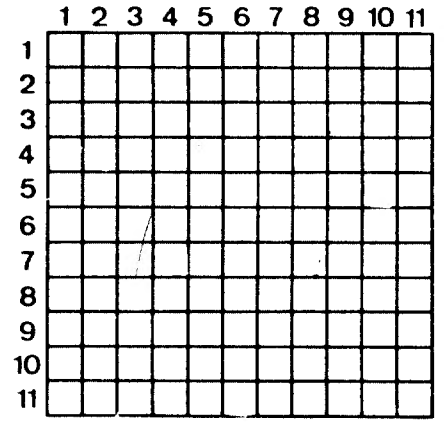
**VERTICAIS:**

1 Paixão. Pronome reflexo. Pega.
2 Sugar o leite materno. Patrões.
3 Moderato (inv.). Vais para fora. Preposição e artigo (pl.).
4 Incidirias.
5 Anéis. Prefixo de privação.
6 Preparara com ópio. Salário.
7 Reúno. Estimas.
8 Rio de França. Prefixo de negação.
9 Que tem calos. Dê urros.
10 Vazias. Vossa Alteza. Rata.
11 Oceano. Dais marradas.

**Resolveu completamente este problema?**
**Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.**

## NOVA MODALIDADE

### PROBLEMA N.º 8 650



**HORIZONTAIS:**

1 Cognome de um dos reis de Portugal. Berilo (s.q.). Apelido.
2 Zombas. Prendeis com elos.
3 Falhas. Raer.
4 Nome de letra.
5 Vais para fora. Sistema (fig).
6 Nome de ave. Ósmio (s.q.).
7 Pronome pessoal. Larva das feridas dos animais. Rumor. (fig).
8 Nota musical. Carta de jogar. Nota musical. Amónio (s.q.).
9 Venera (Prov.). Estimar.
10 Tareia (Prov.). Estimar.
11 Guarneceis de asas. Em má hora. (ant.).

**VERTICAIS:**

1 Derrote. Clareira no mato (Prov.).
2 Carimbados.
3 Apelido. Sufixo que designa abundância.
4 Caminho. Seguia. Lavrai.
5 Restos mortais. Emprega.
6 Érbio (s.q.).
7 Cidade da Albânia. Fileira.
8 Adoptar. Lavrar.
9 Jarro (planta). Estima.
10 Nota musical. Tocaram de leve.
11 Tosto. Adicionara.

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 589

**HORIZONTAIS:**

1 MENTE. Trama.
2 Eró. Mói. QUE.
3 Lama. Cu.
4 Seca. Irene.
5 Serafim.
6 Rs. Ras. Cs.
7 Rapar. Cera.
8 Ulo. Ada. Ada.
9 FEDE. Animes.
10 Ame. Arta. Ta.
11 Samba. Amues.

**VERTICAIS:**

1 Mel. Arrufas.
2 Eras. Salema.
3 Nomes. Podem.
4 Acera.
5 Em. Arara. Aa.
6 Os. As. Dar.
7 Ti. If. Canta.
8 Crime. Iam.
9 Aquém. Mar.
10 Mu. Cadete.
11 Aéreas. Asas.

**Provérbio:** MENTE QUE FEDE.

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8 649

**HORIZONTAIS:**

1 Garra. Porto.
2 Repicarias.
3 Ais. Rãs. Mit.
4 Ba. Mossa. Si.
5 Sol. Aia.
6 Roa.
7 Havre. Casca.
8 Or. Astro. Al.
9 Rol. Tui. Uni.
10 Ataca. Malha.
11 Sasão. Eu. AR.

**VERTICAIS.**

1 Aba. Horas.
2 Ária. Marota.
3 Res. Lãs.
4 Pr. Moira. Cá.
5 Airol. Estão.
6 Cãs. Tu.
7 Passa. Crime.
8 Or. Airão. Au.
9 Rim. Aos. Ul.
10 Tais. Acanha.
11 Óstia. Aliar.

# farmácias

## Lisboa

**PERMANENTE**

**TELES**, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ZIL**, Av. da Igreja, 9-D (T. 311216); **ONILDA**, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **AZEVEDO, FILHOS**, Rossio, 31 (T. 895370); **ZIEMA**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **COMBRO**, C. do Combro, 78-82 (T. 326059); **OURIQUE**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **ESTEFÂNIA**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 44438); **CENTRAL DO LUMIAR**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 790480); **LATINA**, Av. António Augusto Aguiar, 17-A (T. 42312); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C (T. 880703); **VITEX**, E. de Benfica, 373-B (T. 780549); **ALMEIDA NIFO**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070); **LEITÃO**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 910051); **CÉSAR FERNANDES**, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

**REFORÇO**

**MENDES GOMES**, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ESTADOS UNIDOS**, Av. Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **FIGUEIRAS**, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 44995); **SIMÕES**, C. Tojal, 102-A (T. 749649); **ZIRA**, P. Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **DIMAR**, R. Conde Monsaraz, 17-B (T. 842533); **CUNHA**, R. Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **PINHEIRO**, R. Presidente Arriaga, 16 (T. 603054); **CORREIA**, E. Principal, lote 172 (T. 993148); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **MATOS**, T. Prioras, Vivenda Morgadinho (T. 2519939).

## Outra Banda

**COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, E. das Barrocas, 50-A (T. 2494182); **ALMADA: Cristo Rei**, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498); **LARANJEIRO: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2499911); **COSTA DA CAPARICA: Chal**, Av. General Humberto Delgado, 7-C (T. 2403218); **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO: Higiene**, R. D. Manuel I, 178 (T. 2073017); **AMORA: Julieta Campos**, R. Ribatejo, 2, Cruz de Pau (T. 2211131); **SEIXAL: Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560); **MONTIJO: Diogo**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032); **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS: Guamão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

## Linha de Cascais

**TIRES: Guimarães**. Até às 21 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**. Até às 21 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**. Até às 21 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839); **OEIRAS: Mourão Vaz**. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**. Até às 21 horas; **CARCAVELOS: Central**. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Vilar**. Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87 (T. 2471204). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**. Até às 21 horas; **AMOREIRA: Amoreira** (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 21 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Até às 21 horas; **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

## Linha de Sintra

**AMADORA: Melo**, P. D. João I, 9-B (T. 932756). Permanente; **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ: Zeller**, R. da República, 83 (T. 950045); **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669); **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D; **AGUALVA-CACÉM: Mira Sintra**, P. N. Torre, 310. Até às 20.30; **MEM MARTINS: Quimia**, E. Mem Martins, 285 (T. 2910012). Até às 24 horas; **MERCÊS: Claro Russo**. Permanente; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Até às 23 horas; **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (T. 2930058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

---

**MOSCAVIDE: Santa Bárbara**, R. Francisco M. Bento, 75 (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM: Soares**, R. José Morais, 15-A (T. 251802). Até às 22 horas.

## Porto

**DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS**

**CAMPOS**, R. Padre Luís Cabral, 943, Foz (T. 680113); **ALVES MOREIRA**, Av. Rodrigues de Freitas, 167 (T. 51889); **CLÉRIGOS**, R. dos Clérigos, 36 (T. 315394); **CRUZ**, R. de Costa Cabral, 1062 (T. 480041); **MONTE DOS BURGOS**, R. do Monte dos Burgos, 802 (T. 62279); **ALIANÇA**, R. da Conceição, 2 (T. 24203); **GUARANI**, R. Pedro Hispano, 367 (T. 62250); **MENESES DE LIMA**, P. Dr. Teotónio Pereira, 227 (T. 51764).

**DE DIA E TODA A NOITE**

**LIDADOR**, R. do Lidador, 265 (T. 683739); **ESTÁCIO**, Rua Sá da Bandeira, 120 (T. 22664); **BOTELHO**, R. da Alegria, 863 (T. 480069); **MAIA**, R. do Campo Alegre, 192 (T. 64450).

## Coimbra

**(Das 9 horas, às 9 do dia seguinte)**

**SILCAR**, R. Fer. Borges, 88-94 (T. 22923); **S. SEBASTIÃO**, R. António Jardim (T. 72802).

# cartaz de cinemas e teatros

### abCINE — 803055
**Centro Comercial de Alvalade**

SALA A 4.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45 – N. ac. men. 13 a.
**AS ASAS DA ÁGUIA**
SALA B às 15, 17, 19, 21.30 e 23.45 – 13 a.
**MANHATTAN**
de Woody Alen

### ALVALADE — 897480
**Av. de Roma**

Às 14.30, 18 e 21.30 – Para Todos
A mais bela história de sempre
**MÚSICA NO CORAÇÃO**
c/ Julie Andrews e Christopher Plummer

### APOLO — 763319
**Av. Júlio Dinis, 10-A**
Estreia às 21.30 – N. ac. men. 18 a.
**APOCALYPSE NOW**
c/ Marlon Brando, Robert Duvall e Martin Sheen
Às 13.30, 15.30, 17.30 e 19.30
**JOGO BAIXO** – N. ac. men. 13 a.
Às 24 – Int. men. 18 a.
**ZOMBIE, A MALDIÇÃO DOS MORTOS-VIVOS**

### AVIS — 547163
**Av. Duque D'Avila, 45**
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
depois de **A Liceal**
● **Garota Para Todo o Serviço**
Glória Guida surge mais perturbante em
**PECADOS DA JUVENTUDE**
3.ª Semana

### BERNA — 776098
**Av. Marquês de Tomar**
Estreia às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
**O CAMINHO DAS ESTRELAS**
c/ William Shatner, Leonard Nimoy e DeForest Kelley
Um filme de Robert Wise
Às 16.30 e 19 – Int. men. 13 a.
**O CAMPEÃO**

### CALEIDOSCÓPIO — 795093
**Campo Grande**

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – Para Todos
Alegria, música, aventura
**BAMBI**
Um filme de Walt Disney Productions

### CASTIL — 530194
**Rua Castilho**

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
O sistema de justiça é uma gigantesca e complexa máquina
Al Pacino em
**E JUSTIÇA PARA TODOS**
Um filme de Norman Jewison
3.ª Semana

### CINE 222 — Tel. 579460
**Av. Praia da Vitoria, 37 (Ao Saldanha)**

Estreia às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
**KRAMER CONTRA KRAMER**
c/ Dustin Hoffman
Às 23.45 – N. ac. men. 18 a.
**CIDADE VIOLENTA**
c/ Charles Bronson

### CINEBOLSO — 573407
**Rua Actor Taborda, 27-B**

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19. e 21.30
Int. men. 18 anos
Encontros sexuais de todos os graus
**PERVERSÕES SEM LIMITES**
pornográfico Hard Core
Às 24 – N. ac. men. 13 a.
**A VERDADEIRA HISTÓRIA DE BRUCE LEE**

### CINE CAMÕES — 324194
**Rua do Loreto, 15**

Às 14, 16.30 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
**O SEGREDO DE UMA PAIXÃO**
c/ Sunil Dutt, Vini Mumtaz e Balraj Sahani
Um filme de B. R. Chopra

### CONDES — 322523
**Av. da Liberdade, 2**

Às 14.30, 18 e 21.30 – Para Todos
A mais bela história de sempre
**MÚSICA NO CORAÇÃO**
c/ Julie Andrews e Christopher Plummer

### DOIS MIL — 2100055
**Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés**

Às 15.30, 18 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
**LAÇOS DE SANGUE**

### D. JOÃO V — 971794
**Praça Centro Comercial – Damaia**

Às 21.30 – N. ac. men. 18 a.
**AVALANCHE**
Às 24 – N. ac. men. 13 a.
**CRUZEIRO PARA O INFERNO**

### EDEN — 320768
**P. dos Restauradores, 21**

Estreia às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
**O CAMINHO DAS ESTRELAS**
c/ William Shatner, Leonoard Nimoy e DeForest Kelley
Às 14, 16.30 e 19 – N. ac. men. 18 a.
– Últimas
**O ÚLTIMO COMBOIO DO KATANGA**

### ESTUDIO — 555134
**Av. Afonso Henriques, 35**

Estreia às 21.30
O filme indispensável para entender Tintin
**EU, TINTIN**
Às 15.30 e 18.30 – Últimas
**OS HOMENS NÃO PODEM SER VIOLADOS**

### ESTUDIO 444 — 779095
**Av. Defensores de Chaves, 83**

15.30, 18.30 e 21.30 — Int. men. 13 a.
**E A TERNURA?... UMA OVA**
Complexados, ternos, românticos, obcecados e feministas já rebentaram de riso com o triunfo do ano em França e **Bernard Girsudeau**
3.ª Semana

### EUROPA — 661016
**R. Almeida e Sousa, 35**

Às 15.15 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
**MISSÃO GALÁTICA: CUCLON ATACA**
c/ Richard Hatch, Dirk Benedict e Lrone Greene
Às 24 – Int. men. 13 a.
Sessão da Meia-Noite
**ATENTADO AO PRESIDENTE**
c/ Gene Hackman e Candice Bergen

### IMPERIO — 555134 5
**Al. Afonso Henriques, 35**

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
Um tema absorvente de suspense fora de série
**ENCONTRO COM O PERIGO**
c/ Robert Mitchum
2.ª Semana

### LONDRES — 801313
**Av. de Roma, 7-A**

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
**O CASAMENTO DE MARIA BRAUN**
c/ Hanna Schygulla, Klaus Lowitsch e Iwan Desny

### MONUMENTAL — 555131
**P. Duque de Saldanha**

Estreia às 21.30 – N. ac. men. 18 a.
**APOCALYPSE NOW**
c/ Marlon Brando, Robert Duvall e Martin Sheen
Às 15.15 e 18.15 – 13 a.
– Últimas
**LAÇOS DE SANGUE**

### MONTECARLO — Tel. 681117
**A. Pedro Alvares Cabral, 37**

Às 15, 17 e 19 – N. ac. men. 13 a.
– Últimas
**PARAÍSO DE SURPRESAS**
Um filme de Jean-François Davy
Estreia às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
**O CAMINHO DAS ESTRELAS**
c/ William Shatner, Leonard Nimoy, DeForest Kelly e James Doohan
Um filme de Robert Wise

### MUNDIAL — 538743
**R. Martens Ferrao, 12-A**

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – Int. men. 13 a.
**O CAMPEÃO**
c/ Jon Voight, Faye Dunaway e Ricky Schroder
Um filme de Franco Zeffirelli
7.ª Semana

### NIMAS — 574362
**Av. 5 de Outubro, 42-B**

Às 14, 17.45 e 21.30
**A ARVORE DOS TAMANCOS**
Um filme de Ermanno Olmi
Palma de Ouro do Festival de Cannes
Melhor filme da década de 70, considerado unanimemente pelos críticos americanos e italianos, como um dos melhores filmes do ano

### NOVOCINE — 840678
**Av. General Roçadas, 7**

Às 15.15 e 21.30 – Int. men. 13 a.
Um filme indiano de grande ternura
**DOIS SERES UMA VIDA**
c/ Simi Garewal e Nazneen

### ODEON — 326283 4
**R. Condes, 12 a 20**

Às 15.15, 18.15 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
Amor, canções, danças
**O PREÇO DO PECADO**
c/ Asha Parech e Ralesh Khanna

### PATHÉ — 821933
**R. Francisco Sanches, 122**

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 – Int. men. 13 a.
**OS SETE FANTÁSTICOS**
c/ Elke Sommer e Christopher Connelly

### POLITEAMA — 326305
**R. Portas de St.º Antao**

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 – Int. men. 13 a.
Depois dos 7 magníficos
**OS 7 FANTÁSTICOS**
c/ Christopher Connelly, Christopher R. Lloyd e Elke Sommer

### QUARTETO — R. Flores do Lima, 16 — 771378

SALA 1 às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 – Int. men. 13 a.
**O HOMEM QUE MATOU O PASSADO**
de Stuart Cooper
SALA 2 às 15, 17, 19, 21.30 – N. ac. men. 18 a.
**RECORDA O MEU NOME**
de Alan Rudolph

SALA 3 às 14, 16.30, 19, 21.30 – N. ac. men. 18 a.
**O AMIGO AMERICANO**
de Wim Wenders
SALA 4 às 14.30, 16.45, 19, 21.30 – N. ac. men. 18 a.
**ADEUS MACHO**
de Marco Ferreri

### RESTELO — 610375
**Av. Torre de Belém**

Às 15.30 e 21.30 – Int. men. 13 a.
Um filme de acção empolgante
**METEORO**
c/ Sean Connery, Natalie Wood e Karl Malden
5.ª Semana

### ROMA — 887778
**Av. de Roma, Lote JRB**

Às 21.30 – N. ac. men. 18 a.
Estreia de grande sensação
Grande Prémio do Festival de Cannes 1979
**APOCALYPSE NOW**
Às 15.30 e 18.30 – Últimas
**JÁ SE VIU TUDO**

### ROXY — 548560
**Av. Almirante Reis, 20**

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30
Int. men. 13 anos
**E JUSTIÇA PARA TODOS**
Um filme extraordinariamente importante
Col. Al Pacino, Jack Warden e John Forsythe

### SÃO JORGE — 579144-579344
**Av. da Liberdade, 175**

Às 15.15, 18.15 e 21.30 – Int. men. 13 a.
Um filme explosivo
**CUBA**
c/ Sean Connery e Brooke Adams
Um filme de Richard Lester

### SATÉLITE — 562632
**Av. Fontes Pereira de Melo, 61**

4 sessões:
15.00 17.00 19.00 21.45h
Não acons. men. 18 anos
**PROCESSO ARQUIVADO POR ORDEM REAL**
Christopher Plummer, James Mason, Donald Sutherland
10.ª Semana

### STAR — 804210
**Av. Guerra Junqueiro, 14-C**

Às 15, 18 e 21.30
Romy Schneider na sua maior criação
**A MORTE EM DIRECTO**
c/ Romy Schneider, Harvey Keitel e Max Von Sydow

### TERMINAL — 371573
**Estação do Rossio**

Estreia às 21.30 e 23.30 – N. ac. men. 13 a.
**KRAMER CONTRA KARMER**
c/ Dustin Hoffman, Mary Streep e Justin Henry
Às 11, 13, 17 e 19 – N. ac. men. 18 a.
**UMA MULHER DE SONHO**

### TIVOLI — 570595
**Av. da Liberdade, 188**

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – Para Todos
Alegria, música, aventura
**BAMBI**
Um filme de Walt Disney Productions

### VOX — 880808
**Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879**

Às 15, 18.15 e 21.30 – Int. men. 13 a.
O mais espectacular Charles Bronson
**A AVENTURA COMEÇA EM CABO BLANCO**
4.ª Semana

### ZODIACO — 570151
**Rua Conde de Redondo, 5**

Às 14.30, 17.30 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
**UMA QUESTÃO DE SORTE**
Às 24 – N. ac. men. 18 a.
Sessão Especial
**UMA MULHER CHAMADA APACHE**

# teatros

**TEATRO DO NOSSO TEMPO** – «O Principezinho», às 21.30 (8 anos)
**TRINDADE** – «A Invasão», às 20.30 e 22.45 (13 anos)
**MARIA MATOS** – «Filomena Marturano», às 21.45 (13 anos)
**TEATRO ABERTO** – «Andorra», às 21.45 (13 anos)
**LAURA ALVES** – «O Gato», às 21.45 (13 anos)
**BARRACA** – «Preto no Branco», às 21.30 (13 anos)
**COMUNA** – «O Dragão», às 21.45 (13 anos)
**VARIEDADES** – «Isso é que Era Bom», às 20.30 e 22.45 (18 anos)

## Outros Espectáculos

### Lisboa

**CAPITÓLIO** – «As Insaciáveis do Sexo», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
**OLÍMPIA** – «A Angariadora», sessões permanentes (18 anos)
**CITY CINE** – «A Morte em Directo», às 21.30 (18 anos)
**CINEARTE** – «Os Guerreiros da Atlântida», às 21.30 (13 anos)
**PROMOTORA** – «O Agiota», às 21.30 (13 anos)
**ROYAL** – «A Ilha dos Ursos», às 21.30 (13 anos)
**PARIS** – «Febre de Primavera», às 21.30 (13 anos)

# outros cinemas

## Linha de Cascais

**ALGÉS – Stadium** – «O Cosmonauta Perdido», às 21.30 (13 anos)
**ESTORIL – Casino** – «Alien, o 8.º Passageiro», às 17.00 e 21.15 (18 anos)
**ESTORIL – Palácio** – «Cactus Jack o Vilão», às 21.15 (13 anos)
**CASCAIS – Impala** – «Laços de Sangue», às 21.30 (13 anos)
**CASCAIS – Oxford** – «Uma Aventura Para Dois», às 21.30 (13 anos)

## Linha de Sintra

**AMADORA – Lido** – «Os Fugitivos de Alcatraz», às 21.30 (13 anos)
**AMADORA – Cinestúdio** – «Perdido e Achado», às 21.30 (13 anos)
**CACÉM – Estúdio Flores** – «O Grande Ataque», às 21.30 (13 anos)
**MEM MARTINS – Cine Chaby** – «Ruby», às 21.30 (18 anos)
**SINTRA – Carlos Manuel** – «Um Homem, Uma Mulher e um Banco», às 21.30 (13 anos)

**SACAVÉM – S. José** – «Laranja Mecânica», às 21.30 (18 anos)

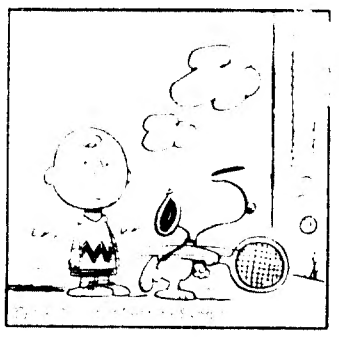
## Outra Banda

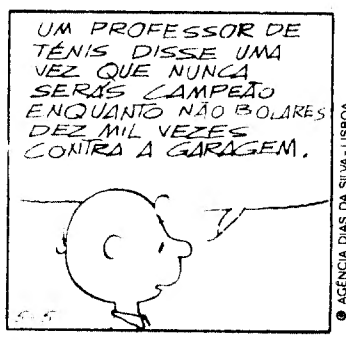
**ALMADA – Incrível** – «Um Dia Inesquecível», às 21.15 (13 anos)
**ALMADA – Academia** – «A 13.ª Esquadra», às 21.30 (13 anos)
**SETÚBAL – Júpiter** – «Aeroporto 80», às 21.15 (13 anos)

## Porto

**SÁ DA BANDEIRA** – «A Tocar é que a Gente se Entende», às 21.30 (18 anos)
**LUMIÈRE-A** – «A Situação é Grave mas... Não Desesperada», às 21.30 (13 anos)
**LUMIÈRE-L** – «Iphigenia», às 21.45 (13 anos)
**ÁGUIA** – «O Campeão», às 21.15 (13 anos)
**COLISEU** – «Apocalypse Now», às 21.30 (18 anos)
**S. JOÃO** – «O Caminho das Estrelas», às 21.30 (13 anos)
**JÚLIO DINIS** – «Lágrimas de Amor», às 21.30 (18 anos)
**OLÍMPIA** – «Os Demónios do Karate», às 21.45 (18 anos)
**RIVOLI** – «Os Aventureiros», às 21.30 (13 anos)
**FOCO** – «Os Bons e os Maus», às 21.30 (13 anos)
**TRINDADE** – «Uma Mulher de Sonho», às 21.30 (18 anos)
**BATALHA** – «As Motos da Morte», às 21.45 (18 anos)
**CHARLOT** – «Sonata de Outono», às 21.30 (18 anos)
**SALA BEBÉ** – «Taxi Driver», às 21.45 (18 anos)
**ESTÚDIO** – «Terror no Museu das Máscaras de Cera», às 21.30 (13 anos)
**VALE FORMOSO** – «Bambi», às 21.30 (6 anos)
**PASSOS MANUEL** – «O Caminho das Estrelas», às 21.30 (13 anos)
**CARLOS ALBERTO** – «O Mistério das Areias», às 21.45 (13 anos)


**VINHO CAMPINO**
**PARA QUEM É EXIGENTE**
*Sociedade dos Vinhos do Sul, L.da*
ARMAZENISTAS – EXPORTADORES
– WINE EXPORT –
SEDE AZAMBUJA
ESCRITÓRIO CENTRAL AV. ALMIRANTE REIS 45-4.º Dto.
TELS. LISBOA – 843391/2
AZAMBUJA 053 – 42150
TELEX – 12346 SULVIN p



DL
PROPRIEDADE DA:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração: Rua Castilho, 185 - 1.º
Telefones 654531/2/3 - 1100 Lisboa
Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telefones 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade 368740
Serviço Noite (Depois das 21)
Porteiro 321154
Mensagens Gravadas 320229
Endereço Telegráfico Diboa
Telex 12363 Lisboa Portugal
Delegação do Porto: Rua do Almada, 30
Telefones 20954/5 - 4000 Porto

## Sartre hospitalizado

O filósofo e escritor francês Jean-Paul Sartre foi ontem internado num hospital de Paris e assistido de emergência com oxigénio.

Sartre padece de um edema pumonar, doença que afecta as pessoas que sofrem de hiperensão e insuficiência cardíaca. Não serão divulgados boletins médicos sobre o estado de saúde do escritor, de 74 anos, a pedido da sua família.

Sartre deixou de escrever há quase uma década devido à sua saúde precária e raramente saia do seu apartamento. Actualmente encontra-se parcialmente cego.

## Professores efectivos já estão colocados

As listas de colocação dos professores efectivos dos ensinos preparatório e secundário foram hoje publicadas no Diário da República, em suplemento à segunda série.

É esta a primeira fase da colocação dos professores para o próximo ano lectivo, a que se segue a colocação dos provisórios e eventuais.

## Papel de jornal aumenta de novo

Ligado ao câmbio do dólar americano, o preço do papel de jornal utilizado pelos jornais portugueses voltou a aumentar, atingindo praticamente o nível resultante da revalorização do escudo operada em meados de Fevereiro passado. Com efeito, o escudo desvalorizou já cerca de 5% em relação ao dólar, ficando assim na prática anulada aquela revalorização. Neste caso concreto foi assim de curta duração a vantagem, para os jornais (que utilizam só papel importado) daquela medida governamental.

FEIRAS E EXPOSIÇÕES 1980
VIAGENS ESPECIAIS COM ALOJAMENTO
FRANKFURT
Feira Int. de Instrumentos Musicais 22 a 26 FEV
Feira Internacional 1 a 5 MAR
PARIS
Feira Int. da Agricultura / Feira Int. Maquina Agricola 1 a 5 MAR
Salão Int. do Pronto-a-Vestir feminino e (boutique) 28 MAR a 1 ABR / 29 MAR a 2 ABR
Salão Int. de Maquinas para Trabalhar Madeira 25 a 29 ABR
BARCELONA
Salão Internacional da Alimentação 7 a 11 MAR
BILBAO
Bienal da Maquina Ferramenta 22 a 25 MAR
MILÃO
Feira Internacional de Amostras 13 a 17 ABR / 17 a 21 ABR / 21 a 24 ABR
HANNOVER
Feira Internacional de Amostras 17 a 21 ABR / 21 a 25 ABR
MILÃO + HANNOVER
2 Feiras Int. de Amostras 13 a 21 ABR / 17 a 25 ABR
NUMERO LIMITADO DE LUGARES
INFORMAÇÕES E RESERVAS
abreu
fundada em 1840
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 31 79 21
LISBOA Av. da Liberdade 160 • Telef. 37 13 41
COIMBRA Rua da Sofia, 2 • Telefs. 2 20 11 2
FARO Av. da Republica, 124 • Telefs. 250 15 6

Amanhã

# Concentração na Praça da Figueira contra o aumento do custo de vida

Com início às 16 horas, vai realizar-se amanhã, na Praça da Figueira, uma concentração de protesto contra o aumento do custo de vida e para exigir do Governo a adopção de uma política que sirva os interesses dos trabalhadores, respeite os seus direitos e a Constituição.

A concentração foi convocada pela União dos Sindicatos de Lisboa e os respectivos departamentos de mulheres e juventude; a comissão distrital do Movimento Unitário de Reformados, Pensionistas e Idosos (MURPI); o Movimento Democrático de Mulheres (MDM); as Comissões Unitárias de Mulheres contra o aumecto do custo de vida (CUM's) e a Comissão Coordenadora das Comissões de Moradores.

Relativamente às razões que levaram à convocação desta concentração, falaram ao «DL» dois dirigentes da União dos Sindicatos de Lisboa, João Silva e Zita Braga.

João Silva começou por nos dizer que os recentes aumentos dos produtos de primeira necessidade atingem não só os trabalhadores como também a classe media e afecta-nos de forma brutal, agravando ainda mais as suas condições de vida. Referiu o aumento do pão, em cerca de 20 por cento, da margarina 17, do açúcar 25, das massas 17,6 por cento, do queijo, 18, do arroz 20 e do óleo, 21,5 por cento.

E em seguida prosseguiu: «Ao contrário das promessas eleitoralistas da AD na última campanha eleitoral, aquilo que se verifica é o agravamento geral das já precárias condições de vida da população. Hoje já todos sentem os efeitos da política desenvolvida pelo Governo Sá Carneiro, política de recuperação cqpitalista, de restauração dos privilégios abolidos da nossa sociedade pela revolução de Abril. Esta concentração visa, pois, exigir a reposição do poder de compra das populações e do povo em geral, através de uma política salarial justa, que vá ao encontro das suas necessidades e aspirações».

Zita Braga, por seu turno, fez alusão à dramática situação dos reformados, actualmente com uma pensão de 3100$00. «Como é que eles (reformados) conseguirão sobreviver com estes aumentos de preços que promete continuar em flexa?», interrogou e prosseguiu: «Já não falando das pensões de sobrevivência que foi aumentada para 1800...».

Fez ainda questão de sublinhar que esses aumentos já haviam sido decretados pelo Governo de Lurdes Pintasilgo. «O que aconteceu é que o Governo da AD, ao assumir o poder, congelou aqueles aumentos e meio agora, triunfante, pô-los em execução para fazer crer que se trata de uma medida sua». «E o mais grave éque, com tudo isto, os reformados perderam alguns meses de aumento».

Ambos os dirigentes da USL sublinharam que esta acção de massas não visa combater o Governo por razões políticas, no sentido partidário. No entanto, as suas razões são políticas, na medida em que o Executivo de Sá Carneiro prossegue a defesa dos interesses dos grandes capitalistas: é um Governo do patronato e dos monopólios e o que pretende é atacar os trabalhadores, as conquistas de Abril, a Keforma Agrária e «mandar a Constituição da República para o caixote do lixo».

E a terminar manifestaram a certeza de que a concentração vai ser um êxito, com a adesão de muitos trabalhadores e do povo que sente no dia-a-dia que a política seguida por este Governo piora cada vez mais as suas condições de vida, sendo esta concentração uma jornada de luta para dizer «basta!, queremos uma nova política, que sirva os nossos interesses».

**Manifestação no Porto**

Foi igualmente convocada para amanhã, às 15 e 30, na Praça Humberto Delgado, no Porto, uma manifestação de protesto contra a política do Governo, contra a carestia de vida, e de defesa das conquistas de Abril, da Constituição e do regime democrático.

A esta manifestação deram já o seu apoio mais de 150 organizações de trabalhadores.

Surpresa na Catalunha

# Derrota do PSOE

MADRID, 21 (do nosso correspondente, Fernando Jauregui) – Houve surpresas nas eleições da Catalunha. O nacionalismo do partido moderado «Convergência e União», encabeçado por Jordi Pujol, derrotou esmagadoramente o Partido Socialista, obtendo 43 lugares, face aos 35 alcançados pelo PSC, braço do PSOE. Outra formação de carácter nacionalista, a histórica «Esquerda Republicana de Catalunha», ficou em quinto lugar, obtendo 14 assentos quando se esperava que obtivesse apenas dois ou três.

Os comunistas catalães PSUC, foram a terceira força política mais votada, obtendo 25 mandatos. A UCD, voltou, como esta previsto, a repetir os seus fracassos autonomistas, conquistando 18 lugares, apenas mais quatro que o pequeno partido «Esquerda Republicana». Outra surpresa foi o facto de o Partido Socialista Andaluz, que se apresentava nas eleições catalãs reclamando o voto dos emigrantes, ter obtido dois lugares. Em contrapartida, a coligação direitista «Solidariedade Catalã», a despeito dos seus elevados investimentos na campanha eleitoral, não conseguiu nenhum dos 135 lugares que constituirão o Parlamento da Catalunha.

Todos os sectores políticos espanhóis, que previam a vitória do Partido Socialista nas eleições para o Parlamento Autónomo catalão, ficaram surpreendidos com a vitória da «Convergência e União». Trata-se de um partido formado em 1974, com apenas 20 mil militantes, ainda que goze de uma grande tradição histórica nacionalista e do prestígio do seu líder, Jordi Pujol. Nacionalista ferrenho, falando um espanhol que evidencia a sua origem catalã, Pujol, de 50 anos, deverá ser o presidente do Governo Autónomo da Catalunha.

O próprio Pujol confessava esta madrugada, através da rádio, que o seu sonho foi sempre ser presidente do Governo Autónomo da Catalunha uma região que conta com algumas das empresas mais fortes de Espanha.

Com o triunfo obtido nas eleições de ontem, Pujol dá por bem empregados os anos de esforços e de prisão na época franquista (passou dois anos e meio na prisão por causa das suas ideias nacionalistas). Pujol foi o constante impulsionador de empresas privadas na Catalunha, como bancos e jornais, por exemplo. Considera-se uma mescla de liberal e social-democrata, assim como um acérrimo anticomunista. De momento, declarou que a única formação com quem não pretende já, de entrada, estabelecer pactos eleitorais será o PSUC.

No entanto, por não ter obtido maioria absoluta, Pujol terá que pactuar com alguma outra formação política para poder chegar à presidência da «Generalitat» e formar um Governo autónomo com certas garantias de estabilidade.

Isso abre a possibilidade de que Adolfo Suarez e a sua UCD tem de negociar com Pujol. Não é de afastar a hipótese, ainda, de uma aliança entre «Convergência e União e a Esquerda Republicana da Catalunha liderada por Barrera, se bem que este último não lhe proporcione uma maioria absoluta, ante a possibilidade de uma aliança entre os socialistas e os comunistas. Resta finalmente a possibilidade de que Pujol tente acordar com a segunda força no Parlamento Catalão, os socialistas de Reventorz. Mas isto parece o menos provável, já que ideologicamente a «Convergência e União» está muito mais próxima da UCD que do PSOE.

Um acordo parlamentar entre a UCD e a «Convergencia» abriria, finalmente, muitas possibilidades ao primeiro-ministro Suarez de transformar o seu partido fna Catalunha e tentar a sua fusão com os nacionalistas moderados. Porém, tudo isto é hipotético e resta esperar pelas soluções que o chefe do Governo espanhol anuncie nas próximas horas ao país através da rádio e da televisão.

A Reforma Agrária em questão

# Governador civil de Beja faz guerra às câmaras

O plenário da Assembleia Distrital de Beja aprovou ontem, por unanimidade, uma moção de crítica à forma como se estão a processar as entregas de terra na zona da Reforma Agrária. Este documento, registe-se, não havia sido admitido na mesa, na sessão anterior, por o presidente daquele órgão autárquico, o governador civil, Parreira Cortez, ter considerado, então, tratar-se de um assunto de «política nacional», e, portanto, da competência exclusiva da Assembleia da República. Tendo posteriormente declarado aos jornalistas, no decorrer da recente visita àquele distrito, de alguns membros do Governo, que a moção constituia um apelo à insurreição, e à violência», facto que motivou uma enérgica reacção por parte dos presidentes das Câmaras que escutaram estas declarações.

Na reunião de ontem, o Parreira Cortez não esteve presente delegando a presidência no dr. José Oliveira da Silva, secretário do Governo Civil, que foi de parecer oposto e admitiu, portanto, o documento para discussão e votação; tendo votado a favor os representantes de treze das catorze Câmaras do distrito (ausente apenas a Câmara de Ourique, de maioria AD). A falta de comparência do governador civil aos trabalhos foi criticada, com veemência, pelo presidente da Câmara de Odemira, dr. Justino dos Santos, que considerou esta atitude «como uma afronta aos representantes autárquicos, uma tomada de posição desleal, de quem não sabe arcar com as responsabilidades assumidas».

# Conselho Nacional do Plano "lê" o Orçamento

O Governo pediu ao Conselho Nacional do Plano que marque uma reunião para analisar a Proposta de Lei das Grandes Opções do Plano para 1980 – declarou o ministro Cavaco e Silva.

Para o efeito, o Conselho Nacional do Plano poderá reunir-se em S. Bento, na quinta-feira.

O socialista Henrique de Barros é o presidente do Conselho Nacional do Plano, um organismo a quem cabe pronunciar-se sobre as grandes opções do plano.

# Banco do Brasil abre delegação no Porto

PORTO, 21 – Com a presença de representantes diplomáticos, muitos convidados e elementos da Banca, foi ontem à tarde inaugurada, no Porto uma agência do Banco do Brasil, tendo presidido à cerimónia o respectivo presidente, Roberto Colin.

Em reunião com a Imprensa, antes da cerimónia oficial e da benção das instalações por um sacerdote, o presidente daquela instituição bancária brasileira, onde o Estado possui 57 por cento do respectivo capital, disse que a nova agência prolonga a preocupação daquele banco em estar «primordialmente voltado para as relações luso-brasileiras» e em cooperar na «recuperação da economia portuguesa».

Como se sabe, o Banco do Brasil tem uma agência em Lisboa desde 1972 e o incremento das suas operações em Portugal corresponde á abertura duma agência da Caixa Geral dos Depósitos, de Portugal, no Brasil.

# O "Dia da Árvore"

**O «Dia da Árvore» está hoje a ser comemorado um pouco por todo o país, aparecendo este ano integrado nas celebrações do «Dia Florestal Mundial». Para as crianças (como aconteceu esta manhã (na foto), na Escola Manuel da Maia, em Campo de Ourique), a data serviu, sobretudo, para um avivar de laços de camaradagem, passando pelo contacto tão raro com a Natureza, em que a plantação de novas árvores e o colorir de desenhos alusivos funcionou como pretexto**

Começam hoje

# Jornadas do PS na Guarda

Principiam hoje, na Guarda, as Jornadas Parlamentares do Partido Socialista, que se prolongam durante todo o dia de amanhã.

A análise da estratégia parlamentar do PS, como maior partido de Oposição, será um dos pontos do debate, para além da aprovação de novas iniciativas legislativas por parte do Partido Socialista.

# PCP fala da CEE

A integração de Portugal na CEE e as suas consequências, são tema para dois colóquios do PCP. Assim, esta noite, na Assembleia distrital de Castelo Branco, Sérgio Ribeiro e Ilda Figueiredo falarão sobre o Mercado Comum. No próximo domingo, no salão dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim, Carlos Carvalhas, António Ávila e Diamantino de Matos, referir-se-ão, sobretudo, às consequências da entrada de Portugal na CEE.

**(Hoje 32 páginas)**

PRIMAVERA — 80
AUTO — FÉRIAS
PENSÃO COMPLETA
BENIDORME ..........450$00
TORREMOLINOS .....680$00
FUENGIROLA .........640$00
LLORET DEL MAR ....490$00
BENALMADENA ......830$00
SAN JUAN (Alicante) .560$00
LA MANGA ...........920$00
GANDIA (Valência) ....830$00
ALTEA (Benidorme) ...740$00
APARTAMENTOS NOS MESMOS LOCAIS
DESDE 210$00 p/PESSOA
Informações e reservas:
Agência de Viagens CATUR
LARGO DA BIBLIOTECA PUBLICA 17
telef. 36 79 74 (6 linhas) • LISBOA 2
OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS